
POR QUE
BONS ARGUMENTOS
NÃO FUNCIONAM?
Em busca de uma apresentação
mais persuasiva da mensagem de Cristo
JAMES W. SIRE


POR QUE
BONS ARGUMENTOS
NÃO FUNCIONAM?
Em busca de uma apresentação
mais persuasiva da mensagem de Cristo
JAMES W. SIRE

Todo fracasso da verdade em persuadir

reflete a fraqueza de seus defensores.

— Aristóteles

Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;
e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

— Jesus

POR QUE BONS ARGUMENTOS NÃO FUNCIONAM?

Em busca de uma apresentação mais persuasiva da mensagem de Cristo



JAMES W. SIRE

Por que bons argumentos não funcionam?, James W. Sire © 2023. Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês pela InterVarsity Press com o título Why good arguments often fail de James W. Sire. © 2006 by James W. Sire. Traduzido e publicado com permissão da InterVarsity Press P.O.Box 1400 Downers Grove, IL 60515 USA. www.ivpress.com

1ª edição 2023

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

S619p

Sire, James W.

Por que bons argumentos não funcionam? / James W. Sire; tradução Cláudia Vassão Ruggiero. – São Paulo : Cultura Cristã, 2023.

Título original: Why good arguments often fail

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-217-4

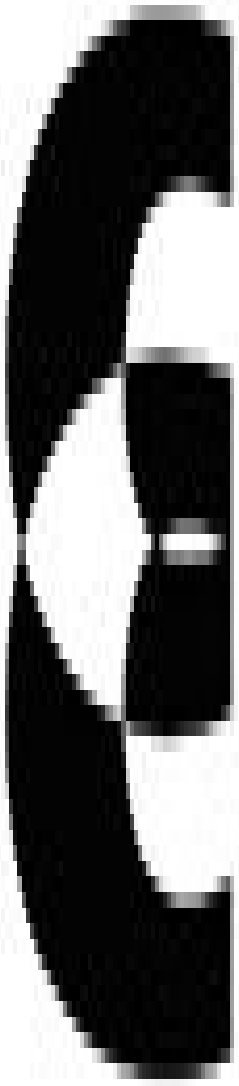
1. Pessoa e Obra de Cristo - Apologética I. Ruggiero, Cláudia Vassão II. Título

CDU 230.1

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição

da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Aos meus amigos no Starbucks,

onde meus argumentos falham vezes demais.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Eu creio – ajude-me na minha falta de fé: um testemunho crível

PARTE UM: FALÁCIAS LÓGICAS COMUNS

“O amor é uma falácia”, de Max Shulman

Vocês são todos uns hipócritas! Generalizações infundadas e apressadas

É perigoso acreditar que você está certo: causas e contradições

Você insultou a todos nós: sentimento, falsa analogia e o envenenamento do poço

PARTE DOIS: BONS ARGUMENTOS QUE MUITAS VEZES FALHAM

As pessoas não conseguem se comunicar. Como é? Arrogância, agressividade e inteligência

Não entendo: nossa interpretação falha da plateia

Que ideia absurda! Cosmovisões e evolução

Quem sou eu para julgar? Cosmovisões e relativismo

O coração quer o que quer: cegueira moral

PARTE TRÊS: BONS ARGUMENTOS QUE FUNCIONAM

Estou vendo que você é muito religioso: Paulo em Atenas

Mas por que devo acreditar em algo? O testemunho cristão em um mundo pós-moderno

A construção de argumentos eficazes: um guia literário

Notas bibliográficas

Agradecimentos

Seria impossível agradecer a todos os que contribuíram para que este livro chegasse à forma como se apresenta hoje. Ele se baseia em uma vida de contatos com pessoas dos mais variados tipos e das mais diversas origens. Penso em todos os alunos e ouvintes presentes em minhas palestras em universidades na América do Norte e boa parte do leste europeu. O diálogo com eles sempre foi rico em impacto pessoal e moldou minha mente muito mais do que eu poderia imaginar. A maior contribuição, contudo, veio dos que ministraram aulas comigo em faculdades e seminários, e daqueles com quem trabalhei como editor. Incontáveis conversas com alunos, colegas professores, membros da equipe da InterVarsity Christian Fellowship no campus, autores e colegas editores, amigos intelectuais e parceiros de café no Starbucks: todos eles contribuíram de formas que eu jamais seria capaz de especificar.

Mesmo assim, consigo identificar aqueles que se destacam como faróis em minha memória enevoada. Entre eles estão principalmente meus amigos editores na InterVarsity Press: Gary Deddo, Joel Scandrett, Jim Hoover (meu editor-de-intelecto) e Ruth Goring (minha editora-de-manuscrito). Esses dois últimos me livraram de tremendo constrangimento que espero que vocês, leitores, jamais venham a descobrir. Além deles, dois filósofos foram de imensa ajuda na leitura do manuscrito em seus primeiros estágios: Douglas Groothuis e Paul Chamberlain. O apologista, teólogo e erudito em comunicação Thomas Woodward leu o capítulo sobre evolução e sua crítica encontra-se na nota de rodapé. Nenhum deles deseja levar o fardo de ter aprovado todos os meus pontos de vista, mas todos têm a minha gratidão por suas críticas profícuas e suas sugestões de aprimoramento.

Finalmente, quero agradecer o comprometimento de minha esposa ao longo dos anos, seu conselho sensato quando eu me mostrava excessivamente afrontoso ou imprudente em meus comentários, e sua correção quando simplesmente não enxergo meu descuido persistente com detalhes estilísticos como grafia e pontuação, quem diria! Agradeço também a meus filhos e netos; aos netos, em especial, pela tolerância com a falta de atenção do avô cuja mente estava tomada

pelas questões muito menos importantes deste livro.

Certamente também devo minha gratidão a Deus por ter me concedido todo o necessário para redigir este e meus outros livros. Receio, contudo, constrangê-lo com a sugestão de que também é dele a responsabilidade pelos descuidos e até equívocos dos livros publicados. Não, a responsabilidade pelas tolices e disparates é somente minha. Posso, contudo, agradecer a Deus pelo inefável dom de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, por cujo amor e em cujo nome dedico esses agradecimentos a todos os que me ajudaram.

Prefácio

Há muitos anos debato a respeito da fé cristã tanto em particular, comigo mesmo, quanto publicamente, com outras pessoas. E pelo mesmo período tenho observado muito pouco avanço. Meus argumentos, é claro, exibem toda a elegância que consigo reunir. Com todo o carisma de que disponho eu os apresento em conversas e palestras, coroados com humor marcante como o de Jay Leno e o de meu conterrâneo (eu tinha de dizer) Johnny Carson. Na verdade, meus argumentos me impressionam bastante. No entanto, eles raramente despertam a reação que realmente desejo: multidões de amigos e inimigos correndo arrependidos para Jesus, enquanto exclamam “Meu Senhor e meu Deus!”. Por que é assim?

Certa vez, busquei a percepção de um filósofo/teólogo britânico visitante sobre o tema. Ele havia acabado de ministrar uma palestra sobre o pós-modernismo na qual afirmara que boa parte do pensamento pós-moderno é incoerente no que se refere à autorreferência. Isso significa, em poucas palavras, que se a argumentação da defesa de seus pontos de vista conduzisse a uma conclusão verdadeira, ela contradiria as premissas nas quais se baseia seu argumento. Essa tem sido a crítica de muitos ao pós-modernismo. Mas os pensadores pós-modernos não mudaram de ideia. Por que será?

Não sou o único cristão a experimentar tal resistência.1 Em certo fórum público, por exemplo, quando um pastor afirmou que o abuso infantil é obviamente errado, uma mulher respondeu: “O que se caracteriza como abuso difere a cada sociedade, portanto não podemos usar o termo abuso sem julgá-lo em um contexto histórico”. Mesmo quando contestada, a mulher manteve sua postura relativista. Ela não conseguia perceber algo provavelmente percebido pela maioria dos ouvintes: tal visão de moralidade é completamente falida. O ponto aqui, no entanto, é que ela não mudou de ideia – pelo menos não naquele momento.

Por que essa recusa em enxergar o que a maioria entende como óbvio? Duas afirmações que se contradizem não podem ser ambas verdadeiras. O abuso

infantil é sempre errado. Por que algumas pessoas não percebem isso?

Não me lembro das exatas palavras do palestrante britânico em sua resposta à minha pergunta, mas é fácil recordar o impacto que causaram em mim. Basicamente, ele disse: “Que pergunta estúpida. Alguém tem outra pergunta?”.

Doeu. Ali, diante de meus amigos, fui simplesmente expulso do diálogo racional. Ah, sim, por uma afirmação absolutamente irracional vinda do palco. Ele apenas usara a falácia lógica do xingamento, também chamada de envenenar o poço ou banho de lama ou cortina de fumaça. O termo técnico para a falácia é argumentum ad hominem, ou seja, um argumento contra o “homem” (o argumentador). O palestrante não havia oferecido nenhuma resposta ou sequer abordado a questão.

A pergunta ainda queima na minha mente. Por que a presença e a revelação de uma falácia lógica e óbvia não são suficientes para desiludir uma pessoa de acreditar que seu argumento é digno de ser aceito como verdadeiro?

Pediram-me recentemente que ministrasse diversas palestras e sugeri esse tópico para uma delas. Acho que a pergunta vale uma resposta. Por que, de fato, argumentos sólidos e racionais na defesa da fé cristã não persuadem as pessoas a crer – mesmo aquelas que alegam respeitar a racionalidade? Comecei a escrever e ministrar essa palestra. Embora os ouvintes não tenham, de imediato, se arrependido do pecado da irracionalidade, pelo menos não fui apedrejado.

Sobre esse tema, acho que tenho hoje o suficiente para um breve livro destinado aos que desejam defender sua fé cristã. O objetivo do livro não é apenas ajudar os cristãos a lidar com o aparente fracasso de seus argumentos, mas contribuir para que eles construam formas mais eficazes de apresentação desses argumentos.

Baseei-me deliberadamente em meus cinquenta-e-poucos anos de experiência na defesa da fé cristã. Alguns leitores, de fato, poderão ver a si mesmos nas páginas seguintes. Nem todas as minhas histórias têm final feliz. Acredito, no entanto, que os leitores aprenderão com meus fracassos ainda mais do que aprendi.

Vamos lá, então, mais uma vez, construir um argumento – um argumento sobre argumentos para argumentadores. Serei obrigado a lidar com o fracasso desse argumento também? Vocês me dirão.

Eu creio – ajude-me na minha falta de fé [Mc 9.24]

Um testemunho crível

Este livro discute como os cristãos podem defender a fé em Cristo de forma mais eficaz. Em suma, ele trata da arte da persuasão, a arte de apresentar um testemunho crível da verdade da fé cristã.

Não se trata tanto de um livro repleto de bons argumentos, mas sim de um livro que examina as armadilhas enfrentadas por cristãos cujo desejo não é afirmar a verdade da fé cristã somente, mas fazê-lo com a maior probabilidade de sucesso. Digo probabilidade porque não existem argumentos contundentes e infalíveis para todas as convicções de um cristão. Na verdade, não existem argumentos contundentes e infalíveis para todas as convicções de pessoa alguma, mesmo daquela que declara não crer em nada.

Nós, seres humanos, somos finitos em todos os sentidos. Nascemos, vivemos e morremos. Parece até que sabemos algumas coisas, mas muitas vezes descobrimos não ser verdadeiro o que pensávamos saber. Acreditamos que nossos compromissos fundamentais na vida são justificáveis se não para os outros, no mínimo para nós mesmos. Até colidirmos de frente com um enigma que estilhaça nossa autossatisfação. Algumas vezes, somos como o Lorde Alfred Tennyson, após a morte de seu melhor amigo:

Eis que nada sabemos;

Não posso senão confiar que o bem cairá

Finalmente – longe – finalmente para todos,

E todo inverno se tornará primavera.

É assim no meu sonho: mas o que sou eu?

Uma criança chorando na noite,

Uma criança chorando pela luz

E sem linguagem, só com choro.2

Outras vezes, somos como o homem que disse a Jesus: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Mc 9.24). E outras vezes ainda, defendemos firmemente nossas convicções mesmo quando as provas parecem contrariá-las. Declaramos, por exemplo, a grande bondade de Deus em face da tragédia de imenso sofrimento.

Ainda assim, em toda a nossa hesitação, estamos cientes de que temos deveres. Em primeiro lugar, não podemos mais ser alimentados com leite apenas, como bebês em Cristo; devemos passar para o alimento sólido da Palavra de Deus, desenvolvendo confiança e apropriando-nos das fortes razões pelas quais ela não orienta para o mal (Hb 5.12-14).

Como discípulos de Cristo em processo de amadurecimento, já fomos comissionados a proclamar as boas novas. Pouco antes de sua partida desta terra, Jesus disse a seus discípulos: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Então concluiu: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”. E em seguida, prometeu: “(...) eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.18-20).

Observe o “argumento” apresentado por Jesus. Ele começa com uma declaração que funciona como premissa: Tenho toda a autoridade no céu e na terra. A consequência lógica, nesse caso, é que tudo o que ele diz deve ser obedecido.

O que ele diz? Ele ordena a seus discípulos, Ide. Saiam por aí e espalhem a boa notícia – ensinem a todas as pessoas deste mundo o que ensinei a vocês. Façam discípulos de modo que eles não apenas saibam o que eu ensinei a vocês, mas como uma consequência lógica, cumpram o que esses ensinamentos ordenam. Então, para que estejam cientes de que eles não estão sozinhos nessa incrível tarefa, Jesus lhes garante sua presença.

Tudo o que precisamos como motivação e justificativa para nosso testemunho está bem ali, nessas palavras. Elas nos dizem o que devemos fazer, por que devemos fazê-lo e por que a tremenda tarefa pode ser feita.

Nosso trabalho, portanto, é darmos o melhor testemunho de Jesus como Salvador e Senhor que pudermos. Não importam as circunstâncias em que nos encontramos. Isso fica claro nas palavras do apóstolo Pedro aos crentes que eram perseguidos por sua fé:

(...) estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo (1Pe 3.15-16).

Observe as palavras responder e razão. O que torna a resposta persuasiva e a razão convincente? Basicamente isto:

Uma boa defesa da fé cristã apresenta-se diante do mundo que observa como uma personificação da fé cristã tão cativante que, para toda e qualquer pessoa disposta a observar, haverá um testemunho crível de sua verdade fundamental tanto do ponto de vista emocional quanto do intelectual.3

Elementos dessa breve descrição surgirão diversas vezes nos capítulos seguintes. Esse princípio simples sustenta o argumento do presente livro.

No processo de praticar essa abordagem ao testemunho cristão, cometeremos muitos erros. Nossas “boas” defesas da fé cristã muitas vezes não serão tão boas. Nossas respostas aos que creem de outra forma podem errar o alvo. Nossas tentativas de sermos cativantes podem fracassar quando formos considerados

arrogantes ou intolerantes. E até mesmo nossos bons argumentos, que deveriam ter um papel importante no convencimento daquele que busca a verdade, serão mal interpretados ou apenas sumariamente rejeitados.

Não importa em que ponto estejamos na escala de apologetas eficazes, todos temos um longo caminho a percorrer. Por isso, vamos começar.

A primeira parte do livro analisa os tipos de argumentos que muitas vezes somos tentados a usar, mas por serem tão falhos, podem nos colocar em situação embaraçosa. São chamados de “falácias informais” pelos lógicos profissionais. Uma história brilhante de Max Shulman ilustra apropriadamente a inépcia e completa estupidez desses argumentos. Eu a usarei como ponto de partida para uma análise menos cômica (assim espero!).

A segunda parte pressupõe que nossos argumentos não se encaixam em nenhuma dessas ou quaisquer outras falácias, mas ainda se mostram ineficazes. Por quê? O que podemos aprender com a rejeição que nossos argumentos costumam receber? Nessa caminhada, creio que aprenderemos a tornar nossos argumentos mais eficazes, quais argumentos devemos manter a distância por melhores que pareçam do ponto de vista da razão, e como o caminho mais longo, no final das contas, pode ser o mais breve para abrir as mentes que estão fechadas às boas novas.

A terceira parte adota um tom positivo e oferece dois exemplos de argumentos eficazes – um antigo, apresentado pelo apóstolo Paulo em Atenas, e um recente, numa abordagem a um tema pós-moderno. Finalmente, uma bibliografia comentada com mais fontes de argumentos e de manobras retóricas serve de conclusão.

FALÁCIAS LÓGICAS COMUNS



Um bom argumento parte de premissas verdadeiras e/ou fatos, não comete erros lógicos (falácias), apresenta uma grande quantidade de provas, responde a objeções, esclarece as questões e chega a conclusões válidas (portanto, verdadeiras). Essa expectativa, na verdade, é exagerada, principalmente se o argumento tratar de questões teológicas ou filosóficas profundas. Erros podem ser cometidos em qualquer um dos estágios. É provável que nem todas as nossas premissas sejam verdadeiras, estritamente falando. Podem ser deficientes, vagas, do tipo que quase chega lá. É possível que nossos fatos não sejam fatos, mas interpretações equivocadas. Nossa lógica pode ser falha.

Nesta seção analisaremos algumas falácias lógicas extremamente comuns, vendo-as primeiramente em um contexto cômico, e depois em exemplos que podem ser muito dolorosos, caso essas falácias sejam enfrentadas em argumentos apologéticos. Precisamos vê-las sob dois pontos de vista – como aquelas apresentadas por nossos parceiros no diálogo e aquelas com as quais podemos estar nos comprometendo. Mas primeiro, um pouco de humor instrutivo.

Max Shulman (1919-1988) foi um escritor popular que refletiu sobre a vida universitária na década de 1950. Quando eu era aluno da Universidade de Nebraska, lia regularmente a coluna assinada por ele no informativo dos alunos. Mais tarde, como professor de inglês, um dos textos que usei para ensinar lógica informal aos alunos do primeiro ano foi “Love is a Fallacy” [O amor é uma falácia]. A história está em The Many Loves of Dobie Gills [Os muitos amores de Dobie Gills] (1951), e é com prazer que trago a sagacidade de Shulman à lembrança dos mais antigos como eu, e a apresento a outra geração de leitores.4

“O amor é uma falácia”

Max Shulman

Eu era frio e lógico. Afiado, calculista, perspicaz, astuto e sagaz – tudo isso. Meu cérebro era tão poderoso quanto um dínamo, tão preciso quanto uma balança de farmácia, penetrante como um bisturi. E eu tinha – imagine! – apenas 18 anos.

Não é sempre que se vê alguém tão jovem com tal gigantesco intelecto. Veja, por exemplo, Petey Bellows, meu colega de quarto na universidade. Mesma idade, mesma formação, mas burro como uma porta. Sujeito bastante simpático, você me entende, mas nada lá no coco. Do tipo emocional. Impressionável. E o pior de tudo, dado a modismos. Os modismos, devo dizer, são a própria negação da razão. Deixar-se levar por toda nova tendência que surge, render-se à estupidez só porque todo mundo está fazendo – isso, para mim, é o cúmulo da insensatez. Mas não para o Petey.

Certa tarde, encontrei Petey deitado em sua cama com expressão de tamanho sofrimento no rosto que diagnostiquei imediatamente como apendicite.

— Não se mexa – instruí. — Não tome laxante. Vou chamar um médico.

— Marmota – murmurou Petey.

— Marmota? – perguntei, interrompendo minha corrida.

— Quero um casaco de marmota – ele gemeu.

Percebi que seu problema não era físico, mas mental.

— Por que você quer um casaco de marmota?

— Eu deveria ter adivinhado – choramingou ele, massageando as têmporas. — Deveria ter imaginado que essa moda voltaria com o Charleston. Fui tolo gastando todo o meu dinheiro em livros, e agora não posso comprar um casaco de marmota.

— Quer dizer que estão realmente usando casacos de marmota outra vez? – perguntei, incrédulo.

— Todos os Homens Importantes do Campus estão usando. Por onde você tem andado?

— Na biblioteca – respondi, citando um local pouco frequentado pelos Homens Importantes do Campus.

Ele saltou da cama e começou a andar pelo quarto.

— Preciso ter um casaco de marmota – declarou exaltado. — Preciso!

— Por que, Petey? Encare a situação racionalmente. Casacos de marmota são pouco higiênicos. Soltam pelos. Cheiram mal. São pesados, sem graça, são....

— Você não entende – ele interrompeu impaciente. — Todo mundo está usando. Você não quer andar na moda?

— Não – respondi sinceramente.

— Bom, eu quero – declarou. — Daria tudo por um casaco de marmota. Qualquer coisa!

Meu cérebro, aquele instrumento de precisão, entrou em alta rotação.

— Tudo? – perguntei, fitando-o com atenção.

— Tudo – confirmou Petey em tom dramático.

Cocei o queixo, pensativo. Por acaso, eu sabia onde conseguir um casaco de marmota. Meu pai usara um casaco assim nos seus tempos de estudante; agora

estava num baú, no sótão de casa. Também por acaso, Petey tinha algo que eu queria. Não era dele, exatamente, mas pelo menos ele tinha alguns direitos sobre ela. Refiro-me à sua namorada, Polly Espy.

Há muito tempo eu cobiçava Polly Espy. Devo enfatizar que meu desejo por essa jovem não era de natureza emocional. A moça, certamente, excitava as emoções, mas eu não permitiria que meu coração dominasse minha mente. Desejava Polly por uma razão astutamente calculada e absolutamente cerebral.

Eu cursava o primeiro ano do curso de direito. Em alguns anos, estaria iniciando na profissão. Tinha plena ciência da importância do tipo certo de esposa para favorecer uma carreira no direito. Os advogados bem-sucedidos que eu havia observado eram, praticamente sem exceção, casados com mulheres bonitas, graciosas e inteligentes. Com apenas uma exceção, Polly preenchia perfeitamente esses requisitos.

Bonita ela era. Não tinha proporções clássicas, mas eu estava confiante de que o tempo supriria o que faltava. O básico já estava lá.

Graciosa ela era. Por graciosa eu quero dizer cheia de graça. Tinha um porte ereto, uma naturalidade nos gestos, uma elegância que indicava claramente a melhor das linhagens. Seus modos à mesa eram requintados. Eu a vira na cafeteria da universidade comendo a especialidade da casa – um sanduíche com recheio de lascas de carne assada, molho, nozes picadas e repolho – sem sequer sujar os dedos.

Inteligente ela não era. Na verdade, pendia na direção oposta. Mas eu acreditava que, sob minha orientação, ela ficaria inteligente. De qualquer maneira, valia a pena tentar. Afinal, é mais fácil fazer uma moça bonita e burra ficar inteligente do que fazer uma moça feia e inteligente ficar bonita.

— Petey – eu disse – você ama Polly Espy?

— Eu acho que ela é uma boa garota – ele respondeu, – mas não classificaria como amor. Por quê?

— Você – continuei – tem algum tipo de compromisso formal com ela? Quero dizer, vocês saem exclusivamente um com o outro?

— Não. Saímos com certa frequência, mas ambos temos outros encontros. Por

quê?

— Há outro homem por quem ela sinta um afeto especial?

— Não que eu saiba. Por quê?

Satisfeito, movi a cabeça, afirmativo.

— Em outras palavras, se você não estivesse em cena, o campo estaria livre. Certo?

— Acho que sim. Aonde quer chegar?

— Nada, nada – respondi de forma inocente enquanto tirava minha mala do armário.

— Onde você vai? – perguntou Petey.

— Passar o fim de semana em casa.

Joguei algumas roupas na mala.

— Escute – disse ele – já que você vai até sua casa, será que não conseguiria algum dinheiro com seu pai e me emprestaria para eu comprar um casaco de marmota?

— Talvez eu faça ainda melhor – respondi com uma piscada misteriosa, fechei a mala e saí.

— Veja – eu disse ao Petey quando retornei na manhã de segunda-feira. Escancarei a mala e lhe mostrei o objeto imenso, peludo e fedido que meu pai havia usado ao volante de seu Stutz Bearcat, em 1925.

— Minha nossa! – disse Petey com reverência. Mergulhou as mãos no pelo do casaco e depois as levou ao rosto. — Minha nossa! – ele repetiu umas 15 vezes.

— Quer ficar com ele? – perguntei.

— Ah, sim! – exclamou, agarrando o casaco ensebado. Então uma expressão desconfiada surgiu em seus olhos. — O que você quer em troca?

— Sua garota – respondi sem rodeios.

— Polly? – ele sussurrou horrorizado. — Você quer a Polly?

— Isso mesmo.

Petey jogou o casaco longe.

— Nunca – disse resoluto.

Dei de ombros.

— Tudo bem. Se você não quer andar na moda, problema seu.

Sentei-me em uma cadeira e fingi que lia um livro, mas com o canto do olho continuei observando Petey. Era um homem dividido. Olhava para o casaco com a expressão de uma criança abandonada diante da vitrine de uma doceria. Depois dava as costas para o casaco e cerrava os lábios de forma resoluta. Então olhava novamente para o casaco, com uma expressão ainda mais cobiçosa no rosto. Dava as costas novamente, porém sem tanta resolução dessa vez. Sua cabeça ia e vinha, o desejo crescendo, a resolução diminuindo. Finalmente, não se virava mais; apenas fitava o casaco com pura lascívia.

— Não que eu esteja apaixonado pela Polly – disse em voz baixa. — Ou que tenhamos um relacionamento sério ou algo do tipo.

— Certo – murmurei.

— O que a Polly significa para mim, e o que significo para a Polly?

— Nada mesmo – respondi.

— É algo apenas casual – algumas risadas, nada mais.

— Experimente o casaco – instruí.

Obedeceu. O casaco encobria suas orelhas e descia até os sapatos. Ele parecia uma montanha de marmotas mortas.

— Serve perfeitamente – disse, contente.

Levantei-me de minha cadeira.

— Temos um trato? – perguntei, estendendo a mão.

Ele engoliu em seco.

— Temos – ele respondeu, e apertou minha mão.

Saí com Polly pela primeira vez na noite seguinte. O encontro serviria como pesquisa; meu desejo era avaliar quanto trabalho eu teria para elevar a mente de Polly ao padrão que eu exigia. Levei-a para jantar.

— Puxa, que jantar bacana – ela disse quando deixamos o restaurante. Depois levei-a ao cinema. — Puxa, que filme bacana – disse quando saímos. E então levei-a para casa. — Puxa, que programa bacana – disse-me ao me desejar boa noite.

Voltei para meu quarto com o coração pesado. Havia subestimado seriamente a dimensão da minha tarefa. A falta de informação da jovem era assustadora. Não seria suficiente apenas supri-la de informações. Primeiro ela precisava ser ensinada a pensar. A empreitada parecia-me um projeto de imensas proporções, e, a princípio, fiquei tentado a devolvê-la ao Petey. Mas então comecei a pensar na abundância dos atributos físicos de Polly e na maneira como ela entrava numa sala ou manuseava os talheres, e decidi empreender algum esforço.

Como faço com as pequenas tarefas, encarei-a de forma sistemática. Ministrei à jovem um curso de lógica. Acontece que, como aluno de direito, eu mesmo estudava lógica, portanto, tinha todos os fatos na ponta língua.

— Polly – eu disse quando a busquei para nosso segundo encontro – esta noite vamos ao parque para conversar.

— Puxa, maravilhoso – ela respondeu. Há uma coisa que posso afirmar sobre essa garota: não seria fácil encontrar alguém tão agradável.

Fomos ao parque, o local de encontros do campus, e nos sentamos sob um velho carvalho, e ela me fitou em grande expectativa.

— Sobre o que vamos conversar? – perguntou.

— Sobre lógica.

Ela refletiu por um minuto e decidiu que gostava da ideia.

— Magnífico – disse.

— Lógica – comecei, limpando a garganta — é a ciência do pensamento. Antes de que possamos pensar corretamente, devemos primeiro aprender a reconhecer as falácias comuns da lógica. É o que abordaremos hoje.

— Bacana! – ela exclamou, batendo palmas de alegria.

Estremeci, mas prossegui corajosamente.

— Primeiro, vamos examinar a falácia chamada Dicto Simpliciter.

— Vamos, sim – respondeu, piscando os olhos, animada.

— Dicto Simpliciter quer dizer um argumento baseado em uma generalização não qualificada. Por exemplo: O exercício físico é bom. Portanto, todos deveriam exercitar-se.

— Concordo – afirmou Polly com veemência — Acho que o exercício físico é maravilhoso. Desenvolve o corpo e tudo mais.

— Polly – eu disse gentilmente – o argumento é uma falácia. O exercício físico é bom é uma generalização não qualificada. Por exemplo, se você tem problemas de coração, o exercício físico é ruim, e não bom. Muitas pessoas recebem indicações médicas para não se exercitarem. É preciso qualificar a generalização. Você deve dizer que o exercício é geralmente bom, ou que o exercício é bom para a maioria das pessoas. De outra forma você incorre em um Dicto Simpliciter. Percebe?

— Não – confessou ela. – Mas isso é bacana. Quero mais! Quero mais!

— É melhor você parar de puxar a minha manga – eu lhe disse, e quando ela obedeceu, eu continuei. — A seguir, veremos uma falácia chamada Generalização Apressada. Ouça com atenção: Você não sabe falar francês. Eu não sei falar francês. Petey Bellows não sabe falar francês. Devo concluir, portanto, que ninguém na Universidade de Minnesota sabe falar francês.

— Verdade? – exclamou Polly, impressionada. — Ninguém?

Disfarcei minha impaciência.

— Polly, é uma falácia. Chega-se a uma generalização de forma apressada. Há muitos poucos exemplos para sustentar tal conclusão.

— Conhece mais falácias? – perguntou Polly, animada. — Isso é mais divertido do que dançar.

Precisei conter uma onda de desespero. Não estava conseguindo nada com essa garota, absolutamente nada. Mas sei que sou persistente. Continuei:

— O próximo se chama Post Hoc. Ouça: Não vamos levar o Bill ao nosso piquenique. Sempre que ele vem, chove.

— Conheço uma pessoa exatamente assim – ela exclamou. Eula Becker, uma garota da minha cidade. Toda vez que nós a levamos ao piquenique...

— Polly – interrompi com firmeza, – é uma falácia. Eula Becker não é a causa da chuva. Ela não tem nada a ver com a chuva. Você incorre em Post Hoc se culpar Eula Becker.

— Nunca mais faço isso – ela prometeu arrependida. — Você está bravo comigo?

Suspirei.

— Não, Polly, não estou bravo.

— Então fale sobre outra falácia.

— Muito bem. Vamos tentar as Premissas Contraditórias.

— Sim, vamos – gorjeou ela, piscando os olhos alegremente.

Franzi a testa, mas segui em frente.

— Aqui está um exemplo de Premissa Contraditória: Se Deus pode todas as coisas, ele pode criar uma pedra que seja tão pesada que ele mesmo não consiga carregá-la?

— É claro – ela respondeu prontamente.

— Mas se ele pode todas as coisas, ele pode erguer a pedra – retruquei.

— Verdade – disse ela, pensativa. — Bem, então acho ele não pode criar a pedra.

— Mas ele pode todas as coisas – lembrei-lhe.

Ela coçou sua bela cabeça oca.

— Estou confusa – admitiu.

— É claro que está. Porque quando as premissas de um argumento se contradizem, não pode haver argumento. Se existe uma força irresistível, não pode haver um objeto irremovível. Se existe um objeto irremovível, não pode haver uma força irresistível. Entende?

— Fale mais sobre essas coisas bacanas – ela disse interessada.

Olhei no relógio.

— Acho melhor encerrarmos por hoje. Vou levá-la para casa agora, e você reflete sobre tudo o que aprendeu. Teremos outra sessão amanhã à noite.

Deixei-a no dormitório feminino, onde ela me assegurou que tivera uma noite maravilhosa, e me dirigi, melancolicamente, ao meu quarto. Petey roncava em sua cama, o casaco de pele de marmota aos seus pés, como uma fera peluda. Por um momento, cogitei a ideia de despertá-lo para lhe dizer que ele poderia ter sua garota de volta. Era evidente que meu projeto estava fadado ao fracasso. A moça simplesmente tinha uma cabeça à prova de lógica.

Mas logo reconsiderei. Eu perdera uma noite; talvez também perdesse outra. Quem sabe? É possível que em algum lugar da cratera vulcânica extinta da mente de Polly algumas brasas ainda estivessem vivas. Talvez, de alguma forma, eu pudesse abaná-las para que voltassem a arder. É certo que não se tratava de uma perspectiva repleta de esperança, mas decidi tentar mais uma vez.

Na noite seguinte, sentados sob o carvalho, eu lhe disse:

— Nossa primeira falácia hoje chama-se Ad Misericordiam.

Ele estremeceu de excitação.

— Ouça com atenção – comecei. — Um homem é candidato a um emprego. Quando o patrão lhe pergunta quais são suas qualificações, ele responde que tem uma esposa e seis filhos em casa, a esposa é aleijada, os filhos não têm o que comer, o que vestir ou o que calçar, a casa não tem camas, nem carvão no porão, e o inverno se aproxima.

Uma lágrima escorreu por cada uma das faces rosadas de Polly.

— Ah, isso é horrível, horrível – exclamou soluçando.

— Sim, é horrível – concordei – mas não é um argumento. O homem jamais respondeu à pergunta do patrão a respeito de suas qualificações. Em vez disso, apelou à sua compaixão. Ele cometeu a falácia de Ad Misericordiam. Você entende?

— Você tem um lenço?

Entreguei-lhe um lenço e tentei não gritar enquanto ela enxugava os olhos.

— A seguir – continuei num tom cuidadosamente controlado – discutiremos a Falsa Analogia. Eis aqui um exemplo: Os alunos devem ter permissão para consultar seus livros durante os exames. Afinal, cirurgiões têm raio-X para orientá-los na operação, advogados consultam suas anotações durante o julgamento, construtores têm projetos para guiá-los quando constroem uma casa. Por que, então, não permitir que os alunos recorram a seus livros durante uma prova?

— Está certo – disse ela entusiasmada – é a ideia mais bacana que ouvi em muitos anos.

— Polly – respondi, mal-humorado – o argumento está todo errado. Médicos, advogados e construtores não estão sendo testados para ver o quanto aprenderam, mas os alunos sim. As situações são completamente diferentes, e não se pode fazer uma analogia entre elas.

— Ainda acho que é uma boa ideia – disse Polly.

— Droga – murmurei. Mas continuei, persistente. — A seguir, vamos tentar a

Hipótese Contrária ao Fato.

— Parece bacana – foi a reação de Polly.

— Ouça: Se Madame Curie não tivesse deixado, acidentalmente, uma chapa fotográfica em uma gaveta com um pedaço de pechblenda, o mundo hoje não saberia sobre o rádio.

— Verdade, verdade – disse Polly, assentindo com a cabeça. — Você viu o filme? Ah, achei demais. Aquele Walter Pidgeon é um sonho. Ele mexe comigo.

— Se você puder deixar o Sr. Pidgeon de lado por um momento – respondi friamente – eu gostaria de apontar que a afirmação é uma falácia. Talvez a Madame Curie tivesse descoberto o rádio em outra ocasião. Talvez outra pessoa o descobrisse. Muitas coisas poderiam ter acontecido. Não se pode partir de uma hipótese que não é verdadeira e dela extrair qualquer conclusão sustentável.

— Deveriam chamar o Walter Pidgeon para fazer mais filmes – disse Polly – quase não o vejo mais.

Mais uma chance, decidi. Só mais uma. Há um limite para o que um ser humano consegue suportar.

— A próxima falácia é chamada de Envenenamento do Poço.

— Que bonitinho! – ela riu.

— Dois homens vão iniciar um debate. O primeiro deles se levanta e declara: “Meu oponente é um conhecido mentiroso. Não se pode acreditar em uma única palavra que ele disser”... Agora, Polly, pense bem. O que está errado?

Observei atentamente sua testa cremosa enquanto ela se concentrava. De repente, uma faísca de inteligência – a primeira que eu via – surgiu em seus olhos.

— Não é justo – ela disse com indignação. — Não é justo mesmo. Que chance tem o segundo homem se o primeiro o chama de mentiroso antes que ele comece a falar?

— Exato! – exclamei exultante. — Cem por cento correto. Não é justo. O

primeiro homem envenenou o poço antes que qualquer pessoa bebesse dele. Atou as mãos do adversário antes que ele pudesse começar... Polly, estou orgulhoso de você.

— Ora – murmurou ela, ruborizando de prazer.

— Está vendo, minha querida, essas coisas não são tão difíceis. Tudo o que você precisa é de concentração. Pensar – examinar – avaliar. Muito bem, vamos repassar tudo o que aprendemos.

— Vamos lá – disse ela com um movimento distraído da mão.

Animado por saber que Polly não era uma cretina completa, comecei uma longa e paciente revisão de tudo o que eu lhe ensinara até ali. Repetidamente, citei exemplos, apontei falhas, martelando o conteúdo sem descanso. Era como cavar um túnel. A princípio, foi apenas suor, esforço e escuridão. Eu não fazia ideia de quando alcançaria a luz, ou mesmo se viria a alcançá-la. Mas persisti. Trabalhei duro, cavei e cavouquei e finalmente, fui recompensado. Encontrei uma fresta de luz. E a fresta foi se alargando até que o sol jorrou dentro do túnel e tudo ficou claro.

Foram necessárias cinco noites fatigantes, mas valeu a pena. Eu tornara Polly uma lógica; lhe ensinara a pensar. Minha tarefa estava completa. Finalmente ela era digna de mim. Estava apta para ser minha esposa, uma anfitriã perfeita para minhas muitas mansões, uma mãe adequada para meus filhos privilegiados.

Não pense que eu não sentia amor por essa garota. Pelo contrário. Assim como Pigmaleão amou a mulher perfeita que ele havia criado, eu também amava a minha. Decidi lhe expressar meus sentimentos em nosso encontro seguinte. Chegara o momento de mudar nosso relacionamento de acadêmico para romântico.

— Polly – disse eu, quando nos assentamos novamente sob nosso carvalho – hoje não discutiremos falácias.

— Ah, que pena – disse ela, desapontada.

— Minha querida – prossegui, favorecendo-a com um sorriso – tivemos cinco encontros. Nos demos maravilhosamente bem. É evidente que formamos um bom par.

— Generalização apressada – afirmou Polly brilhantemente.

— Perdão? – disse eu.

— Generalização apressada – repetiu. — Como você pode afirmar que combinamos um com o outro com base em cinco encontros apenas?

Eu ri, achando divertido. A adorável criança aprendera bem sua lição.

— Minha querida – eu lhe disse, com um tapinha tolerante na mão – cinco encontros bastam. Afinal, não é necessário comer todo o bolo para saber que ele é bom.

— Falsa analogia – disse Polly, prontamente. — Não sou um bolo. Sou uma jovem.

Ri novamente, sem achar tão divertido. É provável que a adorável criança tivesse aprendido bem demais sua lição. Decidi mudar de tática. Obviamente, a melhor abordagem seria uma declaração de amor simples, contundente e direta. Fiz uma pequena pausa enquanto meu supercérebro escolhia as palavras adequadas. E comecei:

— Polly, eu te amo. Para mim, você é todo o Universo, a lua, as estrelas e as constelações do firmamento. Por favor, minha querida, diga que aceita namorar comigo, pois se você recusar, a vida perderá o sentido, e eu definharei. Recusarei alimentar-me. Vagarei pela face da terra, um trôpego fantasma de olhos vazios.

Pronto, pensei, cruzando os braços, deve ser suficiente.

— Ad Misericordiam – disse Polly.

Cerrei os dentes. Eu não era Pigmaleão; era Frankenstein, e meu monstro me tinha pela garganta. Lutei freneticamente contra o desespero que começava a me dominar. Eu precisava manter a cabeça fria a qualquer custo.

— Bem, Polly – reconheci, forçando um sorriso – você certamente aprendeu suas falácias.

— Com certeza – ela disse, movendo a cabeça afirmativamente.

— E quem as ensinou a você, Polly?

— Foi você.

— Isso mesmo. Então você me deve algo, não é, minha querida? Se não fosse por mim, você jamais teria aprendido sobre falácias.

— Hipótese Contrária ao Fato – ela disse instantaneamente.

Enxuguei o suor da testa.

— Polly – eu disse com voz estridente – você não deve levar todas essas coisas de forma tão literal. Quer dizer, isso é apenas conversa de sala de aula. Você sabe que as coisas que aprende na escola não têm nada a ver com a vida.

— Dicto Simpliciter – ela disse, sacudindo o dedo de forma debochada na minha direção.

Foi a gota d'água. Levantei-me num salto rugindo como um touro.

— Você aceita ou não aceita ser minha namorada?

— Não – ela respondeu.

— Por que não? – exigi.

— Porque esta tarde prometi a Petey Bellows que seria namorada dele.

Dei um passo atrás, golpeado por essa infâmia. Depois de me prometer, de ter feito um trato, ter apertado minha mão!

— Aquele rato! – gritei, chutando a grama. — Você não pode ficar com ele, Polly. Ele é mentiroso. É trapaceiro. É um rato.

— Envenenamento do Poço – respondeu Polly – e pare de gritar. Eu acho que gritar deve ser uma falácia também.

Com imenso esforço, modulei minha voz.

— Tudo bem – eu disse. — Você é uma lógica. Encaremos a situação logicamente. Como você pode preferir o Petey Bellows? Olhe para mim – um

aluno brilhante, um intelectual formidável, um homem com um futuro garantido. Veja Petey – um maluco, um fanfarrão, um cara que jamais saberá de onde virá a próxima refeição. Você pode me dar uma razão lógica para namorar o Petey Bellows?

— Claro que posso – declarou Polly. — Ele tem um casaco de marmota.

Vocês são todos uns hipócritas!

Generalizações infundadas e apressadas

Dobie Gillis não era tão “afiado, calculista, perspicaz, astuto e sagaz” quanto imaginava, certo? Isso não surpreende, pois tinha toda a confiança de que era tudo isso e mais! A arrogância, a agressão e a inteligência – bem como a gritaria – também podem ser rotuladas de falácias. E, de fato, vamos refletir sobre elas no devido tempo.

Aqui, no entanto, vamos começar com as falácias lógicas que Shulman identificou. Elas são encontradas de duas maneiras: (1) quando as utilizamos de forma não intencional e somos flagrados por nossos ouvintes, e (2) quando nossos interlocutores as lançam sobre nós como objeções ao nosso argumento. Nos dois casos, precisamos manter o foco, admitir que não fomos razoáveis, e ser gentis quando apontamos os erros de outros.

Generalizações infundadas: dicto simpliciter

Pouca coisa me incomoda mais no diálogo com amigos que discordam de minhas posições religiosas do que as frequentes-mas-nem-sempre-verdadeiras generalizações. Afirmações desse tipo surgem com regularidade:

“Estudiosos da Bíblia afirmam que os Evangelhos foram escritos muito tempo depois dos eventos ali registrados e são distorcidos pelo ponto de vista do autor e pela necessidade de que os relatos abordem a situação da igreja primitiva.”

O que se segue desta meia verdade é a conclusão de que hoje não podemos confiar nos Evangelhos como relatos precisos dos acontecimentos da vida de Jesus. Portanto, qualquer ponto específico de uma determinada passagem que eu tente defender é considerado, na melhor das hipóteses, dúbio, e na pior delas, falso. Expressa dessa forma, a afirmação relativiza toda a teologia do Novo Testamento. Não dispomos de um texto legitimado, a partir do qual podemos construir um entendimento de Jesus como de fato ele era, mas apenas um entendimento que reúne a perspectiva do autor do Evangelho e de seus leitores.

Para contra-atacar esse dicto simpliciter, eu preciso desafiar a premissa de várias formas:

Embora alguns estudiosos façam tal afirmação, nem todos os estudiosos qualificados o fazem; posso mencionar alguns que adotam uma abordagem distinta, mais conservadora (veja, por exemplo, a bibliografia comentada, p. 143-145)

Nem o ponto de vista do autor do Evangelho nem as necessidades dos leitores distorcem fatalmente o texto do Evangelho. 5

A menos que haja um paralelo em algum dos outros Evangelhos, geralmente não dispomos de outro ponto de vista. Ou seja, se quisermos saber alguma coisa sobre os temas mencionados, isso é tudo o que temos para prosseguir, o que significa que não nos é possível avaliar o quanto (ou mesmo se) trata-se de uma distorção da verdade. De fato, se realmente acreditamos que o texto tem uma realidade distorcida, a razão provável é que o abordamos com uma noção pré-determinada do que possivelmente poderia acontecer. Por exemplo, não é possível haver milagres; portanto, as histórias de milagres são distorções da verdade.

Há 2.000 anos a igreja confia nos quatro Evangelhos para conduzi-la à verdade a respeito de Deus. Trata-se apenas de esnobismo cronológico – nós, os modernos,

sabemos mais do que os antigos a respeito de tudo – que justifica nossa suposição de superioridade interpretativa.

Que tarefa! É realmente possível eu me livrar com essa resposta? É claro que posso fazê-lo quando tal pergunta for apresentada em um fórum público e o microfone estiver comigo. No entanto, caso seja um comentário casual à mesa do Starbucks, é difícil atrair atenção suficiente para produzir uma resposta tão longa. Mesmo assim, eu tento.

Veja outra afirmação que aparece com frequência:

“A Bíblia é cheia de contradições. Não podemos confiar que ela diga a verdade.”

É bem possível tratar essa primeira afirmação como uma falsa premissa. Como se apresenta, assim é. Trata-se, contudo de um comentário comum, e caso minha resposta seja “Não, a Bíblia não está cheia de contradições”, ela simplesmente oporá minha autoridade à autoridade daquele que me pergunta. O indagador – e a plateia, no caso de uma arena pública – terá pouca base para decidir entre um de nós.

Melhor é afirmar: “Verdade? Não penso assim. Mas a quais contradições você se refere?”

Geralmente, o indagador não tem contradição alguma em mente. Se tiver, posso abordar uma ou duas delas individualmente, e então afirmar: “Mais tarde podemos falar sobre as outras que o incomodam”. Isso demonstra que, em sua maior parte, a objeção é isenta de mérito real, e o diálogo pode seguir outro rumo.

Obviamente, é preciso ser claro a respeito do que constitui uma contradição. Uma contradição genuína ocorre somente quando uma ideia específica é, ao mesmo tempo, afirmada e negada. A maioria das supostas contradições bíblicas não se encaixam nessa categoria. Ao contrário, as contradições costumam estar entre a interpretação que um leitor faz de um texto e sua interpretação de outro

texto. A solução apropriada talvez seja apontar que essas contradições podem ser apenas aparentes; devido aos contextos diferentes de cada um dos textos, é possível, na verdade, que eles não estejam ratificando ou negando a mesma ideia.

Caso o opositor apresente uma aparente contradição que eu seja incapaz de contestar, posso admitir que não tenho informações suficientes para responder naquele momento, e prometo enviar-lhe uma resposta por e-mail. Não me lembro de jamais ter feito isso. Não porque eu seja extremamente culto, mas porque as supostas contradições que a maioria das pessoas conhece é facilmente esclarecida (veja a bibliografia, p. 143-145).

Os cristãos também fazem generalizações infundadas a respeito de questões da fé cristã, de outras religiões e de seus seguidores. Aqui estão alguns poucos exemplos:

“Os muçulmanos acreditam na guerra santa. Jamais encontraremos uma forma de vivermos juntos, em paz.”

“Os cristãos são um povo pacífico.”

“Os cristãos entendem a verdade a respeito de Deus.”

“A Bíblia afirma claramente a doutrina da Trindade.”

“Os cristãos acreditam na verdade; os budistas, não.”

Cada uma dessas afirmações contém uma pequena medida de verdade, mas são tão infundadas que praticamente conseguem ser falsas. Precisamos cuidar para não fazer alegações desse tipo. Elas enfraquecem nossa credibilidade e acabam difamando a verdade.

Generalização apressada

Às vezes, os que se opõem à fé cristã colocarão todos os cristãos no mesmo saco, acusando muitos dos pecados de poucos. Aqui estão quatro ilustrações:

“Os televangelistas só estão atrás do nosso dinheiro. Observe como todos eles imploram por contribuições e depois vivem no luxo. Veja Jim e Tammy Faye Bakker.”

“Vocês, cristãos, são uns hipócritas. Acusam outros dos pecados que vocês próprios cometem. Veja Jimmy Swaggart.”

“As guerras são fruto de controvérsia religiosa. Seria melhor se a religião desaparecesse por completo.”

“Veja todos os padres que abusaram de crianças. Se os líderes das igrejas não podem viver como deveriam, por que eu deveria acreditar que sua religião vale ser considerada?”

Esses sentimentos são comuns, mas é relativamente fácil demonstrar que não representam uma verdade universal. Muitas vezes, expressam uma frustração generalizada que se baseia, em parte, no preconceito e na experiência pessoal de fracasso genuíno dos cristãos em viver conforme os padrões bíblicos. Nós, cristãos, raramente vivemos como Jesus ordenou. Jesus, porém, viveu dessa forma. Não somos nós, mas sim, Jesus, quem justifica a verdade da fé cristã.

Não há, obviamente, razão para que os que falam em nome da fé defendam o indefensável. Alguns evangelistas da TV, de fato, parecem ter sua culpa. Mas não todos. Felizmente, podemos apontar para Billy Graham como um modelo de conduta para os cristãos.

As paixões religiosas têm sido um fator importante em algumas guerras. Mas quando os conflitos são examinados com atenção, percebe-se a importância de outros fatores como poder econômico e político. Certos conflitos, como por exemplo a 2ª Guerra Mundial, não estão vinculados à religião, mas à tentativa de defender padrões éticos universais. Além disso, a guerra costuma produzir

reações cristãs compassivas nos dois lados que sofrem suas consequências.

Veja abaixo mais alguns comentários de pessoas que foram desencorajadas por suas próprias experiências:

“Tentei ler a Bíblia, mas não consigo entender nada.”

“Fui à igreja uma vez, mas não me foi de grande ajuda”.

“Antigamente eu ia à igreja, mas as pessoas eram simplesmente frias ou rudes.”

“Na igreja fazem umas coisas estranhas. Eu fico confuso. Nunca sei quando devo me ajoelhar ou ficar em pé. E que gesto é aquele que fazem com as mãos quando tentam achar um lugar para se sentar?”

A maioria dos comentários desse tipo traz generalizações apressadas. Eles podem ser neutralizados por informações que os qualifiquem a ponto de o objetor perceber que o fio de verdade que contêm é exatamente isso – um fio. Para nós, é fácil simplesmente convidar o objetor à nossa igreja e lermos juntos a Bíblia. É bem possível que ele tenha começado em Gênesis e logo tenha ficado desorientado. Convide-o para ler um dos Evangelhos. Marcos e Lucas são particularmente bons para os que leem o Evangelho pela primeira vez.

Nós, cristãos, somos muitas vezes autores de generalizações apressadas. Por exemplo:

“Os não cristãos simplesmente não entendem o que estão rejeitando.”

“Se você não for cristão, não tem motivos para ser bom.”

“Fui a um monastério budista e tudo o que ouvi foi o zumbido da meditação. Os budistas perderam a cabeça.”

“A igreja é um lugar maravilhoso.”

“Os cristãos são muito amorosos.”

Quando fazemos afirmações desse tipo, certamente seremos desafiados. É melhor que estejamos preparados para qualificar e justificar nossas afirmações ou simplesmente que as evitemos por completo.

Argumentos indutivos

Generalizações apressadas ou infundadas são falácias associadas aos argumentos indutivos. Muitos, se não a maioria dos argumentos usados para defender a fé cristã, são indutivos. Ou seja, começam com uma prova e seguem rumo a uma generalização. Por exemplo:

Em João 14.6-7, Jesus afirmou: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai”.

Jesus, portanto, estava alegando ser Deus (ou, pelo menos, ter uma condição divina).

Essa é uma generalização baseada em uma compreensão razoavelmente direta dessas palavras de Jesus. É apressada? Talvez. Por um lado, ela presume sem comprovação que Jesus realmente fez uma afirmação em sua própria língua que foi transmitida fielmente e traduzida em conceitos que entendemos corretamente. Um bom argumento para essa suposição é longo e complicado e presume uma série de noções posteriores.

Suponha que encontremos nos Evangelhos uma segunda afirmação em que Jesus pareça alegar sua divindade. Em seguida, uma terceira e uma quarta menção. E se encontrássemos 50 afirmações como essa? Quantas delas são necessárias para

evitar a acusação de generalização apressada? Não há regra. Há apenas probabilidade crescente. Todos os argumentos, de fatos (dados, provas) a conclusões, são prováveis: portanto, podem ser vistos como problemáticos. Na verdade, o eminente filósofo Alfred North Whitehead chamava os argumentos indutivos de “o desespero da filosofia”.6

Ainda assim, os argumentos indutivos são a principal forma de argumento em todas as áreas, desde as questões do dia a dia (por que o telhado está vazando?), até a investigação criminal (quem é o culpado?), à pesquisa histórica (César cruzou o rio Rubicão?), e às teorias científicas (a evolução inclusive). Aristóteles reconheceu isso quando afirmou: “É típico de uma pessoa inculta exigir mais provas do que se é possível obter”.7 A questão aqui é que muitos argumentos em defesa da fé cristã são argumentos indutivos, e o melhor que se pode obter deles é a probabilidade. Avaliar essa probabilidade é uma questão extremamente subjetiva. Como veremos abaixo, parece não haver quantidade de provas que possam ser reunidas contra a teoria naturalista da evolução que diminua sua influência nas mentes de muitos cientistas.

Em nossa busca pela elaboração de argumentos eficazes, portanto, devemos estar cientes da fraqueza potencial das generalizações – tanto as nossas próprias como daqueles a quem tentamos persuadir. Reconhecer que as conclusões racionais costumam estar baseadas em julgamentos que vão além das provas nos ajudará a respeitar o julgamento daqueles que discordam de nós sem permitir que seus pontos de vista abalem os nossos. Isso também nos obriga a reunir o máximo de provas (ou razões) possível para a posição que estamos defendendo.

É perigoso acreditar que você está certo

Causas e contradições

É notoriamente difícil determinar causas. David Hume, na verdade, defendia que se todo o material que temos para trabalhar são as impressões que nossa mente recebe, a realidade da própria causa fica suspeita. Ele reconheceu, no entanto, que usamos constantemente esse conceito mesmo se não podemos nos certificar de que ele qualifica algo na realidade. Immanuel Kant acreditava que a noção de causa e efeito é uma categoria, um dado pré-teórico – uma ferramenta que usamos e devemos usar quer compreendamos ou não o seu fundamento.8

Seja qual for a explicação para nossa noção de causa e efeito, pensamos e vivemos constantemente segundo seus termos. Talvez não acreditemos que Eula Becker seja a causa da chuva em nosso piquenique – como faz Polly Espy – mas imaginamos que algo deve causá-la. Na realidade, pensamos ou agimos como se cada evento tivesse uma causa. A causa é particularmente relevante quando examinamos por que cremos e agimos da forma como fazemos. Quando se trata de questões espirituais, os riscos são altos, de fato. “(...) que farei para herdar a vida eterna?”, perguntou o homem rico a Jesus (Mc 10.17). Entender a resposta oferecida por Jesus ainda é vital para nós.

Causa falsa: post hoc e outras falácias causais

A falácia da falsa causa é um pesadelo constante no testemunho cristão. Às vezes caímos nela com alguma verdade e a melhor das intenções. Veja esse comentário comum que poderia ser feito por um cristão em sua defesa da fé cristã:

“Semana passada o João entregou sua vida a Cristo. Desde então ele é um homem transformado.”

A implicação é que a fé de João causou a transformação em sua vida. A maioria dos cristãos evangélicos não perceberá nada suspeito nessa conclusão. Por sua crença e experiência passada, é algo que eles não têm dificuldade em aceitar. Os cristãos sabem que esse tipo de transformação de fato ocorre. No entanto, fazer essa afirmação a respeito de João provavelmente não impressionará ouvintes que jamais ouviram falar de João. O exemplo teria mais peso se eles tivessem conhecido outros que demonstraram uma mudança de vida significativa após o compromisso com Cristo. No entanto, sem alguma experiência anterior de transformação após a conversão cristã, ou se aqueles a quem falamos não conhecem João ou não presenciaram a mudança, tem pouco mérito o uso da afirmação como uma justificação para a fé cristã.

Por outro lado, as biografias de cristãos conhecidos podem servir de argumento forte e sensato da fé cristã. As histórias de vida de pessoas como Joni Eareckson Tada, C. S. Lewis, Santo Agostinho, Corrie ten Boom, Charles Colson, Alexander Soljenítsin e inúmeros outros exemplos são uma evidente contribuição.

Infelizmente, um número excessivo de afirmações feitas na literatura e no testemunho cristãos tem múltiplos problemas significativos. Essas afirmações são excessivamente simplistas, fazem alegações exageradas e podem facilmente ser neutralizadas por experiências e ilustrações contrárias. Para mencionar algumas:

“Os Estados Unidos se tornaram uma nação poderosa porque fundamentam-se sobre princípios cristãos.”

Trata-se de uma afirmação extremamente dúbia. Qualquer estudo imparcial da história americana mostrará que houve uma série de fatores envolvidos na ascensão dos Estados Unidos ao poder e alguns deles contrariavam a fé cristã. Além disso, a nação americana fundamenta-se tanto no deísmo iluminista quanto em princípios cristãos. Não nos traz benefício algum fazer alegações que podem ser legitimamente desafiadas pelos que conhecem o passado dessa nação, e mais ainda, o seu presente obviamente manchado.

“Desde que me tornei cristão sempre tive um emprego, mesmo durante toda a crise econômica dos últimos cinco anos”.

A implicação de que a fé cristã de uma pessoa lhe trouxe pleno emprego é facilmente confrontada por cristãos como meu próprio filho, que esteve desempregado por mais de um ano. O testemunho de Richard é que Deus sustentou sua família e que ele e sua esposa tiveram empregos temporários, contaram com o auxílio desemprego durante os primeiros seis meses e receberam ajuda de vizinhos e amigos generosos. Na época de meu primeiro esboço deste livro, ele estava novamente desempregado; enquanto reviso meu manuscrito ele conseguiu um excelente emprego estável (mas por quanto tempo?). Relatos cautelosos e realistas sobre a graça suficiente de Deus durante as provações – enfermidade, morte de queridos, guerras e rumores de guerras – são mais eficazes e aprofundam-se no caráter do Deus em quem confiamos.

Voltamo-nos agora a uma ilustração de falsa causa que acaba por ser parte de uma série complicada de falácias. A ilustração tem tanto a virtude de ser um argumento real publicado em um dos principais jornais americanos, quanto o defeito de ser um tanto complexo. Em qualquer um dos casos, examiná-la pode nos ajudar a perceber como os argumentos sutis e enganadores podem ser corrigidos por meio da leitura atenta e da boa reflexão.

Uma afirmação particularmente deplorável foi feita por Jerry Falwell após a tragédia de 11 de setembro de 2001 [World Trade Center, Nova York]. Seja qual for o contexto em que ele fez o comentário, a mídia secular usou-o como um tapa na cara dos cristãos. Primeiramente, o comentário:

Eu realmente acredito que os pagãos, os favoráveis ao aborto, as feministas, os gays e lésbicas que tentam ativamente criar um estilo de vida alternativo, a American Civil Liberties Union, o People for the American Way – todos eles têm tentado secularizar os Estados Unidos – aponto o dedo na cara deles e digo: "Vocês contribuíram para que isso acontecesse".9

A menos que Deus tenha designado Falwell um profeta, nada justifica tal afirmação em público ou em qualquer contexto. Sem análise ou argumento, a afirmação de Falwell atribui uma quantidade significativa de causa – portanto, culpa – a grupos específicos de pessoas que, segundo ele, estão promovendo valores falsos. Digamos, por um momento, que ele esteja correto – insensível (pelo que se desculpou), mas correto.

Primeiramente, há um problema retórico. Qual será o peso de sua afirmação para as pessoas que ele acusou? A ofensa contribuirá para solidificar seus compromissos com valores falsos.

Em segundo lugar está a dificuldade em demonstrar que essa afirmação é verdadeira. Que provas Falwell cita? A Bíblia? Além de os acusados a rejeitarem como autoridade moral, Falwell também precisaria ter feito uso de uma hermenêutica específica e de sua teologia resultante para chegar a essa conclusão. Essa perspectiva está limitada a um grupo razoavelmente restrito de americanos cristãos, tão restrito que outros comentaristas cristãos se apressaram a distanciar-se da opinião de Falwell.

Terceiro, Falwell perdeu uma oportunidade de ponderar que talvez sua própria teologia e práticas cristãs estivessem entre as causas do ataque de 11 de setembro. Em qualquer caso, é extremamente improvável que Osama Bin Laden tivesse em mente comunidades homossexuais ou pró-aborto. É mais provável que ele pensasse naqueles que manifestavam apoio a Israel no conflito palestino – em outras palavras, a direita política cristã, talvez o próprio Falwell. (Se eu admitisse como realidade essa possibilidade, entretanto, também seria culpado de falsa causa.)

Mas examine a questão. O que Deus tinha em mente? Será que Deus usou Bin Laden para cumprir seu propósito assim como fez com Ciro (Is 45.1-4)? Por qual

de nossos muitos pecados os americanos estavam sendo punidos? Podemos especular. Podemos examinar nosso próprio papel na construção de uma nação americana que é odiada por muitas pessoas de outros países – não apenas muçulmanos. Essa seria uma resposta mais apropriada. Ainda assim, persiste a pergunta: Como podemos saber as intenções de Deus em qualquer evento histórico atual?

Se a gafe apologética de Falwell não for suficiente, veja a forma como Andrew Sullivan fez uso dela em seu artigo “Essa é uma guerra religiosa” publicado na New York Times Magazine. Seu artigo é igualmente invalidado pela falácia post hoc ergo propter hoc (depois disso, logo, causado por isso). Desta vez a falácia é usada contra o fundamentalismo de Falwell.

O elo crítico entre o fundamentalismo do Ocidente e do Oriente Médio é certamente o ritmo das mudanças sociais. Se você baseia suas crenças em livros escritos há mais de 1.000 anos, e crê literalmente em seus textos, a aparência do mundo moderno deve aterrorizar de fato. Se você crê que as mulheres devem submeter-se à servidão polígama e secreta, Manhattan deve assemelhar-se a Gomorra. Se você crê que a homossexualidade é um crime punível por morte, como ordenam tanto a Bíblia quanto o islamismo, então um mundo de uniões entre pessoas do mesmo sexo é, certamente, Sodoma. Não é um exagero defender que tais centros do mal devem ser destruídos ou enfraquecidos, como faz Bin Laden, ou crer que sua destruição é, de alguma forma, uma consequência de seu pecado, como acredita Jerry Falwell.10

Nessas cinco frases encontramos falácias suficientes para sufocar a presente análise. Vejamos algumas delas. A frase inicial, obviamente, é dúbia (os fundamentalistas americanos têm medo da mudança ou do ritmo da mudança, ou sentem-se desanimados pela direção dessa mudança?), mas deixe isso de lado por um momento. É a segunda frase que está carregada de suposições implícitas. Primeiro, ela presume que livros escritos há mais de 1.000 anos contenham somente proposições ou posições morais que não são mais válidas. Isso não pode ser verdade, ou “Não matarás” e “Não dirás falso testemunho” não teriam validade hoje.

Em segundo lugar, Sullivan distorce o ensinamento do Novo Testamento. Talvez o Corão de fato defenda a morte de homossexuais; certamente o Antigo Testamento assim ordenava aos que cometiam atos homossexuais (Lv 20.13). Mas não há registro de que Jesus tenha feito qualquer afirmação a respeito da condição homossexual, muito menos adotado a pena de morte à prática homossexual. E embora Paulo rejeite a propriedade dos atos homossexuais, ele nada diz sobre punição. Além disso, se Jesus rejeitou a pena de morte para o adultério (Lv 20.10; Jo 8.2-11) não teria feito o mesmo para o ato homossexual? Não sei de nenhum fundamentalista americano que acredite na pena de morte para a prática homossexual, muito menos para aqueles com tendências homossexuais que vivem no celibato.

Terceiro, mesmo se os fundamentalistas de fato se ativessem ao credo "antigo", não estariam de forma alguma necessariamente aterrorizados pelo mundo moderno, como afirma Sullivan. Trata-se de uma afirmação dicto simpliciter (uma generalização infundada: veja p. 29-31). Tampouco são eles necessariamente predispostos à violência. Na realidade, Sullivan admite isso quando afirma: "Felizmente, a violência não tem sido uma característica dessa tendência [fundamentalista de associar religião com política]".11

Quarto, a principal falácia é julgar que a causa que levou ao ataque de 11 de setembro não é uma deformação específica do islamismo fundamentalista, mas sim uma atitude religiosa mais abrangente (e amorfa) chamada fundamentalismo, e então afirmar que o fundamentalismo ocidental é (ou se tornará), por consequência, tanto a causa de atos de terrorismo nos moldes de 11 de setembro quanto a deformação do fundamentalismo islâmico. Sua definição de fundamentalismo é particularmente perturbadora. Segundo ele, fundamentalismo é "o ato de recorrer cegamente a textos aceitos como verdade literal, a ordem formal de seguir os mandamentos de Deus antes de qualquer outra coisa, a sujeição da razão e do juízo e até mesmo da consciência aos ditames do dogma".12

Essa definição é uma caricatura frustrante da fé da maioria das pessoas nos Estados Unidos, que chamam a si mesmas ou se alegram por serem chamadas de fundamentalistas. Em primeiro lugar, ela está recheada de linguagem com conotação negativa: cegamente, verdade literal, ditames e dogma. Os retóricos às vezes as chamam de palavras-estigma. Fazem jus aos xingamentos (veja p. 53-57).

Segundo, não apenas os fundamentalistas, mas todos os cristãos tradicionais, acreditam em seguir os mandamentos de Deus acima de tudo.

Terceiro, todos os cristãos tradicionais afirmam que a Bíblia é a fonte da sua fé. Mas mesmo entre fundamentalistas extremos, apenas alguns o fazem tão cegamente. Penso que Sullivan talvez estivesse chocado ao perceber como são, ou como podem ser, intelectualmente sofisticadas as teologias dos fundamentalistas.

Quarto, aceitar a Bíblia como verdade literal – como os fundamentalistas bem podem fazer – não significa lê-la sem inteligência; significa lê-la como foi escrita (literalmente), ou seja, de forma a compreender o sentido que os autores bíblicos tinham em mente. Se você deseja uma ilustração da leitura da Bíblia como não deve ser, veja a obra do Jesus Seminar [Seminário de Jesus].*

Em quinto lugar, o dogma não é formulado para que a razão e o juízo sejam submetidos a ele; ele foi formulado por estudiosos cristãos usando a melhor razão e o melhor juízo que poderiam reunir. Reconhecer que um documento antigo – por exemplo, o Credo Niceno – é autoridade para a fé cristã pode ser extremamente racional.

Sullivan então se volta para o que alguns chamam de falácia da ladeira escorregadia. Ele escreve que os compromissos fundamentalistas podem ser

empolgantes e transformadores. Têm levado os seres humanos a desempenhar atos extraordinários tanto bons quanto maus. E têm em si uma lógica interna. Se você crê que há uma vida eterna após a morte e tortura infinita e indescritível aguarda por aqueles que desobedecem a lei de Deus, não é necessário grande esforço de imaginação para certificar-se de que você não apenas se sujeita a cada preceito como também encoraja e, se necessário, coage outros a que façam o mesmo. A lógica por trás disso é irrepreensível. (...) Em um mundo de verdade absoluta, em questões mais graves do que a vida e a morte, não há espaço para a discordância nem para a dúvida teológica. Daí a confiança nas interpretações literais de textos – pois a interpretação pode levar ao erro e o erro pode levar à condenação.13

O argumento que Sullivan apresenta não é impecável, tampouco é usado pelos chamados fundamentalistas. Trata-se de um comentário ad hominem fabricado por Sullivan (era usado pela Inquisição, na Idade Média, mas não conheço fundamentalistas que imponham a fé por meio de ameaças de violência), e como já observamos, é uma ilustração da falácia da ladeira escorregadia. Alguns abstêmios, por exemplo, afirmam: “Se você tomar um drink e apreciá-lo, tomará muitos drinks e se tornará um alcoólatra”. Isso simplesmente não é verdade. A ladeira não é tão escorregadia assim. É exatamente um pensamento tipo ladeira escorregadia como esse que caracteriza o argumento de Sullivan de que, se você acredita estar plenamente certo a respeito do futuro daqueles que não creem que ninguém vem ao Pai senão por Jesus, usará a força para impor essa crença. Tal uso de força, no entanto, sempre foi uma aberração do ensino de Jesus e uma imitação grotesca de seu exemplo. Jesus morreu por sua convicção de que era o Messias; ele não matou por essa convicção nem ordenou que seus discípulos o fizessem. Os próprios terroristas de Bin Laden não mataram as pessoas no World Trade Center a fim de impor uma crença. É provável que seus atos tivessem como intuito garantir o paraíso para si mesmos e anunciar uma postura moral e política de uma linha específica do islamismo.

O que Sullivan faz é esquecer de que o perigo não está no caráter persistente da crença daquele que crê estar certo, mas no conteúdo de sua crença. Os quakers acreditam plenamente na não violência. A violência é a última coisa que essa crença absolutista encorajará. Mas não é necessário buscar os pacifistas entre os cristãos. A teologia da guerra justa – se defendida de maneira firme como absolutamente verdadeira e praticada pela maior parte dos governos – evitaria se não todas, pelo menos a maioria das guerras.

Um mês depois do artigo de Sullivan, Thomas L. Friedman expressou sua opinião no jornal The New York Times.14 Ele também afirmava que nossa luta não é contra o terrorismo, mas contra o “totalitarismo religioso”, cuja principal faceta é “pregar visões religiosas exclusivistas”. Devemos promover “uma ideologia do pluralismo – uma ideologia que abrace a diversidade religiosa e a ideia de que minha fé pode ser nutrida sem a alegação de ser verdade exclusiva”. Ou seja, devemos ter “uma visão multilíngue de Deus – uma noção de que Deus não é exaurido por apenas um caminho religioso”.

Dois dias depois, David Shnaider escreveu uma resposta ao Times:

Não seria a afirmação de Thomas L. Friedman de que as religiões devem abrir mão de qualquer pretensão de “verdade exclusiva” apenas outra versão do totalitarismo religioso a que ele se opõe tão fortemente? (...) A essência do judaísmo, do cristianismo, do islamismo, do mormonismo e de muitas outras religiões é que cada uma representa o verdadeiro caminho para a salvação. Isso não é fundamentalismo, mas o ensino de profetas e apóstolos.

A civilização ocidental moderna é testemunha da ideia de que é possível crer em uma verdade exclusiva, como fazem muitos crentes vigilantes, sem pregar, como fez o Talibã, que nenhuma outra crença pode ser tolerada.15

Eu não me expressaria melhor. A crítica de Shnaider a Friedman também serve para Sullivan. O pluralismo religioso de Sullivan e Friedman é, na verdade, incoerente em sua autorreferência. (Veja também a crítica ao pluralismo religioso nas páginas 96-99, 129-137 e 151-153).

O argumento extenso de Sullivan e a redução simples de Friedman ilustram os tipos de argumentos complexos e enviesados enfrentados pelos cristãos. A reflexão desleixada no anseio de justificar uma ideologia é uma tentação constante e o pecado resultante é evidente nas publicações supostamente mais responsáveis pelos mais sofisticados analistas e especialistas. Caveat emptor (cuidado, comprador) é um alerta para compradores; caveat lector serve para os leitores, mesmo que sejam do New York Times. Na verdade, caveat lector serve bem a leitores tanto de autores cristãos quanto de seus críticos.

Causas e razões

Causas e razões geralmente se confundem. Uma distinção entre elas, no entanto, é importante. Digamos que você faça a seguinte pergunta a um grupo de alunos: “Por que você – ou qualquer pessoa – crê no que crê?”. A resposta sempre inclui afirmações como estas: “Meus pais são cristãos”, “Eu cresci na igreja”, “Meus pais nunca acreditaram em Deus e eu também não”, ou de alguém que cresceu em um país do bloco comunista “Aprendi que Deus era um mito, e que Jesus

Cristo nem sequer existia".

Esses fatores que conduzem a uma crença religiosa ou não religiosa específica não são razões de fato; são causas. Não houve nenhum elemento explicitamente racional envolvido. É inevitável que crianças de Poona, na Índia, criadas por pais hindus, cresçam com alguma forma de fé hinduísta. Somente se encontrarem outro sistema de fé, talvez na escola, com muçulmanos ou cristãos, elas serão algo mais do que essencialmente hindus em sua cosmovisão. Elas foram levadas a crer no que creem. Suas convicções foram moldadas por forças sociológicas. Isso não significa que suas crenças não sejam genuinamente intelectuais, ou que sejam menos do que racionalmente justificáveis, apenas que, a princípio, não foram formadas por uma reflexão sobre várias opções, respondendo a objeções possíveis e chegando a conclusões conscientemente racionais.16

A pergunta "Por que você crê no que crê?" também tem inúmeras outras respostas, como "Minha fé em Deus me dá esperança", "Minha fé traz sentido e direção à minha vida", "A Bíblia me diz quem é Deus e como posso conhecê-lo", "Há muitas provas de que Jesus era e é o Filho de Deus", ou "A cosmovisão cristã oferece a melhor explicação para todas as perguntas difíceis que tenho a respeito da vida". Essas e muitas outras respostas semelhantes são razões. Quer sejam fracas ou fortes, fundamentadas na verdade ou não, elas envolvem a aplicação da mente à questão da crença.

Por que é importante distinguir entre causas e razões? Há pelo menos duas razões. Em primeiro lugar, se as pessoas a quem me dirijo são em sua maioria jovens e não refletiram sobre as razões para sua fé, quero ajudá-las a se tornarem conscientes de sua carência de fundamento racional consciente (ou seja, de sua falta de razões) para sua forma de viver. Isso é importante para todos, sejam cristãos ou não. É importante para os cristãos porque, sem alguma compreensão da razão de serem cristãos, eles podem muito bem defender sua fé com reservas (e assim enfraquecer sua vida cristã) ou perder a fé por completo. Em minha experiência, sei que muitos cristãos simplesmente não conseguem dar "razão para a esperança que há neles". Para os que não são cristãos, distinguir entre causas e razões é importante, pois remove uma barreira à fé e abre caminho para que eles percebam a credibilidade da fé cristã.

Em segundo lugar, a distinção é importante porque uma das acusações contra os cristãos é que eles creem no que creem essencialmente – ou exclusivamente – porque cresceram em um ambiente cristão. Foram levados a crer. Se refletissem

a respeito, afirmam os céticos, mudariam de ideia. Alguns professores ateus têm como objetivo destruir a fé cristã de seus alunos. Sua tarefa é muito mais fácil com aqueles alunos cuja fé foi adquirida em um ambiente relativamente isolado e, portanto, na maioria das vezes, costuma ser a mesma fé de seus pais ou amigos. Alunos que enfrentaram crises de fé ou conversão são, frequentemente, mais fortes e estão mais aptos para resistir à pressão de um ambiente hostil moldado por um intuito de destruir a fé cristã. A questão aqui, contudo, é que a afirmação de um professor de sociologia de que as crenças religiosas são formadas exclusivamente ou mesmo essencialmente por fatores sociais (portanto, são causadas), é uma forma de falácia post hoc.

Se é verdade que as convicções religiosas são formadas exclusivamente por causas sociológicas (o ambiente religioso), então há pelo menos uma forte possiblidade de que as teorias sociológicas sejam formadas da mesma maneira (o ambiente acadêmico da sociologia profissional). As teorias sociológicas, portanto, não teriam mais probabilidade de ser verdadeiras do que as convicções religiosas.

O mesmo é verdadeiro sobre a tese essencialmente freudiana de que a crença em Deus e na religião em geral é uma forma de satisfação do desejo e, consequentemente, uma ilusão. Quando essa objeção surge no discurso popular, é facilmente confrontada de várias formas.17 Primeiramente, se a fé em Deus é um produto da satisfação de um desejo para os que creem, o ateísmo (a total descrença em algo sobrenatural) tem a mesma probabilidade de ser um produto do mesmo tipo. As pessoas que não creem em Deus costumam fazê-lo porque assim sentem-se aliviadas do sentimento de culpa pela forma como conduzem suas vidas. Elas veem o Deus cristão como um juiz severo, não como um Deus a ser desejado.

Isso nos leva à segunda resposta. O Deus cristão não é um Deus que qualquer pessoa desejaria à primeira vista, não porque ele tenha um caráter rancoroso, mas porque exige rendição total. “Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á”, disse Jesus, “e quem a perder de fato a salvará” (Lc 17.33). A salvação, por um lado uma dádiva absolutamente divina, é recebida a um alto preço. A própria exclusividade da fé cristã – “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6) – carrega um estigma em nossa sociedade pluralista. É fato, obviamente, que a dura verdade da fé cristã envolve o maior de todos os benefícios – a vida com Deus e com sua família na eternidade – e esse é um fim a ser profundamente desejado. Mas é simplesmente improvável que seja um benefício bem

compreendido a ponto de ser desejado por aquele que ainda não é crente.

No entanto, o fato de termos um desejo prévio pela existência de um Deus que seria um Pai perfeito não significa que esse desejo seja a causa da nossa fé. Há uma verdade na análise freudiana: como cristãos, podemos concordar que temos um desejo por Deus, um anseio pré-teórico e primitivo não satisfeito por sentido e significado. Deus "pôs no coração do homem o anseio pela eternidade; mesmo assim ele não consegue compreender inteiramente o que Deus fez" (Ec 3.11 – NVI). Há, de fato, um Deus presente, o único que supre nosso anseio. "Nossos corações ficam inquietos até que descansem nele", afirmou Santo Agostinho.18 E João Calvino falou sobre um sensus divinitatis (um "senso direto do divino").19 Ansiamos por Deus porque ele anseia por nós. Crer em sua existência não parte de nosso próprio desejo; o fato de que ele existe é o que desperta o nosso desejo.

Se a fé em Deus é resultado da satisfação de um desejo, também é provável que não crer em Deus seja resultado da satisfação de um desejo. O crente quer crer em Deus; o não crente não quer crer em Deus. O debate sobre a existência de Deus é um empate. Nenhum dos lados convence o outro.

Há um princípio geral envolvido: causas não racionais de qualquer tipo – sociológicas, psicológicas, antropológicas – servem aos dois lados. Se um lado atribuir a perspectiva do outro à emoção, a motivos ocultos, à formação cultural ou à carência psicológica, esse lado precisa apenas responder à altura.20 Por exemplo, uma crítica cristã à evolução se expressa desta forma:

Em resumo, a aceitação da verdade da evolução sem inteligência [i.e., naturalista] concede aos cientistas uma porção maior de poder, prestígio e renda que, de outra forma, acabaria nas mãos de religiosos. O sucesso do fundamento científico nesse debate permitiu a humilhação dos religiosos e seu afastamento do palco de onde são anunciadas as verdades sobre o mundo físico.21

O que ele diz bem pode ser verdade. Mas não é – ou não deveria ser – um argumento eficaz. Tudo o que o evolucionista precisa fazer como resposta é acusar o antievolucionista de invejar o poder que os evolucionistas detêm hoje.

Os cristãos podem manter-se distantes pelo menos de certos argumentos infrutíferos, evitando atribuir causas não racionais às convicções de seus opositores. Tais argumentos são facilmente despertados nas mentes desses opositores e usados de forma legítima contra os cristãos.

Hipóteses contrárias

Deus é onipotente. Portanto, ele é forte a ponto de criar uma pedra que não possa erguer? Essa ilustração da história de Max Shulman é mencionada ocasionalmente pelos alunos. Dobie Gillis identificou facilmente sua falha. Pode-se imaginar que essa falácia raramente ocorra, exceto em histórias imaginativas. Na verdade, ela surge todo o tempo em argumentos como os que vimos acima.

Um princípio contém em si uma inconsistência interna sempre que é construído de tal forma que enfraquece a si mesmo. Eis aqui um princípio ouvido com frequência no campus:

“Todas as alegações de verdade são relativas. Não há verdade absoluta”.

Se a alegação do próprio princípio (“toda verdade é relativa”) fosse verdadeira, então seria falsa, pois é uma alegação de verdade absoluta. Como veremos adiante na discussão sobre relativismo (p. 96-99, 129-137 e 151-153), essa noção é tão comum que praticamente alcançou uma profundidade de compromisso de cosmovisão. Nesse nível, ela não é analisável; não há argumento eficaz contra ela.

Além disso, concede-se credibilidade intelectual ao princípio geral quando este é construído de diversas formas por Friedrich Nietzsche e alguns dos mais conhecidos teóricos pós-modernos. Considere essas afirmações:

Nietzsche: A verdade é "um exército móvel de metáforas".22

Se a afirmação "a verdade é um exército móvel de metáforas" deve significar algo substancial, ela mesma é uma reivindicação à verdade literal. Mas não existe verdade literal. Trata-se, portanto, de uma afirmação incoerente em sua autorreferência.

Michel Foucault: "A 'verdade' deve ser compreendida como um sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulação, distribuição, circulação e operação de afirmativas."23

Essa afirmação parece expressar que a "verdade" é puramente linguística. No entanto, se esse for o caso, então a frase que assim afirma não se refere à natureza da verdade, mas apenas da natureza da linguagem, e portanto, é incoerente em sua autorreferência.

Richard Rorty: Quando descrevemos uma girafa, não precisamos tentar descrevê-la "como realmente é. Tudo o que precisamos saber é se alguma descrição concorrente pode ser mais útil para alguns de nossos propósitos."24

Essa visão pragmática da verdade indica que a verdade não é encontrada, mas construída pela linguagem; qualquer linguagem que expresse o que você deseja é verdadeira. Se o objetivo de Rorty é persuadir os filósofos a adotar essa visão da verdade, ele não foi bem-sucedido. A maioria dos filósofos discorda. Quando Rorty afirmou que a verdade é qualquer ideia que você leve seus pares a acreditar, Alvin Plantinga observou: "Richard, não vamos deixar que você se livre dessa". Isso, naturalmente, inverte a afirmação, revelando, pelo menos neste contexto, sua inutilidade.

Nietzsche, Foucault e Rorty, é claro, foram bem contestados por críticos e colegas acadêmicos. Embora, aparentemente, nenhum dos três tenha reconhecido as falácias inerentes a seu ponto de vista, não devemos fazer o mesmo. Não precisamos, contudo, rejeitar toda a sua obra. Mesmo que as teses centrais de grande parte do seu trabalho sejam falhas, cada um deles contribuiu para o capital intelectual do estudo acadêmico atual. Muito podemos aprender com cada um deles sobre o papel da linguagem como poder, como construtivo de nossa compreensão da realidade, e sobre a tendência de que palavras substituam conceitos e conceitos substituam a realidade.

Mas quando a observação correta de que pessoas diferentes têm muitas visões da realidade distintas e contraditórias torna-se o princípio filosófico de que todas elas são válidas ou igualmente corretas, devemos dizer "não". (Veja nos capítulos 8 e 11 formas de demonstrar que o espírito rebelde da realidade nos impede de praticar o princípio filosófico do relativismo).

Hipótese contrária ao fato

Na hipótese contrária ao fato, a contradição no ponto central da falácia é com a própria realidade. Como diz Dobie Gilles: "Não se pode partir de uma hipótese que não é verdadeira e tirar dela qualquer conclusão defensável". Mesmo assim, essa tentativa ainda é feita todo o tempo, e em todas as áreas, da política à religião. Pense na política, por um momento:

"Se Bush não tivesse sido eleito, os Estados Unidos jamais teriam entrado na guerra do Iraque."

"Se os Estados Unidos não tivessem lançado as bombas atômicas sobre o Japão, teriam vencido a 2ª Guerra Mundial sem causar tantas mortes."

"Se a Alemanha não tivesse tido uma grave falha em seu serviço de inteligência, os aliados teriam perdido a guerra na Europa."

É fácil perceber que essas ideias ouvidas com frequência não passam de especulação. Talvez fossem verdade, talvez não. Mas é tudo talvez.

Pense agora nas afirmações que os cristãos costumam ouvir.

“Se você não tivesse crescido em um lar cristão, jamais teria se tornado cristão.”

“Se tivéssemos cópias de todos os Evangelhos Perdidos, deixaríamos de confiar nos relatos do Novo Testamento.”

“Se o apóstolo Paulo não tivesse se convertido, e se tornado um porta-voz da fé cristã, o cristianismo, caso sobrevivesse até hoje, seria completamente diferente. Paulo foi o inventor do cristianismo.”

“Se as cruzadas não tivessem acontecido, o mundo ocidental não estaria em grande conflito com o Oriente Médio.”

“Se apenas aprendêssemos a não levar nossas religiões tão a sério, nos relacionaríamos muito melhor uns com os outros.”

Tais sentimentos podem ser multiplicados quase que infinitamente. Têm certo mérito como possibilidades, porém nenhum mérito como oponentes importantes em discussões sobre religião. Sem o respaldo da realidade, não passam de especulação.

Alguns deles admitem como fato o que talvez exista apenas na imaginação. Temos, por exemplo, alguns Evangelhos Gnósticos do 2º século d.C. Estes deixaram de ser Evangelhos Perdidos. Conhecemos seu conteúdo; na verdade, eles enriqueceram nosso entendimento da era pós-Novo Testamento, mas não modificaram de forma radical a nossa compreensão do Jesus histórico. Embora seja uma ideia contestada por alguns estudiosos, é consenso geral que os textos sofrem tanta influência de suas origens gnósticas que são muito menos confiáveis do que os quatro Evangelhos conhecidos desde o início. De qualquer modo, é pura especulação sustentar que outros “Evangelhos Perdidos” serão

encontrados e que conduzirão a uma compreensão radicalmente nova de Jesus. (Veja a bibliografia nas p. 143-145.)

Às vezes, os cristãos também discutem com base em premissas contrárias ao fato. Considere essas afirmações:

“Se você lesse os Evangelhos apenas, veria que Jesus é o Filho de Deus e se tornaria um cristão.”

“Se você não tivesse sofrido a experiência de abuso quando criança, poderia ver Deus como o grande Pai que ele é.”

“Se você apenas deixasse de resistir ao evangelho, veria que ele é verdadeiro.”

“Se você lesse Cristianismo Básico, de John Stott, aceitaria Cristo como seu Salvador e Senhor.”

Premissas contrárias ao fato muitas vezes expressam o que gostaríamos que fosse verdade, mas não é. Devemos aprender a responder à realidade como ela é. Não chegamos a lugar nenhum sonhando com um passado que não pode ser alterado ou um futuro que não está sob nosso controle. Se, no entanto, transformamos em oração algumas de nossas hipóteses contrárias ao fato, elas deixam de ser meros sonhos. Nesse caso, estaremos confiando em Deus para promover a realidade que expresse suas intenções para todos nós – os cristãos, e aqueles por quem oramos, estarão no caminho certo.

Nota

* O Jesus Seminar [Seminário de Jesus] é um projeto de reflexões cristológicas fundado em março 1985 por Robert Funk, com o apoio do Instituto Westar, que inicialmente reunia cerca de 30 seguidores (fellows), número que, posteriormente, chegou a superar a marca de 200 seminaristas (N. do T.).

Você insultou a todos nós

Sentimento, falsa analogia e o envenenamento do poço

Polly Espy chorou quando ouviu a história do homem que precisava de um emprego para cuidar de sua família. Pensou que seria uma boa ideia permitir que os alunos fizessem suas provas com consulta. Mas, finalmente, percebeu a falácia de chamar de mentiroso seu oponente. Eu deveria ter me saído tão bem assim na única vez em que me deparei com essa falácia. Vamos examinar uma de cada vez.

Sentimento: ad misericordiam

Algumas das verdades da fé cristã são difíceis de engolir. Ninguém deseja ouvir que enfrentará uma existência pós-morte no inferno. Seguramente, um Deus que é bom não enviaria ninguém ao inferno, certo? Ele nos ama. Ouvi certo pastor dizer à congregação:

“Eu jamais enviaria alguém para o inferno. E Deus, certamente, é mais bondoso do que eu.”

O problema é que Jesus não teria concordado. Ele alertou diversas vezes a respeito do terrível castigo do inferno (Mt 5.30; 25.30,46; Mc 9.43-48; Lc 12.5). Aqui estão três exemplos:

(...) se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno (Mt 5.30).

Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno (Lc 12.5).

E o servo inútil [personagem em uma das parábolas de Jesus], lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 25.30).

O argumento mais frequente para a negação da existência do inferno obviamente não está na Bíblia. É o argumento do sentimento. A punição simplesmente parece terrível demais.

Devo admitir que raramente falo sobre o inferno quando apresento a fé cristã. Eu me incluo entre os que detestam encarar uma plateia com uma notícia tão negativa. Também não recomendo que outros enfatizem o assunto. Penso que essa prática muito se assemelha à tentativa de fazer com que as pessoas cheguem ao céu pelo terror em vez de atraí-las para lá enfatizando o amor de Deus expresso no doloroso sacrifício feito por Jesus na cruz. Melhor é ganhar alguém para Cristo através do amor, encorajando-o a viver para Cristo como um cidadão do reino de Deus, do que assustá-lo para que considere a fé cristã como uma rota de escape.

Entretanto, ouvi Francis Schaeffer afirmar que se tivesse apenas uma hora para apresentar o evangelho cristão, dedicaria os primeiros 45 minutos ao julgamento. De fato, a verdade da existência do inferno é parte da verdade do evangelho, e não deve ser negada ou deliberadamente oculta da visão.

Quando a objeção ao inferno vem na forma a seguir, sei que o objetor começou a entender as implicações da verdade do evangelho. O comentário costuma soar assim:

“E aqueles que nunca ouviram o evangelho e sequer sabem que Jesus existiu? Deus certamente não os enviará ao inferno. Seria injusto.”

Quando alguém faz essa afirmação, sei que entendeu as graves consequências de não aceitar Cristo como seu Senhor e Salvador. Também estou ciente de que pode, simplesmente, ter apresentado a objeção a fim de evitar uma decisão. Ou, se for particularmente hostil ao evangelho, talvez ele ou ela saiba que essa pergunta pode desviar a conversa do tema das boas novas para uma notícia aparentemente tão negativa que o testemunho cristão perde sua credibilidade para outros que estejam escutando. Em outras palavras, é possível que a pergunta não seja sincera. Como um cristão deve responder?

Costumo dizer algo assim: “É uma ótima pergunta. Você sabe o que significa? Significa que você compreende a seriedade dessa questão. Mas também significa que entendeu que Jesus oferece salvação, e agora sabe que a resposta a essa pergunta específica é apenas acadêmica. Você ouviu a respeito de Jesus. Não poderá alegar desconhecer que o compromisso com ele era o único caminho para a vida eterna”.

Às vezes, acrescento: “E aos outros aqui presentes: vocês também ouviram que Jesus é o único caminho para o Pai. Não terão mais a desculpa de que não sabiam”.

Então, para responder à grave objeção de que Deus não é justo (ou seja, não é bom), passo para a resposta à pergunta. A duração da minha resposta dependerá da forma como avalio a seriedade do objetor e o caráter dos outros ouvintes. Minha resposta relativamente completa, não técnica, é assim:

Primeiramente, devemos entender que Deus é realmente bom. Ele criou o Universo para que fosse um lugar muito bom, e criou seres humanos para ali viverem em harmonia com o mundo e com o próprio Deus. No entanto, nos rebelamos, voltamo-nos contra ele, contra o mundo e uns contra os outros. Esse rompimento no relacionamento teria persistido eternamente e, em virtude de nossa separação dele, teríamos criado nosso próprio inferno se o próprio Deus não viesse ao nosso mundo, assumisse a culpa de nossa rebelião e nos desse a oportunidade de restaurar nosso bom relacionamento com ele. Tudo o que

precisamos fazer é aceitar seu sacrifício. Jesus, o Filho de Deus, levou sobre si o nosso castigo; anunciou sobre a cruz que Deus o havia abandonado. Foi esse seu inferno por nós. Mas ele ressuscitou e restaurou sua comunhão com Deus. É graças à sua morte e ressurreição que poderemos ficar com ele eternamente.

"Na casa de meu Pai", disse Jesus, "há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar" (Jo 14.2). Essas palavras alentadoras encontram-se no contexto imediato da morte e da ressureição do próprio Jesus. De fato, o apóstolo Pedro nos assegura que o desejo de Deus é que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento (2Pe 3.9). A única maneira de ficarmos distantes de Deus na eternidade é se nós o rejeitarmos.

No entanto, digo, isso significa que nós, aqui, sabemos o suficiente para seguir esse pouco de verdade rumo a um compromisso de nossas vidas com Cristo. Também significa que Deus será justo com aqueles que nunca chegam a ouvir essa boa nova. Não sei especificamente como ele lidará com essa questão. Alguns afirmam que todos têm uma chance de ouvir e aceitar a Cristo após a morte, mesmo sem ter ouvido antes a mensagem. Não encontro na Bíblia sequer um traço de evidência que sustente essa afirmação. Mas encontro razão para acreditar que se as pessoas reconhecem sua separação daquele que entendem ser Deus e nele depositam sua confiança, essa confiança pode ser honrada como fé salvadora. C. S. Lewis retrata isso em A última batalha, sua crônica de Nárnia. A história, naturalmente, é ficção, e serve apenas como ilustração. Mas pode ser uma forma de compreender tanto a justiça de Deus quanto seu amor divino.

Em seguida, lembro aos ouvintes, que, para nós, aqui, trata-se de uma resposta acadêmica. Não tem outra importância intelectual ou espiritual além de imaginar uma maneira pela qual Deus seja justo e amoroso. De forma alguma exime qualquer um de nós da responsabilidade da escolha. Na verdade, não fazer a escolha será impossível, pois não escolher seguir a Cristo é escolher rejeitá-lo. Como disse G. K. Chesterton: "O inferno é um monumento à dignidade humana".

Ninguém que vê a si mesmo com um destino final à parte de Deus será capaz de lhe dizer: "Isso não é justo".

Falsa analogia

Conheço apenas algumas poucas objeções à fé cristã que se encaixam precisamente na categoria de falsa analogia. Objeções costumam ter seu foco em ideias que as pessoas não apreciam – como pecado, inferno, o problema do sofrimento e do mal, a autoridade ou confiabilidade da Bíblia, a exclusividade da fé cristã, a possibilidade dos milagres, especialmente a ressurreição de Jesus. Mas eis aqui uma falsa analogia:

"A religião é apenas uma muleta. Erga-se sobre os próprios pés. Você não precisa confiar em alguma divindade para mantê-lo em pé."

Vimos que, assim como acontece com muitas objeções, essa afirmação contém uma parcela de verdade. Podemos aceitar a primeira parte da analogia. A fé cristã é, de fato, uma muleta. Precisamos dela porque sem Cristo caímos. Somos pessoas quebrantadas. A única pergunta sobre o cristianismo como muleta é se ele cumpre sua função. E a resposta é "sim".

Aqui está uma segunda falsa analogia:

"Os cristãos são como zumbis. Não pensam por si mesmos. Apenas seguem seus líderes e acreditam em tudo o que eles dizem."

Essa objeção indica que o objetor não conheceu muitos cristãos genuínos. Além de ser uma falsa analogia, ela também se encaixa na categoria de dicto simpliciter, uma generalização infundada. A analogia talvez sirva para alguns grupos classificados como seitas, mas dificilmente se aplica às pessoas nas igrejas que conheço. Mais uma vez, há sim um fio de verdade na analogia. Alguns cristãos são, de fato, anti-intelectuais. Não significa que não raciocinem, mas seu pensamento é limitado a uma perspectiva teológica específica ou a uma leitura restrita da Bíblia. Porém, mesmo no contexto desses sistemas hermenêuticos, costuma haver muito estudo bíblico profundo e perspicaz. A

melhor resposta a essa objeção é demonstrar sua própria habilidade de refletir e levar o objetor a uma igreja cuja vida espiritual (e intelectual) seja vibrante.

Outras objeções se assemelham à falsa analogia:

“A Bíblia é apenas um punhado de mitos e contos de fadas. Como guia para a vida, não é mais confiável do que as histórias dos deuses gregos.”

Uma resposta boa e eficaz para essa afirmação pode ser extensa. A probabilidade, no entanto, é que tal argumento venha de alguém com conhecimento muito limitado a respeito da Bíblia. Uma breve apresentação dos vários gêneros dos textos bíblicos – leis, história, provérbios, cânticos de casamento, drama (Jó), Evangelho (um tipo de biografia totalmente singular, diferente de qualquer mitologia, inclusive a grega), cartas e narrativa apocalíptica – pode ser útil. É possível explicar também, por exemplo, por que é provável que os Evangelhos sejam relatos bastante confiáveis da vida de Jesus.

Observação: não é necessário defender a inspiração divina da Bíblia. O argumento não será eficaz com aqueles que ainda não se tornaram cristãos. Tampouco é necessário defender a inerrância bíblica – mesmo que, na sua opinião, essa questão seja importante para a fé cristã. Explique somente o caráter central da Bíblia, seu registro do relacionamento de Deus com a humanidade, especialmente pelo fato de envolver Jesus. O objetivo de sua resposta não é provar que a Bíblia não é mitologia, mas sim conseguir que os interessados a leiam, principalmente os Evangelhos. Então eles se esquecerão de qualquer semelhança com mitologia. A semelhança não existe.

O envenenamento do poço

O envenenamento do poço não costuma ocorrer em conversas na forma flagrante de chamar o oponente de mentiroso. Esse golpe é óbvio demais para ser eficaz. É

mais provável que ocorra quando a credibilidade de uma autoridade citada pelo porta-voz cristão é sumariamente rejeitada. Lembro-me de alguns exemplos:

“Phillip Johnson é advogado. Como ele pode se atrever a desafiar a teoria da evolução?”

“Os teólogos simplesmente não entendem a ciência”.

“Ele não é um acadêmico. É um carismático”.

Quando eu era aluno de literatura inglesa na faculdade, um de meus colegas certa vez perguntou:

“Você é fundamentalista, não é?”

No mundo acadêmico, a frase é como um tapa na cabeça. Minha resposta, contudo, foi boa. Sem refletir a respeito, apenas respondi: “Não mais do que C. S. Lewis”. Diante disso, meu interlocutor exclamou: “Oh”. Eu havia resgatado minha inteligência.

Hoje, no mesmo curso superior, a resposta talvez não surtisse efeito. Lewis é definitivamente um “clássico”, tão bom quanto uma referência à literatura medieval, mas é provável que não seja um nome respeitado na religião ou Filosofia. Uma referência a J. R. R. Tolkien funcionaria melhor – principalmente, penso eu, porque ele não era tão aberto a respeito da seriedade de seu compromisso cristão.

Um de meus exemplos favoritos aconteceu em um encontro direto com Richard Dawkins, autor de The Blind Watchmaker [O relojoeiro cego] e defensor da evolução somente por causas naturais. Ele havia ministrado uma palestra sobre a natureza da ciência, comparando seu entendimento acadêmico com o de astrólogos e dos jornais britânicos. Eu estava na plateia. Em uma sessão formal

de perguntas e respostas, eu lhe perguntei por que ele não comparava sua visão da ciência à de Michael Behe, defensor do design inteligente na criação como teoria científica. Dawkins respondeu: “Bem, Behe acredita em Deus”.

Ele parou por um momento para reflexão. Então, acrescentou: “E além disso, Michael Behe é preguiçoso”.25 E prosseguiu dizendo que as “complexidades irredutíveis” que Behe encontra na biosfera não são necessariamente irredutivelmente complexas. Ele deveria estar tentando explicar como essas estruturas complexas foram formadas por “caminhos evolucionistas” naturais.

Quando observei que sua afirmação era argumentum ad hominem (argumento contra o homem), Dawkins disse: “Sim”, mas continuou a enfatizar apenas a preguiça de Behe.

Outro homem na plateia então disse: “Professor Dawkins, não sei se o senhor está a par do problema que temos aqui nos Estados Unidos com aqueles que desejam que a criação seja ensinada em sala de aula”. A minha pergunta jamais foi respondida. Behe, obviamente, não estava presente. O que pode acontecer quando o envenenamento ocorre em seu próprio poço?

A experiência mais dolorosa que tive como porta-voz da fé envolveu um caso grave e muito perspicaz de envenenamento do poço. Aconteceu em meados da década de 1980. Eu fora convidado pelo grupo InterVarsity no Oberlin College para um diálogo público com um dos professores de Filosofia da instituição. Meus anfitriões me informaram que ele havia crescido na igreja e que, embora tivesse se tornado muito mais intelectual do que a igreja de sua juventude, ele ainda mantinha alguns elos com a fé cristã. Eu o conheci antes do diálogo, quando tivemos uma conversa breve, porém amigável.

Eu sei que, em um diálogo ou debate, leva vantagem aquele que é o segundo a se apresentar. Sempre concordo em ser o primeiro, acreditando ser um gesto gentil da minha parte. Assim, diante de aproximadamente 200 alunos que lotavam o recinto, usei 10 ou 15 minutos para os comentários iniciais. Contei uma história que ilustrava um princípio básico simples que enfatiza a importância da compreensão da natureza fundamental da realidade. Não se tratava de um argumento que afirmava a existência de Deus, mas que encarava com seriedade a questão. Minha intenção era destrinchar suas implicações dialogando com o professor e os alunos.

O professor Jones (este não é seu verdadeiro nome) levantou-se e, incredulamente, afirmou:

“Não sei por que você apresentou tal argumento a esses alunos. Todos aqui presentes sabem o que há de errado com ele. Você insultou a todos nós.”

Então prosseguiu dizendo: “Se você quiser apresentar um argumento para a existência de Deus, eis aqui um com alguma credibilidade”. E passou a apresentar sua própria versão de, pelo que me lembro, um argumento cosmológico. Na minha percepção, o argumento tinha mérito.

Você pode imaginar minha consternação durante os 15 minutos em que ele apresentou seu ponto de vista. Eu estava perplexo. O que eu poderia dizer? Como poderia responder a tal argumento ad hominem? Veja o que se passava em minha mente:

Eu não apresentei um argumento em favor da existência de Deus, apresentei? Àquela altura, eu não tinha certeza. O que sabia é que não fora essa minha intenção. Eu jamais havia usado a história com esse propósito. Mas não tinha usado anotações. Não precisava delas. Será que, no afã do momento, eu havia transformado uma ilustração em argumento?

Um colega já me alertara que havia uma versão daquela história nas obras de William James. Seria possível que, além da história ser usada por William James, a forma como eu a apresentara havia sido refutada por James ou alguém depois dele? Eu não sabia. Talvez o professor Jones já tivesse pedido aos alunos que analisassem a ilustração e a refutassem. Depois de ponderar sobre isso enquanto ele apresentava seu ponto de vista sobre a existência de Deus, concluí que eu não tinha dados suficientes para desafiar a acusação feita por Jones de que a história era fatalmente falha e que os alunos tinham conhecimento disso. Além do mais, Jones chegava ao final de sua apresentação. Logo seria minha vez de responder.

Pensei que tinha três escolhas. Eu poderia tentar esclarecer o que havia pensado e dito e apresentar a história novamente. Mas se realmente houvesse uma falha fatal na história e Jones ou um dos alunos a explicasse, eu seria visto como o

pateta ignorante que Jones me acusara de ser. A outra escolha seria tentar refutar o argumento do próprio Jones demonstrando seus pontos fracos. No entanto, ele argumentava em favor da existência de Deus. Por que eu refutaria um argumento que defendia algo que eu desejava que os próprios alunos acreditassem ou viessem a acreditar? Restabelecer minha credibilidade era menos importante do que levar os alunos a crer em Deus. Uma terceira opção talvez fosse agradecer a Jones por seu argumento, fazer alguns comentários que o validassem, e abrir para perguntas. Minha reputação ficaria em farrapos, porém honraria mais a Deus do que uma tentativa possivelmente fracassada de resgatar um pouco da minha dignidade.

Escolhi então não responder ao ataque pessoal de Jones. Em vez disso, eu o elogiei por seu argumento e respondi as poucas perguntas que se seguiram, sabendo que eu e meu argumento (ou o que quer que fosse aquilo) haviam sido derrubados.

Ao fazer essa escolha, eu sabia que havia perdido toda a credibilidade nas mentes dos alunos não cristãos do Oberlin College. Mas pensei que a liderança da InterVarsity ali poderia acompanhar a respeitada autoridade do professor Jones. Eu não poderia ajudá-los em sua tentativa de mostrar a verdade e a relevância da fé cristã ao campus Oberlin. Mas Jones poderia fazê-lo.

Não foi o que aconteceu, de forma alguma. Para começar, os alunos cristãos ficaram constrangidos com minha performance. Seu representante na defesa da fé, seu herói na batalha de ideologias do campus, jazia morto na arena. Quando cruzei o campus até a sala de visitantes, ninguém me acompanhou. Minha credibilidade com eles também estava perdida. E eu ainda tinha outras duas palestras para ministrar ao grupo. Pode-se imaginar que elas tiveram pouco impacto e um número escasso de ouvintes. A própria liderança da InterVarsity caiu em certo marasmo; seu ministério com os alunos foi fraco no restante do ano acadêmico. Três anos se passaram antes que eu fosse convidado para falar ali outra vez.

Lidei com a situação da melhor maneira possível? Havia alguma outra forma pela qual minha credibilidade pudesse ter sido restaurada? Essa pergunta me atormentou por muito tempo. Para começar, percebi que eu não havia me preparado adequadamente. Eu deveria saber se James ou algum outro filósofo usara uma história como a minha e o que havia acontecido quando ela foi avaliada por outros filósofos.26 Praticar, praticar, praticar é bom, mas deve ser

acompanhado por preparar-se, preparar-se, preparar-se.

Em segundo lugar, telefonei a um amigo próximo, um filósofo que explora argumentos em favor da fé cristã, e lhe perguntei o que havia de errado com a história e com a defesa que eu havia apresentado. Ele me garantiu que eu não fizera nada errado. “Você foi uma vítima do sofisma”, ele disse. Mas não me ajudou a chegar a uma conclusão do que eu deveria ter feito. Alguns anos depois, ele contou que havia se encontrado com Jones e lhe perguntara sobre aquele nosso encontro. Disse que Jones reagiu de forma um tanto estranha e que revelou ter prometido não mais participar de diálogos daquele tipo. Será que ele admitia sua própria parcela de culpa? Será que se arrependeu de ser tão idiota? Difícil saber.

Terceiro, foram necessários alguns anos, mas minha devastação emocional por fim amenizou-se e imaginei outra forma de responder naquele momento. Após a apresentação de Jones e minha apreciação de seu argumento, eu poderia ter dito: “Professor Jones, o senhor poderia me dizer o que entendeu do meu argumento?”. Independentemente de sua resposta, eu simplesmente diria:

“Fico perplexo que tenha interpretado meus comentários dessa forma. Todos aqui presentes sabem que não foi o que eu quis dizer. O senhor insultou a todos nós.”

Isso, é claro, teria empatado o jogo. Mas eu teria reagido ao ataque, fazendo o mesmo. Além disso, se ele era capaz de usar a técnica de envenenamento do poço, é provável que também fosse hábil em algum outro estratagema retórico. A cena como um todo se tornaria desagradável.

Senti então, e ainda sinto, que tirar meu time de campo, e, como um cordeirinho, deixar ser levado ao matadouro, foi a melhor atitude a tomar. No entanto, permitirei que outros – vocês, caros leitores – discordem.

Foi um episódio terrível em meus trinta e poucos anos de palestras na defesa da fé cristã em campi universitários. Uma experiência com a qual aprendi, e mais importante para mim do que para qualquer outra pessoa, nada semelhante ocorreu posteriormente.

Falácias ad infinitum

Entretanto, podemos mencionar outras falácias na lógica informal. Em non sequitur, a conclusão não parte das premissas. O comentário de Richard Dawkins "Michael Behe crê em Deus" é um exemplo perfeito. Não há conexão necessária entre fé em Deus e ciência ruim. O problema é que, nas universidades seculares de hoje, tal conexão é um preconceito reinante.

Quando o comentário foi feito a Dawkins "Não sei se o senhor está a par do problema que temos aqui nos Estados Unidos com aqueles que querem que a criação seja ensinada em sala de aula", outro tipo de falácia foi cometido – a falácia do arenque vermelho* [ou mover os postes da baliza]. É como se um peixe fedido fosse trazido ao argumento, com fedor tão forte que a atenção é desviada do tema importante em questão, nesse caso: a ciência exige um fundamento no naturalismo metafísico?

Polly Espy pensava que gritar era provavelmente uma falácia. Ela tinha razão. A bravata também é. E até mesmo o humor, quando se torna um arenque vermelho.

As oito falácias ilustradas por Schulman em "O amor é uma falácia", no entanto, são as principais. Vale a pena aprender o que a Polly aprendeu. Afinal, os apologistas cristãos receberão mais do que um casaco de marmota quando seu argumento for persuasivo por não ter falha lógica. No entanto, mesmo um argumento impecável pode não convencer. Pensamento animador? Sim. Somente o Espírito Santo é capaz de garantir o que realmente vale – não apenas convencimento, mas convicção.

Nota

* No original “red herring”. Uma falácia red herring é uma afirmação ou pergunta que desvia o assunto em questão através da introdução de informação irrelevante. A pessoa que introduz tal falácia espera «ganhar», mudando os termos do debate (N. do T.).

BONS ARGUMENTOS QUE MUITAS VEZES FALHAM



Um bom argumento, como eu disse, parte de premissas verdadeiras e/ou fatos, não comete erros lógicos (falácias), introduz um grande conjunto de provas, responde a objeções, esclarece as questões e tira conclusões válidas (portanto, verdadeiras). Trata-se, na realidade, de uma exigência exagerada, especialmente quando os argumentos lidam com profundas questões teológicas ou filosóficas. No entanto, até mesmo um bom argumento não é suficiente. Um argumento pode ser bom e ainda não persuadir. As pessoas podem compreender um bom argumento, não identificar nele nada errado e ainda sair sem terem sido convencidas por ele, isto é, sem mudar de fato sua conduta ou seu modo de pensar. Portanto, vamos analisar novamente as características dos argumentos que desejamos utilizar.

Em primeiro lugar, um argumento deve começar com premissas verdadeiras ou fatos precisos. Isso, por si só, já é uma grande exigência. Se houver desacordo sobre quais são os fatos ou quais devem ser as hipóteses, não haverá progresso. Digamos, no entanto, que os dois lados estejam de acordo.

Segundo, um bom argumento, então, deve ser válido; isto é, não deve cometer erros, sejam dos tipos discutidos na Parte Um, ou aqueles associados ao raciocínio dedutivo no processo entre suas premissas até sua conclusão.27

Terceiro, um bom argumento deve ser sólido; ou seja, deve ao mesmo tempo ser válido e fundamentar-se em premissas verdadeiras. Se um argumento for sólido, levará a conclusões verdadeiras.

Um bom argumento, no entanto, precisa de mais uma característica para ser o que gostaríamos que fosse. Deve ser convincente. E aí está a dificuldade. O que torna um argumento convincente é, geralmente, o controle do argumentador. William Lane Craig, por exemplo, reflete sobre a ineficácia da argumentação com pessoas cativadas pelas hipóteses da Nova Era ou do pensamento panteísta:

Eles afirmam que, no pensamento oriental, o Absoluto ou o Real transcende as categorias lógicas do pensamento humano. Estão inclinados a interpretar a exigência de consistência lógica como um elemento do imperialismo ocidental. Tentar dialogar com esse tipo de pessoa pode ser muito frustrante porque ela admitirá de bom grado que sua visão é logicamente incoerente e, no entanto,

insistirá que é verdadeira.28

Como veremos abaixo, outros que aceitam as normas do discurso lógico se recusarão a ser convencidos por razões que simplesmente não podemos compreender. Os fatos (ou bons argumentos), pensamos nós, os cristãos, estão diante de seus olhos, no entanto, eles não os enxergam, compreendem ou concordam com as conclusões que tanto desejamos que aceitem – que Jesus alegou ser Deus, que a ressurreição de fato aconteceu ou que existe um Deus eterno e pessoal.

Devemos concluir, portanto, que nossos argumentos são ineficazes? Bem, eles não surtiram efeito, certo? Craig, mais uma vez, é útil aqui. É improvável que nosso interlocutor "apenas role no chão e se finja de morto no instante em que ouvir seu argumento apologético. É claro que ele vai discordar! Pense no que está em jogo".29 Em nosso testemunho, precisamos de preparo, prática e paciência. Craig acrescenta que "ser 'convincente' varia conforme a pessoa. Alguns simplesmente se recusarão a ser convencidos".30 Seu conselho final merece ser citado na íntegra:

O que precisamos desenvolver é uma apologética que seja ao mesmo tempo convincente [o que chamo de sólida] e persuasiva para o maior número de pessoas possível. Entretanto, não devemos nos sentir desencorajados e pensar que nossa apologética é ineficaz se muitas ou até a maioria das pessoas considerarem nossos argumentos pouco convincentes. O êxito no testemunho é simplesmente comunicar Cristo no poder do Espírito Santo e deixar os resultados para Deus. De modo semelhante, a eficácia na apologética é apresentar argumentos convincentes e persuasivos em favor do Evangelho no poder do Espírito Santo, e deixar os resultados para Deus.

É claro que algumas de nossas apresentações simplesmente não são muito boas. Têm exatamente o tipo de falácias lógicas que acabamos de examinar. Elas não persuadiriam.

Aqui, contudo, há uma ironia. Quando as pessoas estão abertas ao evangelho,

ansiosas por ouvir como sua mensagem toca a angústia e oferece esperança, elas começam a crer, por mais inadequados que sejam os nossos esforços em persuadi-las. O Espírito Santo triunfa sobre nossa inaptidão e usa nossas tentativas, mesmo que insignificantes. Isso não serve de pretexto, mas nos coloca em nosso lugar!

Ainda assim, suponhamos que nossos argumentos sejam bons, porém incapazes de persuadir. Há uma infinidade de explicações razoáveis para esses fracassos. Eis aqui uma classificação dessas explicações:

Fracassos daquele que defende a fé cristã

arrogância, agressividade e inteligência

interpretação errada do tipo de interlocutor

julgamento equivocado da capacidade de raciocínio do interlocutor

julgamento equivocado dos interesses existenciais do interlocutor

Fracassos da origem cultural: o fator cosmovisão

a questão da evolução

a questão do relativismo

Fracassos dos interlocutores

recusa moral

Ao longo de toda a Parte Dois, continuarei a mesclar ilustrações de meus próprios fracassos e sucessos. Creio que tenho aprendido mais com os fracassos do que com os sucessos; certamente lembro-me mais deles.

As pessoas não conseguem se comunicar. Como é?

Arrogância, agressividade e inteligência

Nas apresentações em defesa de Cristo, argumentos bons e racionais muitas vezes não persuadem. Por “bom argumento” refiro-me àquele que parte de premissas verdadeiras e/ou fatos, não comete erros de lógica (falácias), apresenta um excelente conjunto de provas, responde às objeções, esclarece as questões e chega a conclusões válidas (portanto, verdadeiras).

Veja a experiência de um jovem defensor da fé em potencial que mais tarde tornou-se professor de Filosofia. George Mavrodes foi convidado à casa de um amigo cristão para uma conversa com um jovem que se autodenominava ateu.

Ansioso para ter uma conversa racional, descarreguei sobre o pobre incrédulo um argumento que eu acreditava ser realmente forte: uma versão do argumento moral em favor da existência de Deus elaborado por C. S. Lewis. Fiquei perplexo quando percebi que o argumento aparentemente não surtiu efeito algum. Ao final da noite, até onde sei, o amigo não estava mais próximo do teísmo do que quando fomos apresentados.31

A experiência de Mavrodes é típica. Quando argumentos racionais desse tipo são feitos no campo do cristianismo, é frequente que não sejam ignorados apenas, mas rejeitados. Por que isso acontece?

Aristóteles relata a questão com exagero, mas ainda devemos prestar atenção no alerta que ele traz:

Todo fracasso da Verdade em persuadir reflete a fraqueza de seus defensores.

Trata-se de um lembrete vexatório de nossa responsabilidade como cristãos: devemos oferecer a melhor apresentação do evangelho que estiver ao nosso alcance. Naturalmente, somos limitados em nossa habilidade – cada um de nós, do mais inteligente ao menos brilhante. Nosso Senhor sabe disso e age, apesar de nossas limitações. Mas somos responsáveis em fazer nosso melhor.

Resumindo, devemos não apenas aprender os melhores argumentos em defesa da fé; também devemos aprender a apresentá-los da forma mais persuasiva. Razão por si só não basta. Ela deve ser combinada com retórica.32 Quando falarmos sobre arrogância, agressividade e inteligência, começaremos a perceber o que isso significa. Comecemos com o princípio.

O princípio

Argumentos válidos e bem substanciados apresentados com arrogância, agressividade ou uma atitude excessivamente inteligente muitas vezes não são ouvidos de forma clara o bastante para atrair a atenção que merecem.

Os argumentos podem ser apresentados com paixão e compromisso sem que projetem arrogância. A arrogância da parte daquele que fala em defesa de Cristo expressa a mensagem errada. É maior a probabilidade de que o argumento seja rejeitado.

No final da década de 1960, um conhecido apologista cristão que costumava discursar publicamente em defesa da fé participou de um debate com um renomado teólogo do movimento “Deus-está-morto”. O apologista foi incitado por um pastor amigo a “destruir” o teólogo herege – isto é, tornar óbvia sua tolice a ponto de lhe impedir de conseguir emprego em uma universidade.

O orador cristão partiu para o ataque, ridicularizando o teólogo não apenas por sua forma de apresentar suas observações, mas também por seu conteúdo lógico. O efeito foi precisamente o oposto do desejado. Embora muitos concordassem que o apologista ganhara o debate, ficaram tão ofendidos com sua agressividade, seus insultos e sua arrogância que permaneceram totalmente indiferentes ao seu ponto de vista. Os cristãos tradicionais se dividiram: alguns enalteceram o apologista como seu herói, mas a maioria, entre eles os patrocinadores do debate, reconheceu que ele havia convencido apenas os que já estavam convencidos. Nenhum dos que estavam do outro lado ou em cima do muro parecia ter mudado de opinião. Eles não conseguiram ignorar a arrogância ofensiva e a mesquinharia do apologista.

Não acredito que ele tenha falado naquela organização novamente. Infelizmente, ainda há apologistas públicos que continuam a usar essa abordagem. E há um número excessivo de cristãos que se alegram em patrociná-los.

Gary Deddo, membro da equipe da InterVarsity, conta que certa vez, enquanto um conhecido apologista apresentava sua defesa do cristianismo, um aluno estrangeiro fez uma pergunta sobre uma questão técnica. O apologista respondeu secamente: “Você simplesmente não leu o material”. É claro que ele não havia lido o material! Que material era esse? Ele não tinha como saber.

Em um livro apropriadamente intitulado Humble Apologetics [Apologética humilde], John Stackhouse recorda ter assistido a uma palestra sofisticada e bem argumentada em uma universidade, ministrada por um apologista excessivamente autoconfiante. Stackhouse conta que, como um jovem cristão apaixonado pela apologética, ele ficou encantado. Até que ouviu uma aluna comentar com o amigo: “Para mim tanto faz se o desgraçado tem ou não tem razão, eu ainda o odeio”.33 Aparentemente, ela havia observado o apologista envolver-se no que Stackhouse chama de “intimidação intelectual”.34

Alguns apologistas podem ser inteligentes. O que Ravi Zacharias tem que lhe permite ser inteligente e intelectualmente afiado sem ofender? Deddo acredita

que seja a qualidade “existencial” de sua presença. Zacharias demonstra ter um sentimento profundo pela situação das pessoas hoje, e não apenas por sua própria abordagem na elucidação do evangelho. Só um apologista com dons especiais consegue produzir humor inteligente dirigido a uma pessoa que faz uma pergunta em público. Os apologistas devem preservar a dignidade daquele que tem uma dúvida, mesmo que seja a pergunta mais tola ou a mais perversa.35

Minha própria abordagem ao testemunho é, creio eu, consideravelmente mais gentil. Esforço-me para ser justo com os que discordam e os trato amavelmente, ciente de que é bem provável que eu aprenda muito com eles. Embora eu tenha participado de debates no início do meu ministério, logo aprendi a rejeitar a palavra debate em divulgação pública. Hoje, digo a meus anfitriões que terei prazer em dialogar com um professor ou estudioso, mas não encaro meu papel como de um debatedor típico. Não miro a jugular. Pelo contrário, “busco o empate”. Fico feliz se, no processo do diálogo público, uma boa porção das verdades centrais da fé cristã forem ouvidas à luz de pontos de vista opostos de outros parceiros no diálogo.

Meu interesse é que os cristãos entendam as alternativas e os não cristãos reconheçam a força da perspectiva cristã. Todas as vezes em que foi esse o caráter das sessões públicas, a experiência foi sempre positiva. Já dialoguei com filósofos ateus, representantes da Nova Era e proponentes das religiões orientais, algumas vezes em encontros individuais, outras vezes em um painel com vários deles. Creio que o evangelho tenha sido ouvido nesses encontros e ninguém tenha sido ofendido.

Tive, no entanto, duas experiências negativas. Uma delas aconteceu no Oberlin College, relatada no capítulo anterior. A outra, na Bowling Green University, em Ohio. Fui convidado por uma organização para um debate com um professor de Filosofia local. Minha resposta foi insistir que o encontro não fosse chamado de “debate”, e pensei que seria assim. No entanto, quando cheguei, o campus estava coberto de pôsteres que anunciavam “O Grande Debate”. Outro grupo de alunos cristãos que apreciavam patrocinar “debates” havia se unido à produção do evento, e a palavra debate destacava-se no material publicitário.

Incomodado com isso, me encontrei com o professor para um café. O contato foi amigável, por isso relaxei um pouco. O debate atraiu tantos alunos que eles não somente lotaram o auditório principal, como também se espalharam em duas outras salas de onde puderam assistir ao encontro por monitores de TV.

O debate começou. Fizemos nossas apresentações, respondemos um ao outro e abrimos para perguntas. O tom de nossas observações foi mutuamente respeitoso, com exceção de um golpe baixo de meu oponente ao comparar os Evangelhos aos discursos políticos republicanos em campanha por seu candidato. Achei esse comentário um tanto desagradável, mas tão ridiculamente excessivo que não precisava de uma resposta. Ao final da noite, me senti satisfeito, porque pelo menos algum bem havia sido feito.

Mais tarde, enquanto eu relaxava com amigos, certo de que tudo transcorrera razoavelmente bem, soube que os patrocinadores cristãos – os líderes das duas organizações – estavam bastante insatisfeitos. Eu me via como o salvador do "debate" ao transformá-lo em um "diálogo". Eles me viam como alguém que "perdera o debate". Não consegui convencê-los de que o que eles buscavam era contraproducente a longo prazo. Perceba que, embora eu tenha defendido bem a minha abordagem, perdi esse argumento também. Talvez eu devesse ter adotado uma postura agressiva e, pelo menos, transformado esse debate em entretenimento.

É possível que o cartunista Bill Watterson aponte sua caneta para nossa natureza humana comum – cristã ou não – quando faz Calvin dizer a Haroldo que hoje as pessoas parecem sempre "gritar umas com as outras. Talvez seja porque conflito é drama. Drama é entretenimento, e entretenimento é comercializável". O discurso civilizado não é; é maçante demais, sem fogos de artifício. Quando Haroldo afirma: "Hmmm, talvez você tenha razão", Calvin responde: "Como esse dia ficou maçante".36

Minha experiência na Bowling Green University, no entanto, teve uma "segunda página: o resto da história", como diz Paul Harvey. Algumas semanas depois do Grande Debate, recebi uma carta do professor de Filosofia. Ele escreveu:

Este é um agradecimento tardio pelo livro The Universe Next Door. Agora que o semestre chegou ao fim, tive a oportunidade de examiná-lo. Embora ninguém possa ler o livro sem observar que você tem um ponto de vista definido, a forma como trata as diversas cosmovisões não cristãs é, ao mesmo tempo, lúcida e justa. Eu não hesitaria em recomendá-lo a meus alunos.

Reitero que apreciei nosso encontro na Bowling Green University. Você agiu

como um apologista contundente, elegante e profissional, mas também como alguém que tem boa interação com uma plateia de universitários (e outros). Não me incomodaria de forma alguma se o destino nos conduzisse outra vez a dividir o mesmo palco. E teria grande prazer em tomar outra meia dúzia de xícaras de café durante um bate-papo com você.

Resta dizer que essa carta trouxe o impulso que faltava à minha caminhada. Na verdade, todo o incidente aumentou meu desejo de convencer os cristãos de que a fé cristã é mais bem promovida quando o caráter cristão do cristianismo é demonstrado no próprio estilo retórico de sua apresentação. A verdadeira fé cristã respeita os outros mesmo quando cremos que eles estão equivocados. Sua apologética deve fazer o mesmo.37

Francis A. Schaeffer teve uma experiência muito semelhante à minha. Ele debatia com o polêmico bispo episcopal James Albert Pike, em Chicago, no final da década de 60. O tratamento entre os dois foi cordial e não houve atrito. Os cristãos conservadores ficaram desapontados. Com sua conduta, no entanto, Schaeffer havia conquistado o coração de Pike, que logo o convidou para ir à sua casa. Lá, Schaeffer pôde aconselhá-lo a respeito do filho de Pike, que recentemente cometera suicídio.

A inteligência pode ter o mesmo efeito da arrogância; na verdade, ela pode ser arrogância sem muito disfarce. Há muitos anos, ministrei uma palestra sobre cristianismo e misticismo oriental em uma instituição de ensino superior perto de casa, o College du Page. Durante a apresentação, fui interrompido por um aluno que disse: “Mas as pessoas não conseguem se comunicar”.

Não me lembro por que razão ele fez essa objeção, e não a entendi naquele momento. Não consigo pensar em nada que a tenha provocado. De qualquer maneira, ele fez a observação e eu a respondi. Coloquei minha mão em concha atrás da orelha e disse: “Como é?”

“As pessoas não conseguem se comunicar”, ele repetiu.

“Como é?”, respondi, aproximando-me dele.

“As pessoas não conseguem se comunicar”, ele disse mais uma vez.

“Como é?”, disse eu, e ele rapidamente levantou-se e deixou o recinto.

Perdi meu parceiro de diálogo. Ele fora pego em uma incoerência autorreferencial. Se as pessoas não conseguem se comunicar, não faz sentido tentar – mas ele tentou mesmo assim.

Perdi a plateia também. A atmosfera na sala ficou pesada. Eu tinha a posição de poder; o jovem estava à minha mercê, e fui implacável. São muitas as maneiras pelas quais eu poderia ter explorado o que o aluno dizia e gentilmente relevado seu comentário para que tanto ele quanto a plateia pudessem ver a questão com clareza. Em vez disso, todos sentiram-se legitimamente ofendidos com minha esperteza.

Prometi que jamais faria isso novamente. E tenho tentado cumprir minha promessa. Desde então, uma única vez tratei um questionador de forma excessivamente dura. Eu estava destacando a inconsistência interna do “relativismo” de um aluno, e embora, naquele momento, eu não tenha percebido que colocara sobre ele pressão excessiva, soube mais tarde que, a parte cristã da plateia, pelo menos, achou que eu havia exagerado. Será? Talvez. É provável, no entanto, que a fé dos próprios alunos estivesse mais influenciada pelo relativismo do que deveria. Talvez eles também tenham se sentido alvos.

Há um erro retórico oposto cometido por alguns cristãos: estar tão distante e insensível que não há espaço para a paixão ou a compaixão.38 Ouvi certa vez um filósofo cristão fazer uma apresentação formal de uma resposta específica à pergunta se os que não ouviram o evangelho estariam perdidos. Refletindo sobre isso, um de meus amigos cristãos declarou: “Se isso é cristianismo, eu não quero”. Embora minha reação tenha sido diferente, eu não estava convencido de que o filósofo estava certo. Minha resposta intelectual originava-se de sua fria apresentação? Ou outras razões me levavam a pensar que seu argumento era fraco? Não sei. Às vezes é difícil identificar a razão pela qual um argumento não é eficaz. O princípio, contudo, está claro: a boa razão e a retórica apropriada caminham juntas. A menos que seja sushi ou salmão defumado, peixe cru não é muito saboroso.

Veja bem: “O bom relacionamento com pessoas” (amor) não é mais importante

do que a verdade. Antes, a propagação da verdade exige bons relacionamentos com pessoas.

Lembre-se das frases finais da definição de apologética do apóstolo Pedro: “Façam isso [defender a fé] com mansidão e respeito, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias” (1Pe 3.15-16 – NVI). De fato, é melhor “perder” um argumento e ganhar um amigo. Você pode ter muitos outros diálogos com o amigo.

Não entendo

Nossa interpretação falha da plateia

Arrogância, agressividade e inteligência são barreiras importantes à persuasão. Mas interpretar equivocadamente sua plateia também é. Exceto pela persuasão coerciva, usada por alguns grupos para impor a outros seus pontos de vista, a plateia controla o desenlace de cada argumento. Que dois mais dois é igual a quatro pode ser algo óbvio para você e o restante do mundo adulto, mas não para uma criança que está aprendendo aritmética. Assim também, uma apresentação clara da ressurreição de Jesus pode convencer muitas pessoas de que Jesus, de fato, ressurgiu da morte, mas não convence a todos.

Aqui, vamos examinar várias razões para isso – a natureza necessariamente abstrata e/ou complexa de alguns argumentos, a ausência de interesse existencial no tema em questão, as variadas limitações da inteligência humana e a presença ocasional de barreiras psicológicas.

O fator abstrato

Muitos argumentos excelentes, especialmente na apologética clássica, são tão excepcionalmente abstratos que causam pouco ou nenhum impacto até mesmo nas pessoas que não discordam de suas conclusões.

As premissas podem ser verdadeiras e aceitas como verdadeiras, o argumento pode ser válido e visto como tal, a conclusão, pode, consequentemente, ser verdadeira, mas o argumento em si não convence. A pessoa que você gostaria de aproximar da verdade apenas diz: “Certo. Entendi. O argumento parece correto. Mas e daí?”.

Ao longo dos anos, tenho refletido sobre os argumentos clássicos em favor da existência de Deus. Alguns deles, como os de René Descartes, eu estudei. Assim como muitos que analisaram os argumentos de Descartes, acho que são falhos por uma variedade de razões. Em mim, portanto, eles não causam impacto algum porque, embora eu acredite ser verdade que Deus existe, não creio que os argumentos de Descartes de fato provam isso. Eles nada fazem para fortalecer minha fé. Eu creio na existência de Deus por outras razões, que, na minha opinião, são muito mais fortes.39

Mas há outros argumentos além dos apresentados por Descartes. Um deles é o kalam, um argumento antigo que os apologistas cristãos modernos ressuscitaram e aperfeiçoaram. Criado por filósofos árabes na Idade Média, este argumento cosmológico parte da noção de que o Universo deve ter tido um início, à ideia de que esse início deve ter sido causado, e em seguida, à conclusão de que essa causa deve ter sido pessoal. O argumento é extremamente sofisticado, e o filósofo cristão J. P. Moreland precisou de 24 páginas para apresentá-lo e defendê-lo.40 Ao final, ele conclui:

Resumindo, é mais razoável acreditar que o Universo teve um início que foi causado por um agente eterno e imutável. Não se trata de uma prova de que tal ser seja o Deus da Bíblia, mas é uma afirmação contundente de que o mundo teve seu início por meio da ação de uma pessoa. E essa é, no mínimo, uma boa razão para crer em alguma forma de teísmo.41

O argumento específico e seus detalhes não são importantes aqui. O que importa é o tipo de conclusão a que se chega: há uma “boa razão para crer em alguma forma de teísmo”. O problema é que crer em “alguma forma de teísmo” não é

muito sedutor, tampouco satisfatório do ponto de vista existencial. A conclusão – um criador pessoal deve existir – está muito longe de demonstrar que o Deus bíblico existe e que Jesus é Salvador e Senhor; na verdade, esse objetivo, que a defesa da fé cristã deve buscar, não se encontra sequer no horizonte distante. O argumento leva apenas a um certo sistema filosófico, não a um Deus rigorosamente santo que nos criou, nos responsabiliza pela forma como vivemos e nos resgata mesmo quando fracassamos. Um teísmo cristão pleno é, obviamente, "algum tipo de teísmo", mas este, em si mesmo, não é suficiente para fazer com que os corações queimem, nem para atrair muitas pessoas a Cristo como Senhor e Salvador.42

Mesmo assim, para os que estão convencidos pelo argumento kalam de que algum tipo de Deus existe, a porta agora está aberta para considerarem que tipo de Deus ele pode ser. Argumentos abstratos certamente têm um papel a cumprir.

Douglas Geivett esboça um argumento com muitos passos, começando com o argumento kalam e concluindo com a crença em Jesus.43 Parece-me, contudo, que cada passo do argumento pode ser (e tem sido) contestado, e todo passo é importante. A probabilidade (que quase sempre é tudo o que se pode esperar para cada passo) diminui cada vez que precisa ser invocada. Isso torna todo o argumento, penso eu, bastante improvável – não falso, que fique claro, mas unicamente como um argumento não muito provável.

Argumentos paralelos não sofrem dessa fraqueza. Se alguém conseguir oferecer meia dúzia de argumentos prováveis independentes para a mesma ideia, a probabilidade cresce. É o que faz Richard Swinburne de forma filosoficamente sofisticada em The Existence of God.44 Mesmo assim, seu argumento é a epítome da abstração e pode seduzir somente o intelecto do intelectual – o que não é algo necessariamente negativo, obviamente, mas trata-se de um público limitado.

Há uma alternativa para tais argumentos abstratos que, acredito, seja mais eficiente para alcançar a maioria das pessoas, inclusive as muito cultas. Baseia-se na noção de que a melhor razão para crer em Jesus é o próprio Jesus. Sugiro, portanto, que os que pretendem defender a fé comecem com o que a Bíblia testemunha sobre Jesus. Se surgirem objeções como "Por que devo crer na Bíblia?", elas podem ser abordadas ou deixadas de lado temporariamente. O principal é conseguir que as pessoas "olhem" para Jesus e, num sentido mais profundo, o "conheçam" nos Evangelhos. A figura de Jesus atrai. A palavra a seu

respeito não volta vazia. A convicção resulta de um encontro com Jesus impelido pelo Espírito Santo. Argumentos abstratos tornam-se acadêmicos quando uma pessoa se encontra com Jesus.

Naturalmente, a maioria dos apologistas maduros interessados em tais argumentos abstratos sabe que é assim. Reconhecem que seus argumentos atrairão somente aqueles particularmente habilitados a acompanhar um raciocínio complexo. Os que estão apenas aprendendo o ofício, no entanto, podem facilmente adquirir a habilidade no argumento abstrato e confundi-la com talento na arte de defender a fé como um todo. O valor dos argumentos abstratos está em garantir aos cristãos reflexivos que sua fé tenha alguma justificativa racional. Afinal, como diz Tom Trevethan, um membro veterano da equipe da InterVarsity: “O coração não se alegrará por muito tempo naquilo que a mente sabe que não é verdadeiro”. Os cristãos deveriam começar a entender alguns desses argumentos, se não para seu testemunho imediato a incrédulos, pelo menos para sua própria confiança de que quando tais argumentos forem úteis, como acontece com aqueles voltados para mentes filosóficas, por exemplo, eles devem ser usados. Mas seu uso é limitado. Se as pessoas sentem que todos os nossos argumentos em defesa da fé não passam de um número excessivo de argumentos abstratos, é pouco provável que sejamos testemunhas eficientes de nosso Senhor, o doador da vida.

Repito, os cristãos não desperdiçam seu tempo quando investigam esses argumentos. Para os que têm interesse e talento filosófico, eles podem ser valiosos para demonstrar que a noção bíblica de Deus tem características que podem ser apresentadas como razoáveis. Não é irracional crer que existe um Ser com essas características. Na verdade, pode ser a convicção mais racional de todas.

O erro é os cristãos acreditarem que tão logo dominem o argumento kalam e outras provas filosóficas abstratas e sejam capazes de apresentá-los com clareza e precisão, esses argumentos atrairão a atenção ao evangelho ou convencerão qualquer pessoa do conteúdo mínimo que afirmam provar. Ter esses argumentos pode desencadear uma confiança nos próprios argumentos que é imerecida e enganosa.45 Até mesmo os não cristãos que são capazes de entender esses argumentos abstratos e, de fato, o fazem, podem facilmente afirmar: “Ok. Mas e daí?”. E é difícil responder essa pergunta sem mudar para uma abordagem menos abstrata que talvez devesse ter sido usada desde o início.

John Wilson, editor da publicação intelectual cristã Books and Culture, ele próprio um cristão que compreende abstratos complexos, tem algo a dizer:

Não menosprezo as provas tradicionais da existência de Deus, como fazem alguns filósofos contemporâneos, mas elas também não obrigam o assentimento. Isso, sem dúvida, é culpa minha: sou alérgico ao tipo de pensamento a partir do qual tais provas são construídas, assim como – de forma geral – sou alérgico a sinfonias (música de câmara é algo completamente diferente). No entanto, também existem provas "peculiares" da existência de Deus como aquelas propostas por Carlos Eire.46

Aqui ele cita a prova de Eire a partir do "desejo".47 Meu ponto não é abandonar o uso de argumentos abstratos, somente entender suas limitações e o fato de que eles não convencem mesmo aqueles muito capacitados para compreendê-los.48

Falta de informação

Às vezes, a simples falta de informação serve de obstáculo para a eficácia de um argumento racional.

Todo argumento presume alguns fatos que não estão imediatamente em evidência. Todo testemunho precisa começar em algum lugar, e nós, cristãos, temos a tendência de presumir que as pessoas têm informações que elas simplesmente não têm. Acontece facilmente.

Enquanto escrevo isso, o filme A Paixão de Cristo (2004), de Mel Gibson, acabou de ser lançado. Certa amiga, criada em uma das mais rígidas

denominações protestantes, saiu do cinema muito irritada. Disse ela: “Fui ao cinema para aprender sobre Jesus, mas não aprendi nada”.

Ela provavelmente quis dizer que tinha uma ideia sólida de quem era Jesus e nada fora acrescentado ao seu celeiro de detalhes. Defendi o filme, destacando diversas citações diretas dos Evangelhos que tinham profundo significado teológico. Ela não contestou, mas ainda insistiu que o filme era muito superficial do ponto de vista teológico. Posteriormente, soube que ela se incomodara por ter conseguido perceber apenas o aspecto visual do sofrimento de Jesus. Não reconheceu o profundo simbolismo teológico de muitos dos detalhes explícitos; nem compreendeu a natureza radical de afirmações como: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Tampouco havia percebido a importância da angústia de Jesus no Jardim do Getsêmani. Não estou certo de que ela sequer tenha entendido que o próprio Jesus acreditava estar levando os pecados de toda a humanidade sobre si em sua morte, embora ela talvez tenha compreendido algo do conceito em seu sentido abstrato.

Minha resposta à ira de minha amiga foi, hoje posso ver, totalmente fora de questão. Eu poderia tê-la ajudado com o panorama teológico. Assim, talvez meus comentários a respeito da eficácia do filme e seu uso da violência explícita tivessem algum peso.

Como testemunhas, precisamos saber o máximo possível sobre o que sabem aqueles com quem falamos. Se eles têm pouca ou nenhuma experiência na igreja, talvez não estejam prontos sequer a começar a entender nossos argumentos, muito menos concordar com eles. Os argumentos serão irrelevantes.

E agora, uma segunda ilustração. Digamos que você tenha perguntado a alguém: “Você acredita em Deus?”. “Sim”, ele responde. Agora pergunte: “Quem ou o que você acha que Deus é?”. As respostas serão amplamente variadas. A resposta de alguns terá sua origem em uma fé cristã tradicional: o trino Deus. Muitos, no entanto, dirão que Deus é uma força – algo que move o Universo, porém sem qualquer envolvimento pessoal com as questões humanas.49 Alguns veem Deus como o substrato divino impessoal de toda a realidade, o fogo que alimenta o Universo, e cada um de nós como uma fagulha desse fogo divino. Você, eu e todas as pessoas são, na realidade, divinas, deuses buscando a unidade com o Deus único e impessoal.

Algo parecido com o que Shirley MacLaine provavelmente tinha em mente na

minissérie de TV Out on a limb [Minhas vidas], quando corria pela praia agitando os braços e dizendo: “Eu sou deus. Eu sou deus”. Muita confusão precisará ser esclarecida antes que a defesa da fé cristã possa sequer começar a ser apresentada.

Alguns verão Deus como Alá, um Deus pessoal que é um apenas, e não uma trindade. Outros dirão que creem em Deus como uma projeção necessária de nosso anseio humano por um Pai cósmico que aliviará nossas ansiedades e nos oferecerá sentido. A lista de conceitos é quilométrica. Aqui, em suas próprias palavras, por exemplo, estão vários outros pontos de vista sobre Deus obtidos de alunos da Michigan State University, do Bryn Mawr College e do Haverford College:50

“Uma linda pessoa cuja mente tem apenas bondade. A pessoa que sequer conhece a definição de mal.”

“Tenho um sentimento e não uma imagem realmente concreta de sua aparência. (...) Penso em calor e cores e brilho – ele me faz sorrir. Ele me ouve. Ele fala comigo à sua maneira. (...) Tem um grande e maravilhoso amor que acho difícil descrever (...) somente sei que está sempre presente (...) e posso senti-lo. Penso nele como alguém cuidadoso e amoroso. O sentimento que tenho quando penso nele é indescritível. (...) Tudo que é bom e maravilhoso reunido em uma pessoa.”

“Deus é alguém – uma mulher, é claro – que ama tudo o que criou, e é extremamente protetora de sua criação.”

“Creio na divindade, ou melhor, creio que existem muitos deuses. (...) Os deuses são aqueles que criaram os universos [sic], e que mantêm o equilíbrio e a ordem. Sigo/cultuo os deuses porque busco conhecê-los e estar em equilíbrio com eles e com meu mundo.”

Vamos parar por aqui. A questão é que quando falamos sobre Deus, as pessoas talvez não entendam o que estamos dizendo; talvez acreditemos estar na mesma sintonia, mas não estamos sequer falando sobre o mesmo assunto.

Pela forma como é apresentado no Novo Testamento, Jesus também é uma figura

obscura para muitos. Mesmo quando alguém afirma crer que ele é o Filho de Deus, o significado dessa afirmação para essa pessoa pode ser muito, muito pequeno. O que ela realmente entende viria à tona se lhe perguntássemos: “O que você quer dizer quando afirma que Jesus é o Filho de Deus?”. Boa parte da defesa da fé deve necessariamente envolver uma grande parcela de simples revelação de informações, que poderia até ser chamada de “proclamação”. Precisamos apenas testemunhar quem e o que são Deus e Jesus (além de uma infinidade de outras ideias e questões).

John Stackhouse relata uma conversa que teve durante um voo. A jovem no assento ao lado lhe disse que havia concluído os estudos na Universidade de Chicago e estava a caminho de assumir o posto de gerente em uma vinícola em Napa Valley, na Califórnia. Ele lhe disse que ensinava sobre as religiões do mundo em uma universidade secular e então se lamentou que muitos de seus alunos fossem incapazes de situar Jesus e o apóstolo Paulo na “ordem cronológica correta”. “Quem é o ‘apóstolo Paulo’ a que o senhor se refere?”, perguntou a jovem.51

Quando apresentamos uma defesa da fé cristã é fundamental que o façamos munidos do máximo de informação sobre o conhecimento de nossos ouvintes que possamos obter, sem sermos ofensivamente bisbilhoteiros. Quando falamos com nossos amigos, estamos em terreno firme, pois o argumento pode avançar devagar o suficiente para que seja sabiamente estruturado.

O fator do equipamento epistêmico

Com exceção de alguns poucos, os seres humanos têm a capacidade do pensamento racional, mas nem todos são igualmente dotados nesse sentido. Em termos técnicos, o equipamento epistêmico de todos não é igualmente poderoso.

Existem as grandes mentes, as mentes pequenas e todo tamanho de mente entre

os dois tipos. Algumas pessoas simplesmente não conseguem compreender alguns argumentos, especialmente os argumentos abstratos complexos. Outros não somente podem compreendê-los, como também são capazes de levar à loucura os apologistas que usam esses argumentos.

Voltemos ao argumento kalam. Esse argumento tem sido alvo de todo tipo de crítica, e essas, por sua vez, têm sido respondidas por aqueles que consideram o argumento convincente. Mesmo em seu nível mais básico, o argumento é acessível somente àqueles capazes de pensar em um nível elevado de abstração. Nem todos podem fazê-lo.

Afinal, há um profundo mistério na experiência de crer que algo é verdadeiro. De fato, há um profundo mistério na própria consciência, e é na consciência que reside a experiência de crer que algo é verdadeiro. Imagine encontrar-se inesperadamente com seu irmão na rua, em outro país. Como você o reconhece? Há uma infinidade de razões. Mas como você o fez? Ele apareceu. Você viu. Você sabia. Você está usando seu equipamento epistêmico, é claro, mas como ele funcionou? E por que você chegou à conclusão correta? Creio que seja sensato afirmar: ninguém sabe.

Pense agora em outra situação. Você está tentando somar uma pequena coluna de algarismos. Dois mais dois: qual é a resposta? Você não precisa fazer uma pausa para refletir, sabe assim que vê os números. Mas, e uma longa coluna de números em centenas? Você recorre às operações mentais aprendidas anos antes e conclui que a soma é 10.262. Como fez isso? Por que tem certeza? Bem, você não tem certeza. Então, soma os números diversas vezes, chegando sempre à mesma resposta. É provável que agora você esteja mais psicologicamente seguro, mas ainda pode estar equivocado. Pode ter cometido o mesmo erro “tolo” todas as vezes em que somou. Então você usa uma calculadora. E ainda chega ao mesmo total. Mas você se esqueceu de digitar um número (um entre os vários erros “tolos” possíveis”), e por isso chegou à mesma resposta incorreta de quando os somou “à mão”? Você pode estar psicologicamente seguro porque repetiu um processo no qual confia, mas ainda pode estar equivocado.

Faça agora um exercício mais complexo. Você domina a aritmética básica; já aprendeu álgebra e geometria analítica. Sabe o que está tentando realizar quando resolve um problema de cálculo. No entanto, por mais que tente, não consegue entender por que uma resposta específica está correta. Você simplesmente não entende. Então, pede ajuda a um tutor, mas ainda não consegue entender. Sua

capacidade de expandir seu conhecimento de matemática está esgotada, pelo menos por enquanto. Caso você seja como eu era em meu primeiro curso de cálculo, já buscou ajuda com sua noiva, que é um prodígio na matemática, e mesmo assim, ainda não conseguiu entender. Então, porque tem alguma sensatez, você abandona o curso antes de receber uma nota. Há mais de 50 anos não tento entender cálculo. Eu poderia ter "entendido" e seguido adiante? Não sei. Poderia "entender" agora? Não sei. Só sei que, até agora, não entendi.

Essa é a experiência da mente com todo tipo de argumento – matemático, filosófico, teológico, histórico. Ou você observa como o argumento caminha e "vê" se ele é válido, ou nunca percebe o que ele coloca em questão. "Palavras, palavras, palavras", disse Hamlet. Sim, palavras e números, mas nenhum significado. "Uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, sem sentido algum", assim são muitos dos argumentos que ouvimos para todos os tipos de perspectivas – políticas, religiosas, psicológicas.

A questão é que alguns dos argumentos que usamos como cristãos simplesmente não significam nada para aqueles a quem nos dirigimos. Creio que seja esse o caso com argumentos para todos os tipos de ideias que gostaríamos que as pessoas acreditassem. Ver, entender, assimilar a verdade de um argumento – são questões pessoais, questões da mente consciente; e quanto a isso, a mente é impenetrável. Vemos, ou não vemos.

Jesus reconheceu isso, e mais de uma vez, pareceu impassível. Filipe havia pedido a Jesus que lhe mostrasse o Pai. Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo?". Então deu a Filipe uma "razão" para sua frustração: "Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?" (Jo 14.9-10 – NVI).

Jesus adotou outra abordagem quando percebeu que Filipe, mesmo vivendo tão próximo, não havia entendido quem era Jesus. Ele deu a Filipe um princípio prático: Se você me viu, viu o Pai. Filipe havia visto Jesus. A conclusão era óbvia. O argumento funcionou? Não sabemos. Não temos a resposta de Filipe, embora o texto deixe implícito que ele respondeu. Certamente nós, enquanto leitores, devemos "ver".

Vou concluir este capítulo com um fator que não se encaixa facilmente em nenhuma das categorias acima. É uma razão não racional, ou melhor, uma causa,

para o fracasso de alguns argumentos bastante racionais.

Bloqueios psicológicos

Algumas pessoas que não professam a fé cristã são particularmente resistentes a algumas das ideias principais do cristianismo porque os eventos em suas vidas as marcaram de forma pessoal. Os argumentos racionais, portanto, não chegam lá.

Três situações ilustram esse princípio. Em primeiro lugar, há pessoas que foram molestadas pelo pai em sua infância ou juventude. Ou tiveram um pai tirano. Chegar à vida adulta e escapar dele, foi um grande alívio. É inevitável que essas pessoas associem a noção de Deus como Pai a essa experiência com o pai terreno. O conceito da paternidade de Deus, portanto, torna-se uma barreira para a fé cristã. Por que elas buscariam um Ser cósmico como seu próprio pai, porém mais poderoso e ainda mais exigente?

É provável que o argumento racional tenha pouco efeito positivo. Necessária aqui é a cura psicológica, e é mais provável que ela ocorra por meio da experiência do amor genuíno em uma comunidade de cristãos, não através dos argumentos racionais. Essa pessoa precisa pelo menos conhecer alguns pais amorosos. Para ela, a observação do amor de um pai ou de uma mãe por seus próprios filhos e pelos filhos de outros pode realizar maravilhas. E se acrescentarmos o amor de uma comunidade cristã, a barreira pode ser rompida. O amor não é apenas a apologética final, como afirmou Francis Schaeffer, mas a primeira também.

Quando uma pessoa cresce em saúde psicológica e emocional, ela também pode começar a experimentar crescimento intelectual. Uma teologia de “Pai nosso que está nos céus” pode então lhe parecer não apenas verdadeira, mas também atraente. O amor do próprio Jesus por seu Pai, expresso de maneira tão profunda no discurso do Cenáculo de João 13–17, pode ganhar vida:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (Jo 14.1-3).

Partilhar o evangelho com tais pessoas significa partilhar muito mais do que informação; significa partilhar a vida.52

Uma segunda situação também pode tornar-se um bloqueio psicológico. A reticência psicológica costuma desenvolver-se depois de uma experiência negativa (ou experiências negativas) vivida por uma criança ou um jovem em uma igreja. Algumas igrejas são extremamente exigentes no que se refere ao estilo de vida. “Não farás coisa alguma que seja divertida, legal, radical, da hora, que todos os outros jovens estão fazendo – ou em outras palavras, coisas mundanas”. Antigamente, nas escolas católicas, muitas freiras exerciam poder com uma régua. E as igrejas protestantes se especializaram em uma longa lista de proibições.

No outro extremo estão as crianças e jovens que experimentam ausência total de restrições tanto de seus pais quanto da igreja. Qualquer coisa vale. Quando chegam à vida adulta, olham para trás e veem sua igreja como frouxa, tola e irrealista a respeito do que ensinar e que modelo apresentar para o desenvolvimento do caráter. Um cristianismo que não oferece orientação a crianças e adolescentes não é digno de ser encarado com seriedade na vida adulta.

Qualquer defesa da fé cristã para essas pessoas deve incluir uma boa dose de esclarecimento do que é, de fato, a fé cristã. Lançar-se em um argumento sobre a verdade do cristianismo pode ser bastante prematuro.

Finalmente, nesta terceira ilustração, considere o dano psicológico causado por seitas religiosas rigorosamente controladas. Em tais grupos, exige-se que os membros comuns aceitem uma lista de crenças – muitas delas não apenas dúbias, mas simplesmente falsas. Os membros são obrigados não somente a aceitá-las sem questionar, mas também a promovê-las em intensa e agressiva campanha evangelística. Sair do grupo é perder a salvação. Às vezes, um dos

membros da seita percebe que o ensino não é verdadeiro e que todos foram manipulados pelos líderes. Quando conseguem deixar a seita, eles não têm nenhuma intenção de envolver-se em qualquer outro grupo que proclame uma mensagem exclusiva.

O amor prático e firme é, mais uma vez, a primeira e a última apologética para uma pessoa com esse passado. Durante algum tempo, talvez seja a única apologética.

Argumentos que funcionam

O objetivo de toda testemunha cristã deve ser construir argumentos que realmente funcionem. Na Parte Três, vou apresentar alguns argumentos que têm cumprido esse papel. Por enquanto, perceba que é vital aprender a ler os ouvintes, aprender a compreender aqueles a quem você está testemunhando. Ouça atentamente o que eles dizem, faça muitas perguntas, não interrompa com comentários ou afirmações irrelevantes que não sejam sensíveis ao que você está aprendendo sobre eles. Não são tarefas fáceis; não garantem o sucesso, mas o tornarão muito mais acessível.

Que ideia absurda!

Cosmovisões e evolução

A razão racional mais significativa a impedir que os argumentos sejam persuasivos é a lacuna que costuma existir entre a cosmovisão de quem os apresenta e a da plateia. Argumentos repousam em pressupostos de fundo – ideias tão consolidadas que não precisam ser articuladas. Quando Richard Dawkins afirmou: “Michael Behe crê em Deus” (veja p. 54 acima), ele não estava apenas fazendo uma afirmação a respeito do compromisso religioso de Behe; estava amparando-se em outros cientistas na plateia que acreditavam que ninguém que crê em Deus pode ser um bom cientista. Ele não precisou defender esse ponto de vista. São compromissos com percepções desse tipo que bloqueiam os naturalistas de sequer considerar argumentos teístas.53

Veja esse exemplo simples. Digamos que Jonas esteja morrendo em decorrência de um câncer que se espalha rapidamente. Todos – sua família cristã, os médicos, o próprio Jonas – estão certos de que logo ele morrerá. Repentinamente, porém, sem qualquer razão médica específica, a saúde de Jonas começa a melhorar. Em poucos dias, ele volta à vida normal e ao trabalho. Os médicos afirmam não encontrar sinal algum do câncer “mortal”. É um milagre, afirmam Jonas e sua família. Dois de seus médicos, no entanto, demoram mais a aceitar o fato. Essas coisas acontecem, afirmam eles. Não sabemos o porquê, mas nunca se pode estar certo a respeito de uma enfermidade, mesmo no caso de um câncer mortal como era o de Jonas. Um terceiro médico tem certeza de que não foi um milagre. Milagres não acontecem, diz ele. Não há Deus, ou forças espirituais, nada fora do funcionamento normal da matéria no espaço e no tempo. Seja lá o que tenha acontecido, foi algo natural.

A maioria dos cristãos raramente usa a categoria do milagre para explicar acontecimentos extraordinários. Mesmo os chamados milagres realizados pelos santos são sujeitos a análise e estudo aprofundado antes de serem declarados milagres pela Igreja Católica. Os cristãos, no entanto, acreditam sim que milagres podem acontecer. Não há nada estranho no pensamento de que alguns acontecimentos à nossa volta são promovidos por Deus em seu cuidado providencial com o mundo. Deus criou o mundo; ele é totalmente responsável por tudo o que acontece. Milagres são mais fantásticos por sua infrequência do que por sua ocorrência, mas nada é impossível para Deus.

Os naturalistas, contudo, são como Richard Dawkins (que alega ser um “ateu realizado”) ou Carl Sagan (que acreditava que “o cosmos é tudo o que existe, tudo que existiu e tudo que existirá”). Não há provas suficientes que os convençam de um milagre. Uma explicação natural pode ser imaginada – se não comprovada – para cada evento que possa ocorrer. Se nada existe fora do mundo natural, então não é necessário localizar as razões precisas para a ocorrência de um evento incomum. A causa foi natural. Tinha de ser.

Essa ilustração é apenas um exemplo de um princípio muito mais geral.

O princípio da cosmovisão

A cosmovisão de uma pessoa limita as visões que podem ser sustentadas de forma consistente. Nenhum argumento cuja conclusão seja obviamente inconsistente com a cosmovisão de alguém pode ser racionalmente convincente a menos que a própria cosmovisão seja ajustada.

Esse princípio pode parecer obscuro a princípio, mas seu significado torna-se claro com uma breve explicação. Em primeiro lugar, precisamos entender a noção de cosmovisão.

Uma cosmovisão é um compromisso fundamental com uma forma de compreender o mundo. Em linguagem comum, uma cosmovisão é uma filosofia de vida. Todos têm uma. Veja aqui uma definição formal.

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração que pode ser expressa como uma história ou em um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras, ou completamente falsas) que sustentamos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) a respeito da constituição básica da realidade, e que propicia o fundamento sobre o qual vivemos e nos movemos e existimos.54

Essa definição precisa ser destrinchada. Começaremos com seu caráter pré-teórico.

Uma questão do coração

As cosmovisões estão profundamente enraizadas no coração. São compromissos fundamentais. Parecem tão verdadeiros que não se pode imaginá-los de outra forma. Alfred Whitehead afirma que “algumas suposições parecem tão óbvias que as pessoas nem mesmo sabem o que estão supondo, pois nenhuma outra forma de entender o mundo jamais lhes ocorreu”.55 Essas suposições residem no pano de fundo de todo nosso pensamento. São crenças controladoras que dificultam, até impossibilitam, que uma pessoa considere como verdadeira qualquer ideia que contradiga esses compromissos.

O filósofo William J. Wainwright diz que as pessoas que rejeitam noções religiosas não costumam fazê-lo por razões intelectuais específicas e bem-formuladas. “A descrença é menos frequentemente o resultado de objeções intelectuais e mais o choque entre crenças religiosas e atitudes e sensibilidades que foram moldadas por um ambiente que deixa pouco espaço para Deus ou o sagrado.”56 Essas crenças fundacionais são, portanto, pré-teóricas. Nós as

adquirimos sem reflexão. E quando começamos a refletir sobre elas (se é que o faremos), elas já estão ali.

Isso não significa que essas noções fundacionais não sejam intelectuais. Pelo contrário, elas são profundamente intelectuais no sentido de que podem ser expressas em proposições, proposições essas que servem como premissas de todo o nosso pensamento. Elas respondem a sete perguntas básicas e nos oferecem um lugar onde nos situar e um ponto de partida para nossa argumentação.

Sete perguntas básicas

O que é realidade primordial – o realmente real? A resposta a essa pergunta é Deus, ou os deuses, ou o cosmos material. Nossa resposta aqui é a mais fundamental. Ela determina os limites para as respostas que podemos dar de forma consistente às outras seis perguntas.

Qual é a natureza da realidade externa, ou seja, o mundo à nossa volta? Aqui, nossas respostas indicam se vemos o mundo como algo criado ou autônomo, como caótico ou ordenado, como matéria ou espírito; e se nossa ênfase está em nosso relacionamento pessoal, subjetivo com o mundo, ou em sua objetividade à parte de nós.

O que é um ser humano? Aqui, podemos responder: uma máquina extremamente complexa, um deus adormecido, uma pessoa feita à imagem de Deus, um "macaco nu".

O que acontece a uma pessoa na morte? Nossa resposta aqui pode ser a

extinção pessoal ou transformação a um estado mais elevado, ou reencarnação, ou ainda a partida para uma existência sombria no "outro lado".

Por que é possível ter qualquer conhecimento? As respostas prováveis incluem a ideia de que somos feitos à imagem de um Deus onisciente, ou que a consciência e a racionalidade se desenvolveram sob as contingências de sobrevivência em um longo processo de evolução.

Como sabemos a diferença entre o certo e o errado? Mais uma vez, talvez sejamos feitos à imagem de Deus cujo caráter é bom, ou o certo e o errado sejam determinados somente pela escolha humana ou pelo que parece bom, ou as noções simplesmente desenvolveram-se sob o ímpeto da sobrevivência física ou cultural.

Qual é o sentido da história humana? Para isso podemos responder: entender os propósitos de Deus ou dos deuses, criar um paraíso na Terra, preparar um povo para uma vida em comunidade com um Deus santo e amoroso, e assim por diante.

Hoje, há muitas cosmovisões vivas e operantes nos corações e nas mentes dos povos das nações ocidentais. Somos, de fato, uma sociedade pluralista. Duas delas, contudo, são particularmente relevantes para nosso propósito: (1) diversas variedades de teísmo cristão (do tradicional ao moderno) e (2) naturalismo. Aqui estão esboços breves dessas duas visões.57

O teísmo básico cristão declara que a realidade mais fundamental é o Deus trino, infinito e pessoal da Bíblia, que é onipotente, onisciente e onipresente, e cujo caráter é absoluta e completamente bom. De forma intencional, Deus criou o mundo para que fosse ordenado (uma uniformidade de causa e efeito) e aberto a ser reordenado pelo próprio Deus e por nós. Ele criou seres humanos à sua imagem (seres pessoais, moralmente capazes, responsáveis e intelectualmente capacitados). Os seres humanos foram criados para cumprir o intento final

divino de estabelecer sua família eterna de homens e mulheres em um reino finalmente perfeito. O padrão da história humana envolve criação, queda, redenção (cuja peça central é a vida, a morte e ressurreição de Jesus) e glorificação (para aqueles que se comprometerem com Jesus Cristo) ou condenação (para aqueles que o rejeitarem).

Versões mais imprecisas de teísmo conservam a noção de um Deus criador, infinito-pessoal, mas são menos específicas a respeito do caráter de Deus, podem minimizar ou rejeitar sua triunidade e costumam ser menos específicas no que diz respeito a vida após a morte e o papel de Deus na história. Essa tendência à menor especificidade do ponto de vista histórico conduziu ao deísmo, onde Deus não é mais dotado de pessoalidade ou intencionalidade. Em boa parte da moderna América do Norte, o enfraquecimento do teísmo tradicional resultou no que Christian Smith e Melinda Lundquist Denton chamam de Deísmo Terapêutico Moralista, no qual Deus é reduzido a uma "combinação entre Mordomo Divino e Terapeuta Cósmico".58

O naturalismo declara que o mundo natural (matéria e energia em uma forma complexa, em constante mudança) é a realidade mais fundamental. Não há Deus e, portanto, não há criação. Todo o cosmos, inclusive os seres humanos, não tem sentido ou significado inerentes, somente a variedade de significados que lhes são conferidos pelos próprios seres humanos. A morte humana é a extinção pessoal. Qualquer inteligência ou caráter moral que os humanos tenham é fruto de sua própria invenção autônoma. A forma mais segura de conhecimento vem da aplicação dos métodos da ciência. Alguns consideram essa situação desafiadora, porém tolerável, e são otimistas a respeito da vida sem futuro; outros têm dificuldades ou são pessimistas ao ponto do desespero.

Como cristãos, sabemos com que perseverança mantemos nosso compromisso com a existência do Deus trino. Tal perseverança também está presente em um dos mais perspicazes e sinceros filósofos americanos. Thomas Nagel, um proponente do naturalismo, escreve em The Last Word, um livro digno de ser lido por cristãos como exemplo de discernimento e honestidade:

Quero que o ateísmo seja verdadeiro e causa-me desassossego o fato de que algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço tenham convicções religiosas. Não é pelo fato de eu não crer em Deus e, naturalmente,

desejar estar correto em minha convicção. É que espero que não haja Deus! Não quero que o Universo seja assim.59

Superar tal compromisso com o naturalismo demandará mais do que uma simples mudança de opinião. Exigirá uma conversão intelectual – mais que isso, espiritual. Que o início de tal conversão pode de fato ocorrer, no entanto, é ilustrado pela mudança de opinião – não de espírito, contudo – de Antony Flew, provavelmente o ateu mais conhecido e enfático desde Bertrand Russell. Em dezembro de 2004, ele comunicou que embora não tivesse se convertido ao cristianismo ou mesmo a um Deus completamente teísta, passara a crer na existência de um tipo de Deus impessoal e inteligente.60

Não há lugar em que o naturalismo e o teísmo cristão se choquem mais do que no pensamento cristão referente à evolução. Os apologistas cristãos, especialmente aqueles que atuam em ambientes intelectuais como a universidade, terão, inevitavelmente, de abordar a questão. É, na realidade, uma das cinco objeções mais apresentadas ao entendimento cristão da realidade. As outras três são o problema do mal, várias formas de relativismo (que será discutido no capítulo seguinte), a acusação de que crer em Deus é realização de desejo (brevemente discutido no capítulo 3, p. 43) e o exclusivismo (discutido no capítulo 9). Esses quatro podem ser abordados de forma eficaz. Mas as discordâncias sobre a evolução são tão fundamentais que nenhum dos lados parece capaz de perceber a força no argumento do outro.

Embora o naturalismo reine nas escolas públicas e universidades nos Estados Unidos, ele não é popular em outras áreas da sociedade americana. Uma pesquisa do Instituto Gallup indica que somente 10% da população está comprometida com uma versão totalmente naturalista da evolução.61 Entre 40% e 50% acreditam em uma “criação recente” e 40% a 45% na criação “conduzida por deus”. Isso significa que, em muitos contextos, os cristãos não enfrentarão objeções que emergem da evolução naturalista. Apesar disso, o paradigma evolucionista está tão encravado no sistema educacional americano – em todos os níveis – que representa uma grande barreira para uma compreensão plenamente cristã da realidade tanto entre cristãos quanto entre os que estão sendo convidados à fé cristã.

A evolução e a cosmovisão naturalista

A teoria evolucionista ensinada em escolas públicas e universidades hoje explica as mudanças na biosfera sem qualquer referência a Deus, aos deuses ou a algum domínio transcendente. Essa teoria basicamente darwiniana (ou neodarwiniana) é vista como seguramente verdadeira por toda a comunidade universitária. No pensamento universitário, não podem jamais ser verdadeiras as alegações de que a teoria evolucionista não explica realmente o que propõe – quer essa objeção seja o ceticismo puro e simples (Michael Denton), uma explicação alternativa como o design inteligente (Michael Behe) ou o "criacionismo bíblico" (Henry Morris). Nenhuma outra objeção concebível poderia ser verdadeira. A evolução por causas naturais é um fato. A natureza a produziu. Tudo bem, não conhecemos todos os detalhes; nossas teorias talvez precisem de refinamento. Mas a evolução é um fato. Ponto final.

Conforme afirmou Sir Julian Huxley em uma palestra em 1959:

No padrão evolucionista de pensamento, não há mais necessidade ou espaço para o sobrenatural. A Terra não foi criada; ela evoluiu. O mesmo ocorreu com todos os animais e plantas que nela habitam, incluindo nós, os seres humanos, mente e alma, bem como cérebro e corpo. Também foi assim com a religião.62

Em outro artigo escrito aproximadamente na mesma época, Huxley escreveu: "O primeiro ponto a destacar a respeito da teoria de Darwin é que não se trata mais de uma teoria e sim, de um fato. (...) O darwinismo chegou à maturidade, por assim dizer. Não temos mais de nos preocupar em estabelecer o fato da evolução".63 Richard Dawkins ecoou essa afirmação em 1986: "Embora o teísmo possa ter sido logicamente defensável antes de Darwin, Darwin tornou possível ser um ateu intelectualmente realizado".64

A própria evolução tornou-se um elemento importante na cosmovisão do naturalista moderno. Por mais que sejam falhas ou inadequadas as explicações da teoria, o modelo evolucionista hoje terá sempre a preferência sobre quaisquer

objeções. A hipótese comum é que os seres humanos não são apenas capazes de entender, mas entenderam muito a respeito da forma como o Universo foi formado e como "evoluiu" de sua origem em singularidade até sua elaboração ao estado presente. Estamos aqui como resultado de uma longa sequência de desdobramentos não premeditados, causados naturalmente.

Se somos capazes de explicar como nós, seres humanos, surgimos da natureza inanimada, podemos explicar o mais complexo aspecto da realidade que exista. O naturalismo, portanto, é uma verdadeira cosmovisão. O "fato" da evolução torna-se a justificativa para o naturalismo como cosmovisão. O naturalismo, portanto, reina como a cosmovisão dominante da universidade.

Na verdade, o argumento assume duas formas. Uma delas começa parecendo demonstrar que a biosfera evoluiu por causas naturais e conclui que o naturalismo é verdadeiro. A outra começa presumindo a verdade do naturalismo, então conclui que a evolução é um fato.

Argumento 1. O surgimento dos seres humanos com todas as suas características singulares de pensamento racional, compaixão, criatividade estética e capacidade moral parece ser o fenômeno mais difícil de se justificar sem recorrer a uma causa divina pessoal. Desde Darwin (e agora com muito mais argumentos do que Darwin) pode-se demonstrar que as causas naturais conhecidas são suficientes para ter produzido o estado presente da biosfera – inclusive o surgimento dos seres humanos. Não se exige nenhuma causa sobrenatural para explicar a existência da forma mais complexa de realidade, a biosfera. Desse modo, Deus não existe e o naturalismo é verdadeiro.

Rigorosamente falando, esse argumento é um non sequitur. Ou seja, a conclusão não decorre das premissas. Afirmar que Deus não é necessário para explicar a vida ou a existência do Universo não requer que Deus não exista. Deus poderia existir sem que houvesse qualquer razão que pudéssemos conhecer. Ele poderia existir pela simples razão de que ele existe; afinal, no senso teísta, Deus é autoexistente e não precisa de outro fato para explicar sua existência. Dawkins pode declarar que a evolução naturalista lhe permite ser um ateu realizado, mas não há razão para que o faça. Mesmo se todas as causas para as transformações da biosfera pudessem ser comprovadamente naturais, Deus poderia existir como a causa definitiva dessas chamadas causas naturais. Do ponto de vista lógico, simplesmente não é possível provar tal negativa. Portanto, a crença definitiva de Dawkins de que Deus não existe exige tanto compromisso quanto a crença de

um teísta.

Argumento 2. O naturalismo está tão encravado no mundo universitário como uma hipótese, que a verdade da evolução não precisa ser defendida.65 Deus não existe. A biosfera veio a existir muito tempo depois e desenvolveu-se ao seu estado presente; a evolução (i.e., o desenvolvimento, a complexificação da biosfera) aconteceu. Não há outras causas além das causas naturais. Em outras palavras, a evolução naturalista, não premeditada, é um fato.

Este argumento é, no mínimo, válido. Se Deus ou alguma realidade igualmente transcendente não existe, então somente as causas naturais estão disponíveis para explicar todas as coisas (o Universo, a vida ou o jornal matutino).

Esses dois argumentos podem ser encontrados hoje tanto entre cientistas quanto entre não cientistas. Eles se entrelaçam, às vezes num raciocínio circular, surgindo, porém, muitas vezes, para reforçar um ao outro.

Os cristãos, no entanto, estão comprometidos com a noção de que há um Deus infinito-pessoal que criou todo o mundo e nos criou conforme a sua imagem. Nós – eu inclusive – não precisamos nos comprometer com qualquer versão específica da maneira como Deus criou. Mas a noção de que Deus criou o mundo porque desejou fazê-lo está no centro da Bíblia e da cosmovisão cristã. Assim também a noção de que aprendemos isso por revelação divina na Bíblia escrita por seus profetas escolhidos. Não precisamos nos comprometer com uma interpretação em particular da forma como a Bíblia se relaciona com a explicação científica. Devemos estar comprometidos a crer em tudo o que a Bíblia ensina, porém nossas interpretações, por mais precisas que possam ser, ainda estão sujeitas ao erro e à correção. Seja qual for o conflito que possa existir, não está entre a Bíblia e a ciência, mas entre a nossa teologia e a nossa teoria científica.

O resultado é que alguns cristãos são criacionistas bíblicos: leem a Bíblia como se ela contivesse informação científica e concluem que Deus criou a Terra em sete dias de 24 horas há apenas poucos milhares de anos.66 Outros cristãos são evolucionistas teístas: creem que Deus criou o Universo há bilhões de anos, em grande parte como a Astrofísica e a Biologia moderna explicam, mas por desígnio e intenção de Deus, e não mero acaso e necessidade. Uma nova espécie de cristãos é formada por defensores do design inteligente. Eles apreciam apontar os erros fatais na teoria da evolução e propõem, de forma bastante

simples, que a existência de um projeto do Universo (e, consequentemente, de algum tipo de projetista) seja uma explicação melhor para o mesmo conjunto de fatos físicos que a teoria evolucionista usa para justificar sua reivindicação de verdade; além disso, dizem, ela explica uma infinidade de fatos que não podem ser explicados pela teoria evolucionista. Finalmente, há aqueles como eu mesmo, simples teístas cristãos, que creem que o Universo foi criado por Deus, mas não estão comprometidos com uma versão específica de como ele veio a existir em sua forma atual.

No ambiente intelectual presente, as alegações e argumentos tanto dos criacionistas bíblicos quanto dos defensores do design inteligente – por mais fortes que sejam – costumam fracassar até mesmo para conquistar ouvintes. Com premissas naturalistas, na superfície eles não podem ser verdadeiros. Os evolucionistas teístas e os teístas cristãos que não têm certeza a respeito dos detalhes não enfrentam o mesmo problema. Ambos podem desafiar o naturalismo subjacente da evolução darwiniana sem desafiar seu mecanismo.67 Mas um aluno, por exemplo, que, em uma classe universitária moderna, tente trazer perguntas despertadas pelo criacionismo bíblico ou pelo design inteligente será, na melhor das hipóteses, tolerado; na pior delas, ele será motivo de riso tanto por professores quanto por colegas, no mínimo será ridicularizado por ser intelectualmente incompetente e, no máximo, ridicularizado como uma ameaça à universidade e à própria racionalidade. Dawkins ilustra isso bem. Ele diz: “É absolutamente seguro afirmar que se você conhecer alguém que declara não crer na evolução, essa pessoa é ignorante, imbecil ou insana (ou perversa, mas prefiro não considerar essa hipótese)”.68

Veja o caso de uma aluna do primeiro ano da Universidade do Texas. Um grupo de estudos científicos avançados da Faculdade de Ciências Naturais se reunia semanalmente com dois professores (Matemática e Ciência da Computação) durante um rápido almoço. Nesse dia, eu estava apresentando um trabalho sobre Lewis Thomas, cujas visões cruzam as fronteiras entre o naturalismo e o panenteísmo. A discussão estava emocionante, uma das mais empolgantes de minhas muitas incursões em campi universitários. Após uma hora de discussão, uma mulher afirmou: “Você provavelmente vai rir de mim, mas eu sou criacionista”.

Rir? O cientista da computação explodiu. “Que ideia absurda! Entre tantas ideias para crer, por que essa? É abominável”.

Alguns cristãos presentes e eu tentamos amenizar o golpe no ego da jovem, mas críticas desse tipo podem causar um grande dano a uma mente em formação. Além disso, reprimem o diálogo da busca pela verdade.

Desde Darwin, existem os criacionistas bíblicos e os teístas evolucionistas. O primeiro grupo fundamenta seu pensamento em uma hermenêutica particular da Bíblia que não é universalmente defendida por cristãos. Muitos evangélicos, por razões teológicas, hesitam em ler a Bíblia como um livro de ciência. Tal método de leitura da Bíblia não teve, e creio que nunca terá, qualquer impacto sobre o mundo universitário.

O design inteligente, no entanto, começou a ser reconhecido como uma pequena peça em um imenso tabuleiro.69 Pessoas como o biólogo Michael Behe, o matemático-filósofo William Dembski e o professor de direito Phillip E. Johnson (cuja especialidade é a argumentação) atraíram a atenção de evolucionistas publicamente articulados como Dawkins e o falecido Stephen Jay Gould. O design inteligente ainda está à margem do discurso acadêmico, mas, pelo menos é um dos jogadores. Seus argumentos estão sendo avaliados por cientistas convencionais.70 Ainda assim, resta saber se o compromisso anterior com a verdade do naturalismo – não há Deus – será questionado com seriedade no meio acadêmico.71

O design inteligente pode ter alguns argumentos muito contundentes e academicamente respeitáveis, mas, no fim, eles podem provocar nada além de marolas no vasto mar da evolução naturalista. O que está em risco, como destaca Johnson, é a dominância do naturalismo como uma cosmovisão na academia. Ele retratou essa cosmovisão como um imenso navio com alguns vazamentos e que, inevitavelmente afundará mesmo enquanto os que estão a bordo celebram seu domínio com queijos e vinho. Vamos esperar para ver.72

Enquanto isso, o que um apologista deve fazer? Uma imensa barreira é erguida pela recalcitrância da mente universitária. Ela deve ser rompida ou evitada. Como isso pode acontecer?

À essa altura, devo admitir que também não faço ideia como um criacionista bíblico pode agir. Assim como fazem os naturalistas convictos, considero improvável que a criação 24 horas seja verdadeira. Percebo que esta mesma declaração da minha parte pode levar alguns leitores a interromper a leitura deste livro imediatamente. É fácil para nós, cristãos, sermos tão teimosos quanto

nossos pares do mundo não cristão. No entanto, peço, por favor, que me acompanhem, pelo menos durante os próximos parágrafos. A interrupção da leitura aqui serviria apenas para ilustrar minha principal tese neste capítulo: que algumas posições sobre a evolução se arraigaram de tal forma no coração que não há informação ou argumento que possa abalá-las. Como cristãos, devemos ser cautelosos quanto a quais compromissos de nossa fé realmente pertencem a esse nível "inclinado", "pré-teórico" ou "totalmente comprometido". Quando não damos ouvidos às pessoas de quem discordamos em pontos fundamentais, não apenas julgamos falsas suas convicções, como também denegrimos sua dignidade como seres humanos criados à imagem de Deus. Peço, portanto, que você permaneça comigo enquanto explico minha posição. Avalie-a, e se não encontrar nela mérito nenhum, então discorde de mim.

Sem entrar em detalhes, aqui estão duas das principais razões pelas quais sou incapaz de sugerir como um criacionista bíblico pode engajar um naturalista típico, que crê na evolução através de causas absolutamente naturais. Primeiramente, há uma enorme quantidade de provas – na Astrofísica, Geologia, Paleontologia, Biologia – que apontam para uma única origem do Universo e da Terra. Em segundo lugar, não é necessário, de forma alguma, ler os relatos em Gênesis 1 e 2 como se contivessem qualquer informação científica. Estou convencido de que esses relatos foram escritos para confrontar as mitologias do mundo antigo – egípcia, mesopotâmica, caldeia, cananeia – e para oferecer aos israelitas um sólido entendimento antimitológico do Deus infinito-pessoal como fundamento da realidade. Elas não têm relação alguma com as teorias modernas da Astrofísica ou da Biologia.73 Como comentou C. S. Lewis certa vez: "O tipo de verdade que muitas vezes exigimos não foi, em minha opinião, sequer prevista pelos antigos".74 Posso entender por que os criacionistas bíblicos sustentam seu ponto de vista, e eles têm meu respeito pela força de sua convicção, pois sei que ela nasce de um desejo de honrar o mesmo Senhor e Salvador. No entanto, considero seus pontos de vista nada convincentes.

Mas e os cristãos que defendem outros pontos de vista? É possível que minha resposta a essa pergunta surpreenda praticamente todos os meus leitores. De forma geral, creio que a maioria dos cristãos jamais deveria abordar a questão da evolução. Devem falar sobre o tema somente se não conseguirem evitá-lo.

Todo cristão, é claro, deve estar pronto para responder perguntas quando elas surgirem. Todos nós precisamos conhecer o suficiente sobre o tema para oferecer uma resposta crível. (Veja as sugestões na bibliografia, p. 153-156.)

Deliberadamente abordar o assunto, contudo, somente levará a uma longa e extensa discussão. É possível elaborar uma boa argumentação para colocar o darwinismo em dúvida. Mesmo assim, tais argumentos são altamente complexos e exigem um conhecimento de Biologia, Bioquímica, Genética, Geologia e Filosofia raramente encontrado até entre apologistas profissionais. Mesmo que você tenha um profundo conhecimento da teoria evolucionista, enfrentará com frequência uma entre duas situações. Ou seu interlocutor rejeitará sua opinião porque você não é biólogo (portanto, não é uma autoridade crível), ou o conhecimento de seu interlocutor a respeito das questões será tão restrito que ele não compreenderá suas explicações profundas. A conclusão é que devemos geralmente dar destaque a outros tópicos em nosso testemunho.

Como defensores da fé cristã, precisamos ser claros a respeito das razões pelas quais estamos abordando o tema da evolução.75 O Universo passa por mudanças desde seu início. É fato. A maioria dos cristãos consegue concordar com isso. A questão é: Como aconteceu essa mudança? Com ou sem o envolvimento de Deus? O inimigo é o naturalismo e não a evolução. Portanto, a menos que haja grande dedicação em aprender sobre a evolução em um nível profundo – lendo não apenas os críticos cristãos, mas também biólogos e outros especialistas que creem que a biosfera chegou à sua condição atual por meios totalmente naturais e não planejados – é melhor deixar o diálogo com os especialistas cristãos.

Alguns apologistas cristãos têm usado as percepções do design inteligente como uma forma de despertar dúvidas em pessoas comprometidas com a evolução naturalista. Eles não aprovarão minha recomendação de que a maioria dos cristãos se esquive do tópico da evolução na apresentação do evangelho. Para não fazer injustiça com o ponto de vista deles, incluí uma resposta que provavelmente será partilhada pela maioria deles (confira a nota de fim).76

Cristãos como eu podem recorrer aos Behes, aos Dembskis e aos Johnsons em vez de tentar lidar em profundidade com a questão. Devemos desejar muito mais que as pessoas creiam em Jesus como Senhor e Salvador do que duvidem da evolução darwiniana. Na verdade, alguma forma de evolução teísta ainda é a posição dominante dos cristãos que são cientistas. Eles se contentam em afirmar que o Universo e a biosfera podem ter sofrido grandes mudanças ao longo dos caminhos delineados pela evolução darwiniana. Rejeitam, contudo, que esse processo tenha sido sem planejamento em seu nível mais fundamental. Foi Deus quem o fez, reiteram. A forma como o fez não é importante. William Edgar resume bem: “É melhor deixar a Bíblia falar em seus próprios termos e não

extrair à força teorias científicas específicas. Também é melhor deixar a ciência realizar seu trabalho, lembrando ocasionalmente aos cientistas que eles não podem alegar neutralidade”.77

Observe que estamos considerando argumentos que são necessários para confrontar a cosmovisão reinante em algumas escolas públicas e universidades. E o público de maneira geral? Conforme observei anteriormente, 40% a 50% dos americanos já creem em uma “criação recente” e 40% a 45% acreditam na criação “guiada por Deus”. Isso significa que fora do ambiente acadêmico, aqueles que defendem a fé raramente enfrentam objeções do ponto de vista da evolução naturalista.

Se escolhermos travar uma batalha contra a evolução, ficaremos tentados a oferecer explicações inadequadas sobre o que os evolucionistas ensinam, e encorajaremos uma atitude do tipo “como devem ser imbecis os evolucionistas para acreditar em tal tolice!”. Ao fazê-lo, somente daremos aos evolucionistas mais provas de que os cristãos são simplórios ignorantes – exatamente como eles sempre pensaram.

Deixemos, portanto, que todo o tema da evolução permaneça intocado, exceto quando surgir como uma pergunta. Então vamos manter nossa resposta breve e deixar os detalhes com os especialistas cristãos. Há questões muito mais importantes a considerar. Entre elas está o relativismo, para o qual nos voltamos agora.

Quem sou eu para julgar?

Cosmovisões e relativismo

Na década de 1950, quando eu era universitário, a objeção mais persistente à fé cristã era simplesmente que ela não era verdadeira. Essa ideia era expressa das mais variadas formas. “Jesus não ressuscitou. Os relatos a esse respeito são mitos ou lendas. Se Jesus de fato existiu, ele morreu e continua morto.” “O que Deus espera de nós – se é que existe um Deus – é que vivamos bem. Não é verdade que devemos reconhecer Jesus Cristo como Senhor e Salvador.” Em suma, crer em Cristo era algo considerado irracional.

Hoje, as próprias noções de racionalidade e verdade estão sob ataque. Questiona-se até mesmo a tentativa da ciência de descobrir a verdade a respeito da natureza. Para alguns pós-modernistas radicais, as teorias científicas não são verdadeiras nem falsas. São “histórias” ou “descrições” sobre as quais há consenso entre os cientistas, pois quando são usadas alcançam os resultados certos.

Entre a maioria dos cientistas praticantes e as pessoas em geral, sabe-se que a água ainda é hidrogênio e oxigênio, duas partes para uma. A realidade material comum ainda é vista como sujeita à categoria da verdade objetiva. Nas questões de moralidade e religião, contudo, não há verdade de fato. Ou, melhor, há muitas verdades, e essas verdades podem contradizer uma à outra. “O que é verdade para mim não precisa ser verdade para você” é uma forma comum de expressar esse conceito. Ou “Quem sou eu para julgar?”.

A história de como ocorreu essa mudança na consciência cultural é interessante,

mas não precisamos contá-la neste momento.78 Basta dizer que quando o naturalismo declarou que não existe nada além do mundo natural, desobrigou a mente humana de qualquer responsabilidade com um Deus transcendente ou de qualquer influência da parte dele. Deixou a mente por sua própria conta e concedeu à razão humana sua autonomia. Como disse certo adolescente, Deus existe "para que a gente tenha alguém com quem conversar e para nos ajudar a enfrentar os problemas. É claro que ele não responde".79 Podemos pensar e fazer praticamente tudo o que quisermos.

A autonomia da razão

Embora este afastamento do teísmo cristão tradicional tenha libertado a mente humana de qualquer restrição externa, deixou-a com uma infinidade de problemas. As perguntas mais importantes não podem mais ser respondidas pela razão humana. Sou apenas um ser material? O que me agrega valor, se é que existe algo? Por que estou aqui? Qual deve ser meu propósito de vida? Como devo tratar os outros seres humanos – a família na casa ao lado, os habitantes da minha cidade, os que vivem em meu país, em outros países? Há muitas respostas contraditórias a essas perguntas. Respostas diferentes costumam levar ao conflito. Como podemos nos relacionar de forma positiva considerando que temos profundas diferenças? Por que deveríamos sequer tentar?

Talvez a pergunta mais perturbadora de todas seja: Por que devo confiar no desempenho de minha própria mente visto que ela é matéria completamente impessoal, involuntária e não projetada em movimento?

Os naturalistas tentaram encontrar um fundamento para responder essas perguntas. Mas fracassaram. Sem um padrão transcendente de referência, só podemos contar com nosso próprio desejo, nossa opinião pessoal e nosso próprio hábito social.

Do pluralismo ao relativismo

O fato social do pluralismo levou ao princípio teórico do relativismo. Relativismo de todo tipo: moral, religioso, filosófico e até – na forma pós-moderna – científico. A própria verdade tornou-se opinião pessoal.

É particularmente inquietante que, juntamente com os adeptos de outros pontos de vista religiosos, muitos cristãos também foram levados pela corrente cultural. Não há razão para que cristãos sérios sejam relativistas, mas muitos dos que afirmam ser cristãos perderam seu compromisso exclusivo anterior com Cristo ou jamais compreenderam que esse compromisso faz parte da fé bíblica. Eles recomendam a fé religiosa, mas pouco importa a religião.80

A profundidade da penetração desse compromisso da cosmovisão com o relativismo é ilustrada de forma completa e dolorosa em Soul Searching, um estudo recente da "vida religiosa e espiritual dos adolescentes americanos". Os sociólogos Christian Smith e Melinda Lundquist Denton analisam os resultados de entrevistas abrangentes com 267 adolescentes e concluem que o relativismo religioso é a suposição de fundo que se infiltra na maioria dos adolescentes que se identificam como cristãos. Veja, por exemplo, essa entrevista com um garoto americano católico de 15 anos, do estado de Illinois. Ele afirmava que "Deus estava presente na mesa, nas árvores e na grama". Então perguntaram-lhe a respeito de outros que têm uma visão diferente de Deus:

A [Adolescente]: Não tenho nada a dizer. É a opinião deles. Eu tenho minha própria opinião.

E [Entrevistador]: Você está certo?

A: Ah, não sei. Não faço ideia.

E: No que se refere a Deus, há uma resposta certa ou errada?

A: Não há resposta certa.

E: Por que não?

A: Não há nenhuma resposta errada. Porque é Deus, você não pode provar, é

apenas o que você acredita.81

Smith e Denton comentam:

Quando cada indivíduo tem suas próprias experiências únicas e autoautenticadoras e suas necessidades e desejos, é impossível que qualquer outro indivíduo avalie ou julgue adequadamente as crenças, os compromissos, os desejos ou o estilo de vida escolhidos. Os comentários típicos são: “Quem sou eu para julgar?”, “Se isso é o que escolheram, tanto faz”, “Cada um sabe de si”, e “Se está bom para eles, tudo bem”.82

Eles têm, contudo, uma palavra de esperança, e ela é suficiente para nos encorajar: “Na verdade, apesar da retórica, poucos adolescentes endossam de forma realmente consistente esse relativismo radical. Em certos aspectos e áreas da vida, os adolescentes estabelecem limites claros, muitas vezes bastante moralistas”.83 Em outras palavras, assim como os adultos, os adolescentes não conseguem viver de fato pelo relativismo radical. É esse fato que permite uma abertura para argumentos eficazes.

O relativismo tem ramificações em todas as áreas da vida (social, política, religiosa, técnica, entretenimento, manufatura e mercado) e em todos os níveis (do individual ao internacional). No entanto, visto que aqui estamos lidando com o testemunho cristão, enfocarei o aspecto religioso somente.

A resposta ao relativismo religioso

Quando testemunhamos a verdade do evangelho ou defendemos um ponto de vista específico a respeito de Jesus ou de Deus, a resposta é algo do tipo: “Bem, isso funciona para você, mas eu não acredito. Eu creio nisto”. Por exemplo, você

crê na ressurreição do corpo, e que o destino após a morte pode ser uma vida feliz no céu com Deus e seu povo ou uma existência pessoal eterna no inferno, distante de Deus. Seu vizinho, contudo, crê que a vida consciente termina na morte. Na mesma rua, há um defensor da Nova Era que acredita na reencarnação. E ambos lhe dizem: “Que bom que você acredita nisso. Eu não acredito, mas tudo bem”. Aqui, portanto, estão três visões mutualmente incompatíveis: ressurreição, extinção e reencarnação.

Se uma pessoa afirma que cada uma das visões é verdadeira para quem nela crê, então a menos que a “orientação do coração” seja transformada, nenhuma apologética racional pode ir adiante. O apologista cristão tem três opções: encerrar a discussão, confrontar o compromisso com o relativismo ou correr por fora. Obviamente, um cristão não deve desistir. Vamos avaliar as duas outras opções.

Confrontar. O próprio relativismo pode ser confrontado apontando-se suas implicações. Por exemplo, para que todos os três pontos de vista sobre a vida após a morte sejam simultaneamente verdadeiros, o mundo teria de ser um lugar contraditório. As opções seriam: (1) os seres humanos são “infinitos criados” (ou seja, criados por Deus para comunhão eterna com ele), (2) os seres humanos são seres unicamente materiais que deixam de existir quando seus corpos decaem e (3) os seres humanos são “fagulhas do divino” que vêm e vão entre incorporações materiais – hoje você é Joana; após a morte e a reencarnação, você (ou o que você se tornou) é Jonas, João, Julia, etc...

Essa situação é simplesmente impossível. Qualquer uma dessas três alternativas ou até uma quarta alternativa poderia ser verdadeira, mas não podem ser todas as três a explicação para tudo. Isso exigiria um Universo sem consistência estrutural; um caos, não um cosmos. Tampouco a convicção de uma pessoa poderia tornar verdadeira qualquer uma dessas eventualidades. Mesmo assim, acredita-se que isso é possível. Isto é, algumas pessoas acreditam que seu destino após a morte depende do que se crê. Sua crença determina seu destino. No entanto, imaginar que a crença pessoal de um indivíduo a respeito da vida após a morte possa tornar verdadeira essa crença, como alguns alunos têm sugerido, não tem respaldo nenhum. O que uma pessoa acredita a respeito do mundo físico faz qualquer diferença no que o mundo de fato é? Não podemos tornar nossos sonhos realidade simplesmente sonhando-os. Tampouco podemos tornar verdadeiras nossas convicções simplesmente crendo nelas. Eu sonho, ou melhor, eu creio que “ela me ama” – mas todos podem perceber que ela não me ama!

Uma forma mais sofisticada de pluralismo religioso – vizinha do relativismo – afirma que embora as religiões contradigam-se mutuamente aqui na Terra, todas elas são, em última análise, expressões culturais distintas do mesmo Deus incompreensível. Apesar de ser extensivamente discutido por John Hick e outros teólogos, esse tema tem diversas falhas bastante óbvias.84 Em primeiro lugar, como Hick reconhece, cada uma dessas religiões, na realidade, é diferente. Algumas defendem que os discordantes devem ser eliminados violentamente simplesmente pelo fato de discordarem; outras exigem respeito e tolerância; outras ainda insistem que é permitido morrer, porém nunca matar em nome da fé – e assim por diante. Mas o ponto é exatamente este: no nível local, são essas as diferenças com as quais devemos lidar.

Segundo, a visão de que todas as religiões são a mesma por serem expressões do mesmo Deus incompreensível é, ela própria, simplesmente outra religião. Torna a situação ainda mais plural e não menos.

Terceiro, se Deus é realmente incompreensível, então nenhuma das religiões é revelação de quem ele ou ela é. Ao serem concretas, essas religiões definiram o indefinível. Se Deus é inefável, então nada do que foi dito a respeito de Deus poderia ser, de forma alguma, uma revelação. Crenças a respeito de Deus seriam simplesmente idealizações humanas, nenhuma delas mais verdadeira ou mais falsa do que qualquer outra. Em todo caso, tal relativismo, por mais sofisticado que seja, não nos ajudará com nossas mais profundas diferenças.

Na análise final, como seres humanos precisamos da verdade. Aristóteles certa vez afirmou: “Todos os homens, por natureza, desejam conhecer [a verdade]”.85 Talvez não conheçamos a verdade, mas somente a verdade satisfará nossa necessidade não apenas de paz pessoal, mas também de paz social.

Descobri que esse método de abordar diretamente o relativismo é bastante eficaz.86 Mesmo assim, após uma palestra explicando-o em detalhes, é quase inevitável que um ou mais alunos contestem. Às vezes, eles o fazem independentemente da forma como explico a incoerência do relativismo ou detalho a impossibilidade de que seja verdadeiro.

Um caso em questão: Swarthmore College

Veja o que ocorreu no Swarthmore College, na Pensilvânia, em setembro de 1991. Em um programa chamado “Ten Myths” [Dez mitos] para explicar a fé cristã, os alunos cristãos afixaram um grande pôster anunciando ser um mito a ideia “Não importa o que você acredita. Todas as religiões são basicamente a mesma”. A comunidade universitária entrou em alvoroço. Alguns exigiram a remoção do pôster. Na reunião com os reitores que tentaram lidar com a controvérsia, foi solicitado à líder do grupo cristão que explicasse em que ela acreditava. Ela concentrou sua resposta na singularidade de Cristo.

Um dos reitores então afirmou: “Bem, está óbvio para mim que aqueles que creem no que você crê não pertencem a esse lugar”.

Dois dias depois, três líderes cristãos se reuniram novamente com três reitores. Eis aqui um trecho de um relatório feito posteriormente pelo grupo cristão:

Situação potencialmente explosiva. Persiste a ameaça de “encerrar” o programa 10 MITOS. Apelamos aos direitos de liberdade de expressão e propusemos, caso tenhamos violado qualquer norma do campus ou o direito de qualquer pessoa: “por favor, mostre-nos onde erramos”. Os reitores concordaram que não havíamos cometido nenhuma dessas faltas, mas assinalaram que nossa crença em Jesus como o único caminho para Deus inerentemente “avilta e despersonaliza outras pessoas”. Chegamos a um acordo para permitir a continuidade do programa 10 MITOS. À certa altura da discussão, um dos reitores afirma colericamente o que se revela uma tremenda ironia: “Vocês não conseguem perceber que o Swarthmore College se orgulha em ser, há mais de 100 anos, um lugar de tolerância!”.87

Isso, naturalmente, é irônico, pois sempre há permissão para que alguns absolutistas tenham um fórum relevante, pelo menos na universidade: à minha lembrança vêm as feministas, os representantes da sexualidade alternativa e os marxistas (além dos defensores do livre-mercado) que ensinam de forma explícita e evangelista a partir desses pontos de vista. Cada disciplina acadêmica também tende a ter “ortodoxias”, sendo algumas delas apenas modismos passageiros com a força de uma “ortodoxia”. A desconstrução na teoria literária

é um exemplo.

Mas há problemas mais profundos para o relativismo do que essas ironias. A ideia como um todo, creio eu, é incorreta. O relativismo conforme expresso no campus, nos corredores e dormitórios, em salas de aula e nas dissertações é definitivamente incoerente. Não é preciso avaliar o relativismo do ponto de vista de qualquer posição absolutista específica para perceber que é assim. A racionalidade do próprio relativismo desmorona sob escrutínio. O único problema é que aqueles cujo relativismo alcançou um status pré-teórico muitas vezes são incapazes de reconhecer o colapso.

Correr por fora. Há outra forma de abordar o relativismo dominante de nossa cultura. É correr por fora. Se a defesa adversária impedir que nosso atacante avance pelo meio, podemos tentar correr por fora ou, quem sabe, passar a bola. Como Smith e Denton já sugeriram, poucas pessoas realmente vivem pelo relativismo radical. Portanto, em vez de confrontar o relativismo propriamente dito, o defensor da fé cristã pode presumir corretamente que as pessoas de fato agem como se houvesse uma diferença entre os pontos de vista religiosos verdadeiros e falsos. Somente quando confrontadas com ideias religiosas ou normas morais que não apreciam é que as pessoas articulam o clichê cultural: "O que é verdade para você não precisa ser verdade para mim".

Veja aqui uma maneira de correr por fora.88 Peça a alguém (ou a um grupo) que liste as razões pelas quais as pessoas creem no que creem. A lista incluirá uma infinidade de fatores – sociológicos, psicológicos, autoritários, filosóficos. Pergunte então quais desses fatores constituem boas razões. Será necessário pouco tempo para que uma das razões mais comumente citadas seja rejeitada como uma boa razão: as pessoas acreditam no que foram ensinadas quando crianças. Você logo ouvirá que ter a mesma crença de seus pares ou de sua cultura é o que todos fazem, mas não é uma boa razão. Ouvirá também que as razões psicológicas (parece bom; e supre o que desejo) não se classificam como boas razões. Figuras de autoridade – padres, gurus, políticos, professores – logo serão rejeitadas.

Quando indagadas por que não são boas essas razões, as pessoas dirão algo do tipo: "Meus pais – meus amigos, minha sociedade, minha cultura – podem estar equivocados", ou "o padre quer apenas que as pessoas venham à igreja", ou "talvez eu não deva ter o que desejo". Essas respostas, naturalmente, revelam que na hora H, todos usam a categoria do que é verdadeiro para tomar suas

decisões. O apologista pode então perguntar: “Como você sabe quando algo é verdadeiro?”. Os que estão presentes talvez já tenham listado critérios como consistência, coerência, melhor explicação de todas as evidências – históricas, científicas, pessoais. Mesmo que você precise recordá-los desses fatores, eles geralmente perceberão que são, de fato, relevantes a uma convicção justificada.

Esse procedimento coloca os cristãos e seus interlocutores na mesma arena. A verdade é então uma questão. Pode-se distinguir as diferenças entre os diversos entendimentos sobre a vida após a morte, e a defesa contra e a favor de cada uma delas pode prosseguir.

A profundidade do compromisso com a cosmovisão

Naturalmente, devem ser feitas todas as tentativas para transpor a lacuna pressuposicional entre o apologista e o cético. Mesmo assim, alguns ainda continuarão inabalavelmente resistentes. Estão tão comprometidos com algumas formas de relativismo religioso que não há explicação ou argumento suficiente que os mova. Filósofos como Richard Rorty e teólogos como John Hick têm se posicionado a favor de formas de relativismo extremamente sofisticadas. Seus argumentos, no entanto, em última análise, não são mais convincentes do que o relativismo simples de um calouro da universidade. Como se não bastasse isso, a incoerência e inconsistência de suas visões foram demonstradas em grande detalhe e com sofisticação equivalente a seus argumentos originais ou ainda maior.89 Mesmo assim, eles não mudam de ideia. Por quê?

Perguntei certa vez a um conhecido teólogo por que isso acontecia. Ele ignorou minha pergunta como se eu fosse um imbecil ou a resposta fosse óbvia. Não acho que essas opções sejam o caso. Quando alguém inteligente não percebe que 2 + 2 = 4, algo muito estranho deve estar acontecendo. O filósofo político J. Budziszewski tem uma explicação. Ele sugere que isso se deve à “predileção pós-moderna pela linguagem obscura”.90

C. S. Lewis afirmou que um bom teste para saber se você compreendeu algo é se

você consegue expressar a ideia em linguagem coloquial, das ruas. (...) O problema não é falta de cultura ou de capacidade intelectual. O problema é que quando o pós-modernismo é traduzido na linguagem das ruas, qualquer um pode perceber que se trata de uma grande bobagem".91

Budziszewski insiste que jamais conheceu um pós-modernista capaz de fazê-lo.

O obscurecimento pode, de fato, evitar uma autopercepção clara. Creio, no entanto, que o problema seja mais profundo. Os próprios relativismo e evolução são ideias com categoria de cosmovisão. Não são apenas leituras intelectuais de compromissos mais profundos. Eles próprios são compromissos profundos.

Não há exemplo mais óbvio do que a introdução de Rorty em Philosophy and Social Hope. Rorty é um filósofo que costuma escrever no que Budziszewski chama de "linguagem das ruas". De sua própria posição pós-moderna, Rorty admite de bom grado que não sabe como defender suas próprias posições ou opor-se às ideias de seus oponentes. Em vez disso, diz ele: "receio que tudo o que os dois lados podem fazer é reafirmar sua perspectiva repetidas vezes, contexto após contexto. (...) A controvérsia [entre minha visão e as outras] (...) é radical demais para que se permita ser julgada de algum ponto de vista neutro".92

Isso soa para mim como um grito de desespero. Significa que o fator determinante do que as pessoas vêm a crer ou o que de fato as leva a mudar de ideia é alguma forma de poder cultural – retórica, ou carisma, ou coação enérgica de metanarrativas, ou cosmovisões por aqueles com poder físico ou político. O poder – de vários tipos, lembre-se, não apenas político ou físico – determina o que é certo. Certamente a Filosofia, a Teologia e a Política não chegaram a tão baixo denominador comum. Qual é a diferença, portanto, entre a democracia liberal de Rorty produzida por um reino de retórica e o socialismo de Vladimir Lenin, incitado por um reino de terror? Se a filosofia de Rorty começar a reinar nos corações de parte significativa de nossa cultura, é possível que só nos reste depender da graça comum de Deus para evitar a tirania desses "poetas fortes", que podem nos fazer falar da maneira como desejam que falemos.

Há pelo menos uma forma de budismo que inclui essas duas noções fundamentais: (1) a realidade irrevogável não é apenas inexprimível, mas

incognoscível, e (2) a não violência é o princípio ético irrevogável. Se (1) for verdadeiro, então a ética não tem fundamento, exceto na imaginação humana, que por si mesma não tem fundamento ontológico. Em suma, se (1) for verdadeiro, (2) não tem base sólida. Por outro lado, se (2) for verdadeiro, (1) é falso; a realidade irrevogável não tem conteúdo intelectual. Até onde posso afirmar, tanto (1) quanto (2) caracterizam algumas formas de budismo em seu nível mais sofisticado.93

Seguindo o princípio pós-moderno de Rorty, no entanto, não se pode nem se precisa ter uma cosmovisão consistente. Basta apenas uma narrativa que funcione por tempo suficiente para manter os seres humanos vivos o bastante para que continuem a se propagar. À essa altura na cultura ocidental, a evolução e o relativismo ainda têm valor de sobrevivência. Mas quem dirá por quanto tempo!

Naturalmente, outros compromissos fundamentais também impedem que se "ouça" a defesa da fé cristã. O filósofo Roy Clouser nos dá dois exemplos de um compromisso com um secularismo totalmente puro: "Um aluno universitário certa vez me disse: 'Mostre-me que qualquer convicção que tenho é religiosa e eu a abandonarei imediatamente'. E um colega comentou certa vez que a única maneira pela qual a religião deve ser ensinada é 'com grande hostilidade'".94

Richard Lewontin, zoólogo de Harvard, mostra um compromisso semelhante com o materialismo, que Victor Reppert caracteriza como "uma forma científica de fideísmo":

Nossa boa vontade em aceitar alegações científicas que contradizem o senso comum é a chave para um entendimento da verdadeira batalha entre a ciência e o sobrenatural. Tomamos o partido da ciência apesar do absurdo patente de alguns de seus construtos, ou de seu fracasso em cumprir muitas de suas extravagantes promessas de saúde e vida, a despeito da tolerância da comunidade científica com histórias sem fundamento bem apresentadas porque temos um compromisso prévio, um compromisso com o materialismo. Não é que os métodos e instituições da ciência nos incitem de alguma forma a aceitar uma explicação material do mundo dos fenômenos, mas que, pelo contrário, somos forçados por nossa anuência a priori a causas materiais a criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzam explicações materiais, por mais

contraintuitivas que sejam, por mais ilusórias aos não iniciados. Além disso, o materialismo é absoluto, pois não podemos permitir um Pé Divino na porta. Lewis Beck, renomado estudioso de Kant, costumava dizer que qualquer pessoa que pode acreditar em Deus, pode acreditar em qualquer coisa. Recorrer a uma divindade onipotente é permitir que, a qualquer momento, pode haver ruptura nas regularidades da natureza, que milagres podem acontecer.95

Tente conseguir que uma pessoa tão profundamente comprometida sequer considere a possibilidade de que exista qualquer elemento sobrenatural a respeito da realidade!

Os cristãos simplesmente precisam reconhecer que os argumentos cristãos racionais por si mesmos não persuadirão. Talvez isso seja bom. Pelo menos impede os cristãos de reivindicar o poder e a autoridade que são do Espírito Santo.

O coração quer o que quer

Cegueira moral

A cegueira moral disputa com as cosmovisões pelo orgulho do posto de razão mais prevalente para o fracasso dos bons argumentos de persuasão. Se o fator da cosmovisão atinge o centro de nossos compromissos pré-teóricos, mas ainda assim intelectuais, a cegueira moral atinge o centro de nossa rebelião humana contra Deus. Às vezes, é claro, tanto a mente quanto o coração humano nos farão de tolos e patifes. Vejamos como somos muitas vezes enganados por nosso coração egoísta.

O princípio da cegueira moral

As alegações cristãs da verdade costumam implicar obrigação moral. Como seres humanos comuns, não queremos ser moralmente obrigados e, portanto, rejeitamos as ideias que nos obrigam.

Veja, por exemplo, uma contundente declaração de Jesus. Na noite em que foi preso, Jesus disse aos seus discípulos: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida;

ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Essa afirmação, surpreendente para muitos hoje, irrita os incrédulos por pelo menos duas razões.

A primeira delas, se for verdadeira, não se trata apenas de uma verdade a respeito do próprio Jesus; é uma verdade que diz respeito a nós e ao nosso futuro eterno. Significa que somente “por meio de Jesus” teremos vida eterna com Deus. Ou seja, devemos prestar atenção ao que ele exige de nós, não importa o que seja. Quando damos ouvidos a ele, logo aprendemos que ele deseja submissão tão completa que precisaremos reordenar radicalmente nossa vida. Devemos estar dispostos a mudar a forma como vivemos hoje se desejamos estar com ele depois da nossa morte. A alternativa é a morte eterna – separação eterna de tudo o que faz a vida valer a pena.

Segundo, a declaração de Jesus contradiz a ideia atual de que todos têm direito à sua própria religião, que as pessoas devem ser capazes de escolher no que acreditar a respeito de Deus e da salvação. A reivindicação cristã aqui é exclusiva demais. Em linguagem moderna, devemos ser tolerantes, e isso significa que não devemos alegar que qualquer ponto de vista religioso seja falso, mesmo que contradiga nossa própria visão, aquela que cremos ser verdadeira. As verdades religiosas são relativas a cada pessoa, sociedade, cultura e época específica.

Se afirmamos que Jesus é o único caminho para Deus, estamos ferindo sentimentos de outras pessoas ou, quem sabe, até mesmo oprimindo-as. Devemos abandonar a exclusividade da nossa fé, ou no mínimo, guardar conosco a nossa opinião. Obviamente, não podemos fazer isso e ser seguidores de nosso Senhor. Já vimos como o pré-compromisso com o relativismo é uma obstrução ao argumento racional eficaz. Aqui examinaremos como as alegações de exclusividade do cristianismo mostram-se um problema moral.

Certamente não é de se estranhar que as pessoas considerem as palavras de Jesus excessivamente exigentes. Sua verdade choca-se com nossa natureza egoísta. Não queremos que a verdade seja verdade, então a rejeitamos. Consequentemente, a verdade que rejeitamos nos parece falsa e podemos até vir a odiá-la. Muitas pessoas odeiam a verdade de João 14.6.

Há muito tempo, Agostinho reconheceu a profunda perversão psicológica/moral/intelectual envolvida em passar a odiar a verdade. “Por que a verdade evoca o ódio?”, ele perguntou. Então respondeu:

Simplesmente porque a verdade é amada de tal forma que aqueles que amam alguma outra coisa desejam que esta seja a verdade, e precisamente porque não desejam ser enganados, não estão dispostos a ser convencidos de que, de fato, estão sendo enganados. Desse modo, odeiam a verdade em nome dessa outra coisa que amam, porque a aceitam como verdade. Amam a verdade quando ela os ilumina, odeiam-na quando ela os acusa.96

Uma fascinante ilustração desse fenômeno ocorreu no início de 2003:

Durante a invasão do Iraque, o Ministro de Informação iraquiano aparecia diariamente diante de um mar de microfones para repetir diversas vezes: “Não há americanos infiéis em Bagdá! Nunca!” Isso enquanto soldados americanos tomavam edifícios do governo a poucos quarteirões de distância. Ao presumir isso, o ministro não estava simplesmente mentindo, ele estava sendo totalmente, inabalavelmente, consistente diante de evidências contrárias.97

A questão é que a verdade pode estar diante do nosso nariz, e nós – mesmo desejosos de conhecê-la – podemos não apenas rejeitá-la, mas também vir a odiá-la. John Stackhouse nos oferece outro exemplo da barreira moral:

Woody Allen (...) expôs-se à ira pública quando começou um relacionamento romântico com sua filha adotiva. Em face da crítica implacável à sua conduta, pois ela violava o senso de moralidade da maioria dos norte-americanos, ele declarou as conhecidas palavras: “O coração quer o que quer”. 98

Ao longo de seu ministério e especialmente perto do final, Jesus sentiu o peso daqueles que alegavam estar buscando a verdade, mas em vez disso buscavam justificar suas próprias convicções e ações.

Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo, vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas [diversas curas, por exemplo]?. (...) Jesus lhes respondeu: Eu vos farei uma pergunta; respondei-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei! E eles discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele? Se, porém, dissermos: dos homens, é de temer o povo. Porque todos consideravam a João como profeta. Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E Jesus, por sua vez, lhes disse: Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas (Mc 11.27-33).

Antes de dizer às autoridades qual era a verdade, Jesus fez com que revelassem se a buscavam com seriedade. O princípio é claro: no longo prazo, somente aqueles que agem conforme a verdade que ouvem é que "ouvirão" a verdade. Honestidade ou integridade é um pré-requisito para conhecer.

Observe a que profundidade da psique e da mente mergulham as consequências morais. Paulo afirma que quando os que conhecem a verdade a reprimem, não apenas sua mente insensível é obscurecida, mas também seu caráter moral é destruído (Rm 1.18-32). Rejeitar a verdade traz resultados horrendos.

Um alerta

No entanto, há um problema com esta explicação. Se alguém rejeita – ou não é convencido por – determinado argumento, podemos ficar tentados a atribuir essa rejeição à cegueira moral intencional. Isso nos isenta da responsabilidade. Meu argumento é bom, digo a mim mesmo; meu interlocutor é que não é.

Mas antes de chegarmos a essa conclusão, devemos fazer uma pausa. Talvez nosso argumento seja falho. Talvez o uso que fazemos dele seja inapropriado. Talvez haja uma razão válida para que o argumento não seja persuasivo. Talvez o

amigo que não foi convencido já tenha ouvido alegações exclusivistas antes. E aqueles que foram atraídos a seitas hereges? Algumas pessoas têm cicatrizes psicológicas por terem acreditado em suas alegações exclusivistas. Os que se afastaram de seitas abusivas costumam estar nessa posição. O swami os enganou; talvez Jesus faça o mesmo.

Além disso, Jesus não fez essa afirmação específica e ousadamente exclusivista de João 14.6 a qualquer pessoa que já não fosse crente. Mesmo Judas não estava presente quando essas palavras foram ditas na Última Ceia. Quando Jesus fazia suas declarações celestiais a respeito de si mesmo em público, elas eram acompanhadas por uma demonstração direta de seu caráter divino, muitas vezes a cura física ou a expulsão de demônios.99

No mundo de hoje, uma justificativa racional para acreditar que Jesus é o único caminho para Deus incluirá muito mais do que a afirmação do próprio Jesus. Seria questionável especificar quantas provas e quantos argumentos são suficientes para justificar a alegação. Como saber? Tudo o que se pode fazer é o melhor possível com o que se sabe e o que se pode vir a saber por meio da oração e de um estudo mais aprofundado dos Evangelhos.

Devemos guardar conosco a conclusão de que qualquer pessoa que se recuse a aceitar nossos argumentos é moralmente culpável. Acusar alguém dessa falta – mesmo que seja verdade – pode facilmente ser contraproducente. Deve ser feito com muito cuidado e somente após muita oração.

Todavia, tal desafio funcionou pelo menos uma vez. Certa vez, em uma conferência estudantil no norte da Califórnia, falei sobre o relacionamento próximo entre a crença e a obediência com base na exposição de João 7–8. Um dos alunos presentes percebeu que um de seus amigos não percebia essa relação, especificamente. Assim, quando retornou ao campus da Chico State University, ele encontrou-se com seu amigo e lhe apresentou o argumento com base em João. O argumento funcionou e seu amigo passou de um reconhecimento intelectual de que Jesus era Senhor para uma aceitação ativa e uma nova vida em Cristo.

Mesmo assim, nossa busca por explicações não racionais para o fracasso de nossos argumentos de persuasão precisa ser conduzida com muito cuidado. Nancy Pearcey relata que após sua conversão, ela foi assaltada por dúvidas provocadas por seu estudo de Sociologia. Ela conta:

Busquei conselho de um dos líderes [do grupo cristão do campus], pedindo desesperadamente por algumas ferramentas intelectuais para a defesa da ideia de que existe uma verdade genuína, objetiva. (...) Sua resposta foi desviar a conversa do terreno intelectual para o espiritual: “Nancy, parece que você está tendo problemas com a certeza da salvação”.100

Ele estava errado. Ele precisava oferecer uma resposta sincera a uma pergunta honesta. Não fez isso; talvez não tivesse condições de fazê-lo. Os cristãos precisam de grande sensibilidade para com a pessoa que faz uma pergunta. Uma resposta como: “Por que você está perguntando?” teria revelado que a questão era intelectual e precisava de uma resposta intelectual. Se o líder estudantil se julgava incapaz de abordar tal questão, poderia ter dito a Pearcey que não conseguiria respondê-la e então ajudá-la a encontrar outra pessoa que pudesse fazê-lo.

Como responder à cegueira moral?

Com a cautela devida, no entanto, há formas de se responder às evidências de cegueira moral. Em primeiro lugar, devemos reconhecer a falta de sinceridade em quem faz a pergunta. Ao final de minhas palestras, geralmente alguém se levanta e faz o que chamo de pergunta do tipo vamos-ver-se-surpreendo-o-orador-e-mostro-a-todos-que-sou-mais esperto. O evangelista da InterVarsity Mark Slaughter chama essas perguntas de “pasmar o pateta”. Acontecem com tanta frequência a oradores cristãos que é razoavelmente fácil detectá-las, particularmente pelo tom de voz usado para expressá-las. Aqui estão algumas delas.

“Você diz que Deus é onipotente. Então, ele é capaz de criar uma pedra tão pesada que ele mesmo não consiga carregar?”

“Você diz que as histórias da Bíblia são verdadeiras. Então, onde Caim encontrou sua esposa?”

“Está me dizendo que todos os que discordam de você irão para o inferno?”

É claro que essas perguntas podem ser sinceras.101 Podem confundir as pessoas e de fato, confundem. Mas costumam ser lançadas apenas para atrapalhar ou servir de palco para o objetor.

A primeira forma de respondê-las é agindo como se o objetor fizesse uma pergunta sincera. Ouvi Francis Schaeffer responder dessa forma muitas vezes. Eu realmente me perguntava se ele sequer respondia de outra maneira. Alguém na plateia levantava uma objeção que, na superfície, tinha pouco mérito ou relevância para os temas em questão. Schaeffer, no entanto, tratava a pergunta como se fosse uma dúvida legítima. Suas respostas eram extremamente inteligentes. Ele não somente encontrava uma maneira de tornar a pergunta relevante como abria espaço para a defesa da fé cristã. Às vezes, a plateia trazia outra pergunta na sequência – tão desonesta quanto a primeira – e Schaeffer a tratava da mesma forma. O resultado era impressionante. Os ouvintes concluíam que Schaeffer era mais bondoso, gentil e honesto do que o questionador, e o próprio questionador concordava com isso (sim, geralmente era do sexo masculino). Dessa forma, o evangelho conseguia uma plateia mais atenta com a pergunta irrelevante do que sem ela.

A única vez em que vi essa abordagem falhar foi em uma entrevista de Schaeffer a Irv Kupcinet feita na TV, em Chicago. Depois de uma ou duas perguntas relevantes respondidas com comentários de Schaeffer, Kupcinet provocou: “Mas você acredita no Adão e na Eva históricos, certo?”. A pergunta surgiu do nada e não tinha relevância alguma com qualquer tema que Schaeffer estivesse discutindo em suas palestras em Chicago, tampouco seu tema fora um tópico durante a entrevista. Havia sido cuidadosamente pensada para fazer com que Schaeffer parecesse tolo. E quando Schaeffer a recebeu como uma pergunta sincera e tentou respondê-la em apenas algumas frases, a manobra funcionou. Francamente, ao final da entrevista Schaeffer saiu parecendo um fundamentalista idiota, obtuso e estagnado. Mesmo assim, acho discutível afirmar que Schaeffer deveria ter apontado o blefe de Kupcinet dizendo algo do tipo: “Sim, mas o que isso tem a ver com o que estamos discutindo?”. Uma breve entrevista na TV é

um ambiente inerentemente hostil ao diálogo sério.

A segunda maneira de responder a perguntas é, na verdade, devolver uma pergunta. A resposta que você obtém muitas vezes revela não apenas se o questionador está buscando a verdade, mas também em que ponto de sua vida espiritual ele se encontra. Jesus era particularmente perito nesse método, como vimos no exemplo acima (p. 105) onde os inquiridores foram desonestos.

O filósofo J. Budziszewski defende firmemente que se dissipe as cortinas de fumaça das perguntas desonestas e autoenganadoras.

Quando confrontados com confusões morais como o relativismo, devemos distinguir entre as dificuldades intelectuais sinceras, por um lado, e as evasões e autoenganos do outro. (...) Quando não conseguimos reconhecer (...) cortinas de fumaça e supomos que são dificuldades sinceras, nossas excelentes respostas intelectuais apenas permitem que as pessoas a quem nos dirigimos tenham oportunidade de continuar fazendo jogos intelectuais.102

Budziszewski acredita, assim como eu, que a moralidade está tão arraigada na natureza humana que não podemos viver sem expressá-la em nossa conduta, seja de forma intencional ou não. Mesmo assim, suposições de relatividade moral aparecem regularmente em objeções à fé cristã. Budziszewski sugere contra-atacar uma pergunta desonesta com outra pergunta, e oferece um exemplo:

Um aluno certa vez perguntou: “A moralidade não é algo realmente relativo? Como sequer sabemos que matar alguém é errado?”. (...) Reconheci de imediato que se tratava de uma cortina de fumaça (...) então respondi: “Você tem alguma dúvida de que matar uma pessoa seja errado?” Meu aluno não esperava essa resposta. (...) Titubeando um pouco, ele respondeu: “Algumas pessoas talvez digam que foi correto matar”. Pressionei: “Sim, mas não estou perguntando sobre algumas pessoas. Estou perguntando diretamente a você. Você tem alguma dúvida genuína de que matar seja errado para todos?” Confrontado dessa maneira, ele cedeu e admitiu: “Não. Acho que não”. Tive, então, a chance de dizer: “Então me diga algo sobre o que você tenha uma dúvida”. Para esse aluno,

foi como a hora da verdade.103

A hora da verdade

Não há nada mais importante no testemunho cristão do que conduzir uma pessoa à sua própria hora da verdade. Isso acontece de diversas maneiras.

Primeiramente, a pessoa com quem você está falando pode repentinamente perceber o que não tinha percebido antes e ser levada a depositar sua fé em Jesus Cristo. Este, obviamente, é o principal objetivo do testemunho cristão entre incrédulos.

Em segundo lugar, a hora da verdade de uma pessoa talvez seja o reconhecimento de que ela tem brincado com o fogo, e as questões que a impediram de seguir a Cristo nada são além de um disfarce para a autojustificação. Ela pode entender que precisa encarar com seriedade suas convicções religiosas e sua conduta. Implicitamente, saberá que "a honestidade é a melhor política". Sua hora da verdade exige que esteja vivendo conforme o que sabe que é certo. Ela pode então seguir em sua busca espiritual com uma mente aberta e um coração disposto.

Terceiro, a hora da verdade pode endurecer o coração. A verdade está aí, perante os céticos. Eles sabem disso; apenas recusam-se a seguir seu bom senso e trazem condenação sobre si mesmos. Como vimos, o apóstolo Paulo deixa isso claro em Romanos 1.18-22. Essa passagem pode ser terrível para um pecador encará-la com seriedade. Quando uma verdade central no evangelho é esclarecida, quando é compreendida pelo ouvinte e ainda assim, rejeitada, a hora da verdade ameaça uma consequência eterna.

O que seria necessário, podemos indagar, para que Richard Dawkins, um "ateu realizado" confesso, mude de ideia a respeito de Deus ou da evolução totalmente naturalista? Algum argumento abalará sua confiança? Sua relutância é apenas uma questão de compromisso intelectual com o naturalismo? Ou há algo mais profundo? A cegueira moral também está envolvida? Se ele – o arquidefensor do neodarwinismo – mudasse de ideia a respeito da evolução naturalista, não

arriscaria seu status entre os colegas cientistas? Podemos imaginar a reação da comunidade acadêmica se ele se viesse a crer em Cristo? Não seria necessário algo mais do que um mero argumento, mesmo que fundamentado nos padrões científicos aceitos por ele? Os cristãos que defendem o design inteligente, por exemplo, pedem-lhe que apenas leve em consideração os dados obtidos pelos métodos da ciência natural normal enquanto, simultaneamente, esteja aberto a uma explicação que inclua a noção do design. Eles estão recorrendo ao argumento da "melhor explicação" – ou seja, o argumento que melhor explica os fenômenos que todos reconhecem que existem.

Quando faço essas perguntas aos colegas cristãos que defendem a fé cristã no contexto acadêmico, eles tendem a concordar. Um deles afirmou: "Seria necessário uma crise pessoal". Quando as raízes do compromisso de uma pessoa atingem profundamente o coração, uma mudança da mente teórica inclui uma mudança de coração nada menor do que a conversão. Esse tipo de mudança não acontece sem que as próprias raízes do ser humano sejam atingidas. Quer dizer que devemos ignorar a relutância? De modo algum. Ela somente significa que devemos continuar a fazer nosso melhor para apresentarmos uma boa defesa da fé cristã e orar para que, de alguma forma, seja por qual meio for, Deus transforme essa boa defesa em uma defesa persuasiva.

Como testemunhas cristãs, nada podemos fazer para obrigar a aceitação da verdade. A forma como os incrédulos passam a crer é algo que depende somente deles e do Espírito Santo. No entanto, podemos orar, devemos orar e de fato oramos para que a hora da verdade conduza a Jesus como Senhor e Salvador.

BONS ARGUMENTOS QUE FUNCIONAM



Analisamos argumentos que fracassam porque são falhos e argumentos que são bons, mas muitas vezes não conseguem persuadir. Agora nos voltamos a um lado mais positivo e examinamos alguns argumentos mais extensos que realmente funcionam.

Primeiramente, no entanto, devemos observar que os contextos de nosso testemunho variam bastante. De um lado, estão as muitas oportunidades que temos de falar sobre nossa fé a amigos e conhecidos. Temos diálogos um-a-um em mesas do Starbucks, conversas casuais com companheiros de viagem em ônibus ou aviões, discussões prolongadas com membros do mesmo clube, até salas de bate-papo na Internet. Começamos onde for possível. Se estivermos discutindo qualquer tema que não seja a previsão do tempo, provavelmente haverá uma oportunidade de levantar temas que conduzirão a conversa a questões espirituais.

Em segundo lugar, são frequentes as oportunidades para falarmos de nossa fé em fóruns públicos ou semipúblicos. Os cristãos em universidades seculares, por exemplo, envolvem-se automaticamente em discussões espontâneas entre pequenos grupos. São excelentes oportunidades para que os alunos afiem suas habilidades dialógicas e aprendam o que atrai a atenção para o evangelho, o que fracassa, o que ofende, o que funciona. Almoços com colegas e pausas para o cafezinho no trabalho também servem de oportunidades para conversas espirituais. Essas podem ser estendidas posteriormente em diálogos individuais.

Finalmente, alguns cristãos são chamados para testemunhar em arenas públicas. Desde meu tempo de universitário, quando comecei a ensinar composição de textos, tenho buscado oportunidades para apresentar a defesa da fé cristã em fóruns públicos. Minhas primeiras tentativas fracassaram, seja porque poucos compareceram a minhas palestras patrocinadas pelos grupos locais da InterVarsity Christian Fellowship ou porque, se o fizeram – bem, não sei por quê! Parece que foi somente em 1976, com a publicação de The Universe Next Door, livro que escrevi para cristãos, que começaram a prestar atenção ao que eu estava dizendo. O livro atraiu mais do que leitores cristãos e tem sido instrumental para conduzir as pessoas à fé em Cristo. De 1977 até o presente, já ministrei centenas de palestras sobre a fé cristã. Os capítulos anteriores baseiam-se nessa experiência.

Nos capítulos seguintes examinaremos dois exemplos de apresentações públicas do evangelho bastante eficazes – uma do apóstolo Paulo e uma de meu próprio ministério. Creio que ambas nos trarão ideias e modelos que são transferíveis a qualquer testemunho cristão eficaz – público ou privado, a indivíduos ou grupos. Uma testemunha cristã jamais deve deixar de aprender, seja pela prática ou pelo estudo. O último capítulo é uma bibliografia comentada para o aprofundamento nos estudos.

Estou vendo que você é muito religioso

Paulo em Atenas

O capítulo 17 do livro de Atos contém um dos relatos mais úteis de toda a Bíblia para o testemunho ao mundo intelectual. Vemos o incomparável apóstolo envolvendo diretamente as melhores mentes não cristãs de sua época. Não temos um registro detalhado da forma como lhe responderam, mas com base na história intelectual grega, podemos imaginar a reação. Todo o episódio é instrutivo para nosso testemunho, seja privado ou público.

O tempo de Paulo em Atenas

Começamos com o próprio contexto. Paulo havia enfrentado oposição severa nas duas cidades que visitara antes. Em Tessalônica, a comunidade judaica se revoltou quando Paulo se referiu a Jesus como o Messias prometido pelas Escrituras, declarando que ele havia ressurgido dentre os mortos. Jasom, o anfitrião de Paulo, foi atacado e arrastado perante os magistrados. Por isso, os irmãos enviaram Paulo e seu ajudante Silas para a costa da Bereia. Ali, os judeus foram mais receptivos, e, juntamente com homens e mulheres da elite grega, receberam a palavra. Mesmo assim, os judeus de Tessalônica seguiram Paulo a Bereia, causando tanto alvoroço que os crentes levaram Paulo a Atenas e retornaram com instruções de enviar os companheiros de Paulo, Timóteo e Silas, o mais depressa possível.

Atenas não vivia mais o auge de sua glória. Os dias de Sócrates, Platão e Aristóteles pertenciam a um passado distante. Ainda assim, era uma cidade comercial de destaque e – mais importante – o centro da filosofia grega. O ministério de Paulo em Atenas repetia o padrão praticado por ele muitas vezes antes. Ele ia à sinagoga para apresentar Jesus como o Messias judeu e ao mercado para falar aos gregos comuns, envolvidos na agitação de sua atividade comercial. Ali, Paulo atraiu a atenção não apenas da população em geral, mas também dos filósofos e oradores. Estes lhe pediram que apresentasse seu ponto de vista de maneira mais formal ao conselho do Areópago, pois entendiam haver dois novos deuses: Jesus e Anistasis ("a ressurreição"). Se o pedido seguisse o costume, Paulo teria um dia para preparar, memorizar e apresentar um discurso. Como afirma Eckhard J. Schnabel, é possível que "o discurso registrado por Lucas em Atos 17.22-31 seja o resumo de um texto escrito".104 De qualquer maneira, não se trata apenas de um resumo do ensino costumeiro de Paulo, mas um discurso preparado para uma plateia específica, a elite culta de Atenas.

O discurso em Atos 17 é um golpe de mestre de narrativa e argumento. Meticulosamente organizada, recheada de detalhes e rica em implicações, essa passagem resiste a uma análise minuciosa. Uma forma de expor suas riquezas é explicar sua estrutura à medida que analisarmos seu conteúdo. O esboço a seguir pode ser lido de duas maneiras: primeiro, pela leitura do texto regular apenas, ignorando o esboço em itálico; segundo, lendo o que está em itálico, que indica a estrutura argumentativa.

Texto e estrutura: Atos 17.16-34

Contexto do argumento

16 Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade.

1. Sinagoga com judeus

17 Por isso, dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos;

2. Praça com a população em geral (gregos)

também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali.

3. Filósofos – epicureus e estoicos

18 E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele,

Reação dos filósofos

1. Tagarela

havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela?

2. Pregador de estranhos deuses

E outros: Parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição.

Novo contexto – A “universidade”

19 Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? 20 Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber o que vem a ser isso. 21 Pois todos os de

Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades.

O argumento

1. Ponto de contato – curiosidade religiosa

22 Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; 23 porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao Deus Desconhecido.

2. Solução para a curiosidade deles

Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio.

a. A natureza do verdadeiro Deus (desconhecido para eles)

24 O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. 25 Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais;

b. A natureza dos seres humanos

(1) Universalidade da natureza humana criada

26 de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra,

(2) Limites da história humana planejados e determinados por Deus

havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação;

(3) Propósito dos seres humanos planejado e determinado por Deus

27 para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós;

(4) Relacionamento entrelaçado entre Deus e os seres humanos, como já compreendido pelos poetas gregos

28 pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.

c. Implicações de b(1) para a natureza de Deus

29 Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem.

d. O que Deus espera dos seres humanos hoje – arrependimento à luz do juízo

30 (...) não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; 31 porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça,

e. O Jesus ressurreto como garantia para fé nesse Deus singular

por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

Resposta ao argumento

32 Quando ouviram falar de ressurreição de mortos,

1. Uns escarneceram.

uns escarneceram,

2. Alguns estavam dispostos a ouvir mais.

e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião.

3. Alguns creram.

33 A essa altura, Paulo se retirou do meio deles. 34 Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais.

Razão e retórica

O discurso de Paulo aos filósofos atenienses é uma combinação magistral de razão e retórica. Ele tinha uma mensagem a transmitir – um sistema complexo de pensamento religioso e filosófico que, em sua essência, era estranho a seus perspicazes ouvintes. Paulo sabia que sua plateia estava ao mesmo tempo curiosa a respeito das novas ideias que ouvia, porém também estava perplexa.105 Alguns acreditavam que ele fosse outro "tagarela", literalmente um "selecionador de sementes", um aspirante a filósofo além de sua capacidade, um estrangeiro maluco que acreditava que poderia impressionar a intelligentsia.* Além disso, aparentemente, eles pensaram que Paulo estava promovendo dois deuses – Jesus e Anistasis (A Ressurreição). Paulo, portanto, teve sua tarefa determinada. Como ele procederia? Seu raciocínio precisaria ser envolto em retórica.

Por um lado, ele já tinha uma plateia. Seus comentários na praça haviam atraído muito interesse. Por outro lado, essa plateia era bastante hostil (não que, alguma vez, isso tenha sido empecilho para Paulo!), tanto pelo orgulho associado à posição de filósofos na gloriosa cidade grega, quanto devido aos compromissos já assumidos com visões que se opunham ao evangelho. Paulo, no entanto, já havia estudado a situação, e estava pronto para começar em terreno comum. Assim, primeiro ele os elogiou por seu interesse pelas questões religiosas. A deusa da cidade de Atenas, era, obviamente, Atena, mas a religião grega tinha uma infinidade de divindades de variada importância e estatura. E embora alguns dos filósofos fossem essencialmente ateus, todos eles reconheciam uma ou mais entidades ou princípios espirituais básicos. Paulo, portanto, disse: “Percebo que vocês não desejam deixar de reconhecer qualquer um dos deuses. Honram muitos deles e têm uma estátua até mesmo a um deus desconhecido”. Desse modo, tendo estabelecido um terreno comum, ele passou a explicar o Deus que, na realidade, eles não conheciam, o único e singular Deus Criador revelado na Bíblia. A tabela 10.1 mostra as comparações e os contrastes.

O que Paulo afirma desse ponto em diante deixa evidente que ele entendia não apenas que se dirigia a filósofos, mas que esses filósofos estavam comprometidos com sistemas diferentes. Os epicureus, seguindo seu fundador Epicuro (341–271 a.C.), pensavam que o objetivo da existência humana era a “boa vida”. Eles não eram hedonistas; não buscavam a total indulgência de suas paixões. Pelo contrário, desejavam a maior medida de felicidade que pudessem ter em um mundo onde é difícil encontrar qualquer felicidade. Por essa razão, advertiam contra a indulgência excessiva mesmo enquanto buscavam satisfação de seus desejos. Também eram naturalistas; isto é, acreditavam que a matéria é tudo o que existe no mundo e que a matéria em si é composta de átomos, minúsculas partículas de matéria. Sim, há seres celestiais, deuses, mas eles não têm qualquer interesse nas pessoas e podem ser ignorados com segurança. Além disso, esta vida é tudo o que existe; não há vida após a morte. Como diz E. M. Blaiklock, estudioso do Novo Testamento, os seres humanos deveriam “limitar vontades, desejos e aspirações a esta vida somente, se contentar com prazeres simples e isolar [a si mesmos] de todas as perturbações da vida pública, e da paixão ou ambição particular”.106

Os estoicos, por outro lado, como seguidores de Zenão (335–263 a.C.), enfatizavam a virtude de viver em harmonia com a Razão (Logos), considerada a única mente, ou o único princípio unificador do Universo. Sua maior ênfase estava na racionalidade humana e no valor da autossuficiência individual. O

suicídio era permitido. Afinal, o Logos ou Anima Mundi [alma do mundo] é impessoal e indiferente ao destino humano. Não há vida após a morte.

Tabela 10.1 Comparação de três cosmovisões antigas

Estoicismo: Panenteísmo	Epicurismo: Naturalismo P
Deus é a Mente, o Logos ou o princípio da Razão que sustenta toda a realidade.	Não há Deus como tal; há s
Deus/o Universo é autoexistente.	Os deuses/o Universo são a
Os seres humanos são uma expressão de Deus/do Universo.	Os seres humanos estão po
Os seres humanos são autossuficientes, mas devem alinhar-se com a Razão.	Os seres humanos vivem m
O anseio humano por significado é satisfeito pelo viver pela Razão.	A boa vida envolve isolar-s
A história não é uma categoria de muito interesse.	A história não é uma categ
Deus é imanente.	
A razão humana deve alinhar-se com o divino, isto é, com a própria Razão.	Os deuses não são relevant
Não há juízo divino.	Não há juízo divino.
Não há ressurreição. A morte é o fim da existência de cada pessoa.	Não há ressurreição. A mor

Vale observar que nem epicureus nem estoicos tinham qualquer lugar substancial para a pletora de deuses cujas estátuas enchiam os parques e avenidas de Atenas. No entanto, ambos adaptaram o aspecto espiritual de suas filosofias aos costumes comuns das cidades.

A crítica de Paulo aos ídolos (At 17.29) é uma clara acusação formal da piedade popular com a qual os filósofos estoicos e epicureus acomodavam suas convicções teóricas à religiosidade da população a fim de que as pessoas pudessem continuar a participar das atividades cúlticas das cidades.107

Paulo, ciente desses dois compromissos filosóficos básicos de seus ouvintes, queria deixar claro com quais desses compromissos ele concordava e a quais ele se opunha. A tabela 10.1 mostra os contrastes. Vários deles precisam ser explicados.

Talvez o aspecto mais interessante seja o uso que Paulo faz de frases de dois poetas gregos, os estoicos Arato de Solos e Cleantes de Assos (v. 28-29), cuja obra ele usa para preencher a lacuna entre os conceitos estoicos e os conceitos bíblicos de realidade fundamental. Vista em seu próprio contexto natural, a primeira linha (“nele vivemos, e nos movemos, e existimos”) afirma a noção estoica da imanência de Deus (ou Deus como Logos, a “mente do Universo” do qual é uma parte). A segunda linha (“Porque dele também somos geração”) associa os seres humanos (que são racionais) ao Logos (a própria Razão). Nenhuma das visões é totalmente cristã, no entanto, porque para os estoicos, a Razão não era tanto um criador ex nihilo [a partir do nada], mas sim a substrutura final ou a emanadora de toda a realidade. Paulo estava distorcendo a poesia como o apóstolo Pedro acusava os hereges de fazê-lo? Ou estava apontando para a genuína (embora um tanto distorcida) percepção da filosofia estoica? Em qualquer um dos casos, ele não citou de algum texto epicureu; isso pode sugerir que eram esses os que zombavam, enquanto os estoicos estavam entre os que queriam ouvir mais posteriormente.

Blaiklock explica desta forma:

Para conquistar uma base de acordo, Paulo não enfatiza a personalidade de Deus. “Não devemos pensar”, diz ele, “que a natureza divina (ou divindade, no abstrato) é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra (...)”. O estoicismo era panteísta [eu chamaria de panenteísta]; a multidão que ouvia era politeísta. Paulo começa com a plataforma mais simples, comum a ambos: há algo divino, que os religiosos se esforçam para agradar, e alguns filósofos se esforçam para compreender.108

Em seus comentários finais, contudo, Paulo não evitou confrontar a visão grega (tanto estoica quanto epicurista) de que a existência de Deus não faz diferença alguma à vida humana e suas consequências. Deus é o juiz dos vivos e dos mortos. O arrependimento é o único caminho que conduz a uma vida boa hoje e eternamente. Paulo também não recuou do principal evento que demonstra a preocupação de Deus tanto pelos pecados dos seres humanos quanto por sua salvação. O juízo vem por meio daquele que morreu e ressurgiu, o Filho único de Deus, que personifica em si mesmo a ressurreição, não como se A Ressurreição fosse outro deus, mas ressurgindo ele mesmo dos mortos. O único Deus de fato é aquele que veio em forma humana, ministrou, morreu e viveu novamente. Ele não é apenas Juiz, mas também Salvador.

Era a ressurreição o grande obstáculo. O subtexto em praticamente todo pensamento grego comum é a distinção radical entre matéria e espírito (gnosticismo), matéria e forma (Platão). Nenhum deus poderia participar em matéria e ainda ser divino. Um deus pode assumir a forma humana, mas apenas temporariamente. No entanto, um deus jamais poderia conservar a forma humana material e permanecer plenamente divino, ou, nesse caso, plenamente bom. Além disso, como diz Schnabel, “A noção da vida pós-morte era estranha tanto a epicureus quanto a estoicos, que acreditavam que a ‘arte de morrer’ significava ensinar as pessoas a aceitar sua mortalidade”.109 Sem uma mudança radical de mente e coração em um nível fundamental, um “grego” não poderia se tornar um seguidor de Jesus.

Esse, na verdade, é o problema enfrentado por toda testemunha cristã: a transformação de coração e mente é algo absolutamente alheio ao controle do apologista. Surpreendente é que as pessoas de fato mudam de ideia. Embora

nenhuma igreja parece ter sido formada em Atenas, alguns se converteram, e entre os convertidos estavam uma mulher e um membro do próprio Areópago, um fórum público, algo semelhante à uma universidade que tratava de questões como “divindades estranhas”.110

Um modelo para os dias de hoje

O relato do período de Paulo em Atenas está repleto de sugestões para uma testemunha moderna, especialmente aquela voltada para o mundo intelectual. É fácil reuni-las em uma lista.

Os contextos social e intelectual para a apologética

Onde quer que estejamos, podemos encontrar um local pronto para nosso testemunho: o comércio, o escritório, nosso bairro.

Podemos esperar ser mal interpretados – são poucos, mesmo nos chamados países cristãos, os que conseguem discernir o significado de nossas palavras sobre Deus.

Devemos reconhecer os pressupostos de fundo daqueles que encontramos – seu materialismo, sua espiritualidade Nova Era, seu compromisso com o islamismo ou com o pensamento oriental, e principalmente, seu deísmo difuso (a noção de que, embora exista um Deus Criador do Universo, ele pode ser em grande parte ignorado), ou teísmo difuso (Deus é bom para se ter por perto em momentos de dificuldade).

Podemos tirar proveito de nossa sociedade aberta. Temos orgulho de nossa liberdade de expressão. Quer fossem gregos ou não, os moradores de Atenas “não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades” (v. 21). A frase remete a conversas durante um café no Starbucks, ao conteúdo dos programas de

entrevistas no rádio ou na TV, ou ao almoço com colegas de trabalho. É algo particularmente característico de nossas universidades. Em uma cultura que perdeu seu caráter cristão, o entendimento bíblico genuíno de Jesus Cristo é completamente novo!

Os elos entre cristianismo e cultura

Podemos encontrar os elos que associam a mensagem cristã aos interesses da nossa cultura. As pessoas hoje ainda são “muito religiosas”, a maioria acredita em algum tipo de deus e presta culto intermitente sempre que as dificuldades surgem.

Naturalmente, devemos avaliar corretamente o contexto. Nem todas as sociedades são religiosas – e ao que parece, elas tampouco são comprometidas com a razão como uma alternativa. No ano de 1991, conheci Dan Clendenin, um filósofo que, à época, ensinava estudos cristãos no Departamento de Ateísmo da Moscow State University. Ele me disse que a consciência religiosa entre os universitários havia sido praticamente extinta pelo marxismo. Clendenin via muito pouco da fome espiritual que, supostamente, caracterizaria a Rússia pós-totalitária. Os alunos estavam lendo o livro Mere Christianity [Cristianismo puro e simples], de C. S. Lewis, mas os argumentos, dizia ele, não os tocavam. Na Rússia, era aceitável ser não religioso, porém não um ateu. Para esses alunos, o ateísmo significava a ideologia do partido comunista. Por outro lado, poucos tinham um interesse existencial na religião. Certa pessoa afirmou: “Meus pais realmente acreditaram no comunismo, no socialismo, em Lênin. Posso dizer com toda a franqueza que nós não acreditamos em nada”.111

Clendenin também observou muito do ceticismo histórico. Alguns de seus alunos não acreditavam que Jesus sequer havia existido, tampouco estavam certos a respeito de Platão. Acreditavam em Napoleão, no entanto. Os russos não precisam ser totalmente lógicos, disse ele. Os argumentos de C. S. Lewis lhes pareciam “racionais demais”. Clendenin pensava que, para os russos, a crença de um tipo religioso poderia muito bem vir sem justificação racional.

O apóstolo Paulo, do mesmo modo, conhecia sua plateia. Seus ouvintes tinham

interesse em temas religiosos e grande consideração pela racionalidade. Nós também devemos nos preparar de antemão seguindo os exemplos do apóstolo Paulo e do professor Clendenin. Aqueles que desejam impactar adolescentes e universitários podem consultar Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers, de Smith e Denton.112

Podemos padecer para explicar os trechos do evangelho que parecem "estranhos" – por exemplo, a ideia de um Deus ao mesmo tempo justo e amoroso, a necessidade do sacrifício de Jesus e a noção da graça.

No nível popular, podemos usar romances e poesias, ilustrações de filmes e programas de TV. Arato de Solis e Cleantes de Assos não serão conhecidos, mas J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis, Mel Gibson e Madre Teresa, sim.

Nos campi universitários há uma riqueza de material disponível. Cada campo acadêmico tem ideias comuns à cosmovisão cristã. Elas podem ser usadas para demonstrar que o cristianismo não está completamente fora do jogo no campo intelectual. Por exemplo:

Os cristãos querem conhecer a verdade. Apreciamos a pesquisa e o ensino.

Respeitamos as descobertas da ciência e estamos engajados em seu estudo.

Cremos que todas as pessoas podem ter conhecimento, mesmo os pós-modernos.

Cremos que não podemos saber todas as coisas, assim como os modernos.

Reconhecemos o valor da vida humana e do meio-ambiente.

Valorizamos o intelecto humano.

Rejeitamos a fé cega.

Preocupamo-nos com o nosso futuro, bem como o de nossa família.

O conteúdo do evangelho

1. Precisamos ter uma ideia clara dos ensinamentos centrais do evangelho. Paulo incluiu todos eles: a natureza de Deus como o único Criador pessoal e transcendente; seu controle sobre a história de sua criação; a natureza universal dos seres humanos como responsáveis perante Deus e que, apesar de seu relacionamento rompido, foram criados para buscar e encontrar Deus; o juízo inevitável de Deus; a misericórdia demonstrada por Deus por meio da morte e da ressurreição de Jesus; e a necessidade do arrependimento para todas as pessoas, em todos os lugares.

Observe a ordem dessas noções fundamentais na apresentação de Paulo. Ele sabe que deve enfatizar o juízo divino sobre a humanidade pecadora, mas não aborda o tema em primeiro lugar. Paulo começou com questões que, embora fossem um desafio para seus ouvintes, seriam de mais fácil compreensão. Deixou para o final os obstáculos mais difíceis. Esse é nosso modelo. Da mesma forma, ele menciona Jesus e sua ressurreição somente após ter falado do juízo de Deus, pois Jesus não pode ser de fato compreendido à parte de seu papel essencial como nosso Salvador. Paulo distingue-se bastante dos notórios pregadores ao ar livre no campus que declamam passagens bíblicas condenatórias e apontam para os alunos e alunas que passam, chamando-os de devassos e meretrizes. Paulo não se dirigiu aos atenienses como pecadores apenas. E quando o fez, logo apontou para a misericórdia de Deus em Jesus Cristo.

A resposta ao nosso argumento

Em sua apresentação da fé, Paulo obviamente não obteve apenas os resultados que desejava. Primeiramente, houve zombaria. Não há como impedir que as pessoas riam do evangelho e zombem do apologista, e precisamos estar preparados para isso. Como mencionei anteriormente, em certa palestra sobre Lewis Thomas que ministrei na Universidade do Texas, uma mulher cristã

admitiu ser criacionista e um de seus professores passou imediatamente a ridicularizá-la. O custo pessoal de admitir que você crê em algo fora da limitada caixa do naturalismo pode ser alto.

Sempre haverá outros Richard Rortys, que tentam fazer com que o evangelho pareça tamanha tolice que nem vale a pena discutir.113 Ou pessoas como Daniel Dennet, que aconselha o aprisionamento das religiões quando estas violam sua noção do que constitui a dignidade humana. Assim como não deveríamos salvar os elefantes da extinção se isso significasse preservar a vida na África do século 19, declara Dennet, também não devemos salvar os batistas "se isso significa tolerar a desinformação de crianças a respeito do mundo natural [ciência da criação]".114 Há também os Richard Dawkins que, como observamos anteriormente, é autor de frases como esta: "É absolutamente seguro afirmar que se você conhecer alguém que declara não crer na evolução, essa pessoa é ignorante, imbecil ou insana (ou perversa, mas prefiro não considerar essa hipótese)".115

Em segundo lugar, em Atenas houve abertura para dar continuidade ao diálogo. Isso deve sempre ser visto como um sinal positivo. Com nossos amigos, vizinhos, colegas de trabalho, haverá outras oportunidades para explicar o evangelho, oportunidades nas quais poderemos construir sobre os fundamentos lançados anteriormente. Os adultos costumam levar muito tempo para mudar o curso de seu pensamento a ponto de se converterem genuinamente.

Terceiro, algumas pessoas de fato crerão, e será o momento de ajudá-las a crescer em sua fé através do louvor e do aprendizado na comunidade cristã.

O apóstolo Paulo na Universidade do Estado de Desespero

Uma forma de perceber a relevância do discurso de Paulo aos filósofos atenienses é imaginá-lo em uma possível versão do século 21. Digamos que um apologista (vamos chamá-lo de Daniel) chegue ao campus sem ter planejado fazê-lo. Lá está ele no saguão do dormitório da Universidade do Estado de Desespero, a capital intelectual de, digamos, Michigan. Foi esse contexto que um de meus colegas imaginou quando redigiu a paródia de Atos 17 que você lerá

a seguir.

Uma paráfrase para a universidade (At 17.22-31)

Homens e mulheres da universidade, vejo que vocês são muito religiosos em vários sentidos. Caminhando pela universidade, observei atentamente seus objetos de culto. Vi seu altar chamado estádio onde muitos de vocês depositam sua fé para a salvação da humanidade. Encontrei seu altar das artes, onde a expressão e a performance artísticas parecem reinar supremas sem subserviência a qualquer poder superior. Andei pelos dormitórios e observei seus cartazes com as deusas do sexo e suas pirâmides de latas de cerveja. No entanto, enquanto caminhava com alguns de vocês e percebia o vazio em seus olhos e a dor em seus corações, notei que ali havia outro altar, um altar ao Deus desconhecido que vocês desconfiam que exista. Vocês sentem que existe algo além desses deuses humanistas e autoindulgentes. O que vocês anseiam como desconhecido, eu quero lhes revelar nesse momento.

Esse Deus de quem falo é seu criador pessoal. Não é uma fabricação ou invenção humana. Não faz parte da criação; está acima dela. É maior e mais poderoso do que vocês jamais imaginaram. Esse Deus lhes concedeu a vida, e nela estabeleceu limites. O anseio pela eternidade presente em seus corações foi colocado ali por ele mesmo. Vocês podem tentar tatear à sua procura, mas ele já está intimamente envolvido na criação. É sua obra criativa em vocês, sua imagem, que os possibilita se envolver em atividades atléticas, experimentos científicos, expressão artística, e até o lazer e o prazer sexual.

Esse Deus, no entanto, está chamando vocês ao arrependimento. Vocês adoraram a própria criatividade em vez de reconhecê-lo como seu criador. Esqueceram-se do doador de seus dons. Rebelaram-se contra seu criador e seguiram seu próprio caminho de autoindulgência e culto a si próprios. Como resultado, perverteram os dons da vida e da criatividade. Abusaram de sua sexualidade através da indulgência negligente. Escolheram o caminho da futilidade e da morte. Deus os

convida a deixar de servir a esses falsos deuses para lhes dar vida, para que rendam glórias ao Deus vivo e verdadeiro, seu criador.

Deus enviou seu filho, Jesus Cristo, para salvar e julgar o mundo. O homem Jesus veio para endireitar as coisas, trazer justiça, nos chamar de volta como um alerta antes do juízo. Por meio de sua morte ele oferece um caminho de volta a Deus, para nos salvar da autodestruição. Por sua ressurreição, ele nos mostrou que veio com poder para salvar e julgar o mundo. Como resultado, esse Jesus tornou-se o ponto crucial da história, o tema central para nós hoje, pedra angular ou pedra de tropeço. Ele oferece reconciliação com o criador e somente ele pode concedê-la.**

Essa paráfrase, naturalmente, é uma versão um pouco expandida do texto de Atos. Sem dúvida, o discurso de Paulo foi consideravelmente mais longo do que o que lemos aqui. Como Paulo, esse orador começa com algo que seus ouvintes reconhecerão. Até mesmo alunos de cursos seculares reconhecerão que seu fervor pelos esportes, pelas artes e pelo prazer tem uma matriz religiosa. Também admitirão a dor em seus corações, embora não reconheçam sua origem.

É interessante que Daniel se dirija a estudantes universitários. Ele não faria o mesmo discurso a alunos da pós-graduação, professores ou pessoas da área administrativa. Nesse caso, ele poderia começar com a busca por conhecimento, reconhecimento acadêmico ou poder na política da universidade. No entanto, ele certamente também observaria o vazio em seus corações. E a solução para sua busca seria a mesma. Deus está no controle do Universo, portanto é responsável pelo que os pesquisadores científicos estão tentando entender e o que a universidade deveria estar tentando realizar. Jesus Cristo como Logos não é apenas o Criador do Universo, mas o Senhor de seu sentido e das instituições que buscam e divulgam esse sentido. E, é claro, ele é ao mesmo tempo Juiz e Salvador.

Tabela 10.2. Comparação entre três cosmovisões contemporâneas

Mente acadêmica

Naturalismo

Nenhum deus de qualquer tipo

O Universo é autoexistente ou “simplesmente existe”.

Os seres humanos são um produto casual da soma do impessoal e do tempo.

Cada pessoa é formada pela sociedade ou por uma combinação entre natureza, criação e desenvolvimento p

Não há Deus a quem buscar, mas muito pode se conhecer a respeito do Universo.

As pessoas podem ter um anseio por sentido, mas esse será satisfeito apenas pelo esforço humano.

A história é o que as pessoas fazem dela – seja em evento, seja em sentido.

Deus é o produto de nossa imaginação.

Todo julgamento moral é feito com base na determinação humana.

Não há ressurreição. A morte está ao final da existência de cada pessoa.

Três cosmovisões

Todo o contexto intelectual da fala de Daniel pode ser resumido distinguindo-se entre três cosmovisões básicas (veja a tabela 10.2).

Quando Daniel falar do juízo e da ressurreição, qual será a reação dos alunos? Ele não terá a mesma resposta recebida por Paulo? Alguns talvez fiquem inclinados a crer em Jesus, outros talvez continuem abertos, e ainda outros zombarão. Certas pessoas, é claro, jamais sequer ouviriam, mas, certamente não foi toda Atenas que ouviu Paulo.

Dan Denk, o verdadeiro autor da paráfrase, me conta que quando ele a compartilha, os olhos se iluminam; ela atrai a atenção dos alunos. Como acontece em minhas próprias palestras no campus, os cristãos locais fazem a investigação e os resultados finais raramente são conhecidos.

De uma coisa sabemos: a apologética mais eficaz precisará combinar razão e retórica de uma forma imaginativa. Há sempre espaço para a criatividade na defesa da fé. A paráfrase de Dan tem sido uma forma eficaz de dar seguimento à conversa. No próximo capítulo, descrevo uma de minhas próprias tentativas.

Notas

* O termo “intelligentsia” designa uma casta de intelectuais em contraste a um grupo mais simples (N. do R.).

** Essa paráfrase foi escrita por Daniel Denk, integrante da equipe da InterVarsity Christian Fellowship, e usada com permissão. Assim como outros membros da IVCF, ele a compartilhou várias vezes em palestras nas instalações universitárias.

Mas por que devo acreditar em algo?

O testemunho cristão

em um mundo pós-moderno

O apóstolo Paulo sabia que estava se dirigindo a uma plateia de intelectuais gregos. Combinou boas razões e retórica eficiente para moldar um testemunho crível que atingiu seu objetivo. Devemos tentar fazer o mesmo.

Hoje, é provável que nossa plateia seja formada por pessoas que veem com muito desagrado qualquer proclamação de verdade religiosa exclusiva. Se afirmamos que Jesus é o único caminho para Deus, corremos o risco de sermos tachados de intolerantes – exatamente o tipo de pessoa que ninguém deveria almejar ser. No capítulo 8 discutimos como responder a esse desafio em um ambiente privado. Mas como usar essa abordagem em um ambiente mais semelhante ao enfrentado por Paulo em Atenas – ou seja, a arena pública de uma universidade? A seguir, uma descrição de uma palestra/discussão que já conduzi mais de 200 vezes nos últimos 20 e poucos anos.

Alguns pressupostos de fundo

Os cristãos sabem algumas coisas que os incrédulos pós-modernos desconhecem: eles sabem que Deus é o Logos, o conhecedor onisciente de todas

as coisas. Sabem que os seres humanos foram criados à imagem de Deus. Sabem que as pessoas são, consequentemente, conhecedoras ocasionais de algumas coisas. A Bíblia como um todo presume que, apesar de sua condição caída, as pessoas podem saber muito a respeito de Deus. Jesus presumia que seus ouvintes – quer fossem seus seguidores ou seus opositores – poderiam argumentar. Certa vez, por exemplo, ele apresentou aos líderes religiosos cinco razões pelas quais seus contemporâneos deveriam saber que ele era o enviado especial de Deus (veja Jo 5.30-47).

O problema não é a incapacidade de argumentação dos pós-modernos. Eles argumentam todo o tempo tanto a respeito do que é corriqueiro (que camisa usar no banquete) quanto a respeito de tópicos extremamente importantes (com quem se casar), do material (quais produtos químicos estão presentes na amostra) ao pessoal (qual é a melhor universidade para mim). Há, contudo, certa hesitação em crer que a argumentação pode conduzi-los a uma "verdade" religiosa que é "mais verdadeira" do que aquela que afirma o oposto. Os argumentos tradicionais para a fé cristã, portanto, são rejeitados antes que possam ser considerados. É isso que deve mudar. Sua fé na argumentação deve ser restaurada.

Restaurando a fé na razão

Se as pessoas depositam mais fé na razão do que imaginam, como podem perceber isso? Uma resposta a essa pergunta é levá-las por um processo de autorreflexão. Veja como fiz isso. Mas primeiro, um pouquinho de história.

No início da década de 1980, David Suryk, membro da InterVarsity na Illinois State University, pediu que eu ministrasse uma palestra sobre as razões para a fé cristã. Minha palestra tinha o título de "O cristianismo é racional?". O período de perguntas-e-respostas se estendeu quando uma dezena de alunos se reuniu ao redor de uma mesa em um dos salões da universidade. Um deles, cativado pelo objetivismo de Ayn Rand, estendeu a discussão por mais uma hora.

Vários meses depois, ministrei uma palestra semelhante com o mesmo título na Rochester University. Após a apresentação, um aluno da primeira fileira

perguntou: “Posso ler algo?”.

Sempre receoso de ceder o palco, perguntei: “É muito longo?”

“Duas páginas”, ele respondeu.

Parecia razoável. Sua leitura era uma resposta esboçada por ele mesmo ao título “O cristianismo é racional?” que havia sido divulgado. Ele apresentou cinco razões pelas quais o cristianismo não é racional. Não me lembro de nenhuma, mas posso me lembrar de que uma delas era fraca a ponto de ser praticamente tola, outra era bem sofisticada, e três eram objeções que tinham substância, mas que acreditei que não teria problemas em responder. Meu desejo não era fazer com que o aluno parecesse tolo expondo a tolice da objeção tola, tampouco enfrentar a mais difícil delas logo de cara, então escolhi responder as outras três.

Perguntei em seguida: “Antes de abordar qualquer outra das cinco objeções, alguém teria mais alguma pergunta?”.

Após uma pausa, uma voz ao fundo indagou: “E a segunda objeção?” Então eu a respondi. E assim por diante. As cinco objeções do primeiro aluno serviram de combustível para um bate-papo de mais de uma hora. Terminamos porque o zelador começou a piscar as luzes da sala, forçando-nos a sair para que pudesse fechar o edifício.

Aproximadamente seis meses depois, ministrei a mesma palestra na Universidade de Harvard. Dessa vez, os alunos encheram a praça com cartazes com o título “O cristianismo é racional?”, e outras perguntas, entre elas “Por que se deve crer em algo?”. Reconheci imediatamente que essa era a pergunta correta, e desde então, eu a tenho usado uma centena de vezes como título. Estranhamente, não tive que mudar uma vírgula da minha palestra. Ela já estava configurada para responder à pergunta.

Observe, contudo, isto: “O cristianismo é racional?” é uma pergunta moderna; presume que a racionalidade seja algo bom. “Por que se deve crer em algo?” é uma pergunta pós-moderna. Ela penetra além da racionalidade para descobrir o que é mais fundacional.

A estrutura da apresentação

A preparação dos patrocinadores para a palestra e a estrutura da minha apresentação são simples.

A preparação dos patrocinadores. Aproximadamente uma semana antes da apresentação, os patrocinadores da palestra enchem o campus com cartazes que chamam atenção para o título. No dia da palestra (e, às vezes, também no dia anterior), eles conduzem uma pesquisa usando apenas a pergunta do título.116 Os alunos recebem um pedaço de papel com a pergunta no topo da página e são instruídos a redigir sua resposta. Antes da palestra, eu leio as respostas e escolho a mais perspicaz e divertida entre elas para usar como introdução da apresentação. Eis aqui um exemplo.

Basicamente, parece impossível não crer em algo. Tal aventura conduziria a um mergulho na total incerteza que Descartes experimentou em suas meditações. Mesmo que alguém creia que não deve crer, isto é, obviamente, algo em que se crê. É o modo como funciona a mente humana. Todos precisam de um ponto central de referência, e algum tipo de crença cumpre esse papel.

Entre as respostas mais irreverentes, esta se destaca:

Um pequeno monstro verde que encontrei no banheiro me disse para crer.

Em qualquer pesquisa – e foram muitas – esta é uma resposta sempre presente:

Por que não?

Parece que muitos alunos consideram essa resposta particularmente inteligente! De qualquer forma, quando leio algumas das respostas, a reação dos alunos alterna entre diversão e surpresa. É uma boa maneira de fazê-los rir – algo sempre aconselhável no início de uma palestra que pode ficar bastante densa à medida que os alunos começam a fazer perguntas complexas e comentários perspicazes.

Seção 1: Todo mundo "crê" em algo. Depois do quebra-gelo, discuto brevemente a natureza e a necessidade da crença. Bem lá no fundo da minha mente está a ideia – não declarada na palestra – que crer é confiar que se conhece a verdade. A apresentação foi planejada para demonstrar essa ideia sem afirmá-la com todas as letras.

Eu afirmo, no entanto, que o conhecimento de todos reside na crença. Isso acontece em todas as áreas que envolvem o ser humano: na rotina diária (como saber ao certo se estamos acordados e não sonhando?); na ciência (como saber ao certo se há ordem no Universo, se nossa leitura dos instrumentos é precisa, se nossa mente está funcionando como deveria?), na Filosofia (como saber ao certo se a lei da não contradição realmente se aplica à realidade?), na religião (como saber se realmente existe um Deus?). Estritamente falando, o conhecimento de todos fundamenta-se em compromissos pré-teóricos que não podem ser provados, embora seja possível demonstrar que alguns são mais prováveis do que outros. A questão é, portanto, o que justifica as crenças que temos? Devemos tê-las?

Por isso, para ilustrar a amplidão panorâmica dos temas que sustentam uma resposta ao questionamento de por que as temos, desenho um diagrama (veja a figura 11.1).

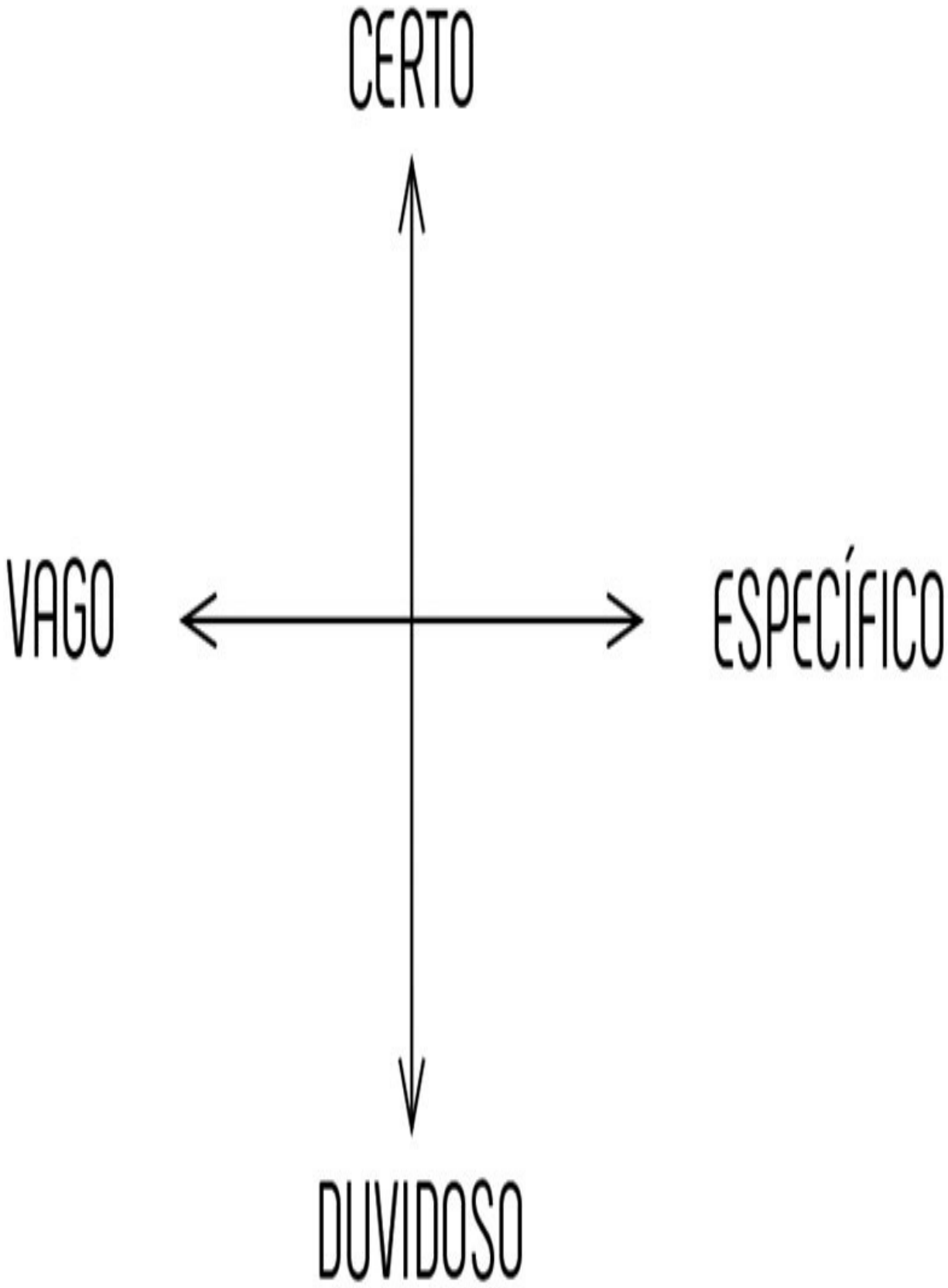

CERTO
VAGO
ESPECÍFICO
DUVIDOSO

Figura 11.1

Algumas de nossas crenças são bastante certas do ponto de vista psicológico; algumas nem tanto assim; e outras são certamente duvidosas. Algumas de nossas crenças (as religiosas em especial) são específicas e detalhadas: veja a lista de crenças ensinadas nos diversos catecismos e nas rígidas tradições religiosas. Algumas são muito vagas (por exemplo, a noção de que Deus é algum tipo de força). Explico como é estar em um dos quadrantes: específico e certo, específico e duvidoso, vago e certo, vago e duvidoso. Depois, esclareço que, muitas vezes, passamos de um para o outro. Começamos, por exemplo, crendo no que somos ensinados a respeito de Deus (ou não Deus), e depois de alguns meses na universidade questionamos essas convicções e acabamos abandonando-as por dúvidas ou as substituímos por outras convicções.

Em seguida, faço três perguntas. A duas primeiras são perguntas reflexivas:

Em que lugar do diagrama você se encontra?

Por que você está ali?

Após uma pequena pausa para que os ouvintes reflitam (pensem!), pergunto:

Por que as pessoas creem?

As respostas dos alunos, então, são colocadas no quadro, (divididas em quatro colunas) à medida que são oferecidas. As colunas não são identificadas até que os alunos respondam onde essas “razões” são estudadas na universidade. O que facilmente se observa são as categorias: sociológica, psicológica, religiosa,

filosófica. (Essas categorias demonstram como é fundamental a crença, quantas facetas precisam ser exploradas antes mesmo que suas origens sejam compreendidas.) Cada coluna terá diversas entradas, e outras serão acrescentadas na discussão a seguir. A tabela 11.1 mostra a natureza essencial do que se obtém das respostas dos alunos.

Tabela 11.1. Tipos de crenças

Sociológica	Psicológica	Religiosa	Filosófica
Pais	Conforto	Bíblia	Consistência
Amigos	Paz interior	Pastor	Coerência
Sociedade	Sentido	Padre	Completude (melhor explicação de todas as evidências acima)
Cultura	Propósito	Guru	
	Esperança	Líder	
	Identidade	Igreja	

O passo seguinte é dialógico. Começando com a coluna sociológica, pergunto aos alunos até que ponto são boas ou fortes essas razões: “Se, digamos, seus pais fossem a única razão pela qual você crê no que crê, essa razão seria boa, forte, fraca, ou não seria uma razão de modo algum?”. Nenhum aluno – bem, praticamente nenhum – dirá que os pais são uma boa razão. Então eu pergunto por quê. As respostas costumam se encaixar em duas categorias. Uma delas (“Não é o que eu creio”) é psicológica, portanto eu a acrescento à coluna das razões psicológicas. A outra razão é mais profunda e mais útil (“Meus pais podem estar errados”), então eu acrescento “Correto” ou “Verdade” à coluna da Filosofia.

À medida que a discussão discorre pelas outras razões sociológicas, torna-se evidente aos alunos que nenhuma das razões é forte. Amigos, sociedade, até mesmo culturas inteiras podem estar significativamente equivocadas a respeito de crenças básicas. Destaco, então, que fatores sociológicos – apesar de, inevitavelmente, produzirem nossas crenças originais – na realidade são causas, algo que faz de você quem você é, algo que não tem relação alguma com sua própria escolha ou consideração. Na era do Eu estou OK/Você está OK, essa compreensão não é bem aceita. Os alunos querem ser os árbitros de suas próprias convicções.

Enquanto examinamos cada item das diferentes colunas – sociológica, psicológica, religiosa – torna-se claro aos alunos que eles mesmos estão usando a categoria da verdade para avaliar a força das razões anotadas no quadro. Se uma razão – por exemplo, “conforto” – é, de fato, uma razão, é uma razão forte? Somente se o conforto apontar para a verdade, e nem sempre isso acontece. Algumas coisas (como, por exemplo, a droga talidomida) traz conforto a curto prazo e tragédia a longo prazo. Uma crença pode trazer conforto até que você morra, mas e depois?

As Escrituras são uma razão, mas quais Escrituras – a Bíblia, o Corão, as Upanixade*? Elas se contradizem. Contradições não podem ser todas verdadeiras.

A discussão é projetada para produzir nos próprios alunos o reconhecimento de que, na realidade, eles conduzem suas vidas com base no que acreditam ser verdadeiro ou não. Um livro sagrado, um pastor ou guru e uma tradição religiosa

são dignos de confiança somente se apontarem para a verdade. Encerramos, então, fazendo uma breve investigação dos testes da verdade: consistência (lógica), coerência, completude (melhor explicação de todas as evidências – públicas ou particulares). O diálogo está agora no terreno trilhado pelos argumentos tradicionais.

É comum que muito poucas razões filosóficas sejam sugeridas pelos alunos. A lista das razões psicológicas e sociais para a crença será longa; a lista filosófica costuma ser bem curta (embora, nesse caso, dependa do tipo de alunos participantes – de Filosofia, Engenharia, Psicologia ou Arte).

Em qualquer dos casos, à essa altura eu distribuo uma bibliografia (encontrada no final deste capítulo) e ofereço cinco tipos de razões pelas quais o cristianismo deve ser considerado verdadeiro. A palestra e essa lista não constituem tanto uma defesa de Cristo, mas sim um prólogo para tal defesa. Não desenvolvo as razões, mas abro a sessão para perguntas depois de ter explicado brevemente cada uma.

O próprio Jesus é a melhor razão para se crer na verdade da religião cristã (uma razão racionalmente forte, pessoalmente convincente).

Os Evangelhos oferecem um relato confiável das obras de Jesus, especialmente do que ele afirmou a nosso respeito e a respeito de si mesmo (racionalmente convincente).

A cosmovisão cristã é consistente e coerente. Comparada às alternativas, ela explica melhor a vasta gama de fenômenos apresentados aos seres humanos (racionalmente forte, pessoalmente convincente).

Os cristãos testificam com suas vidas transformadas (filosoficamente fraco, porém pessoalmente convincente).

A história da igreja aponta para a atratividade dos temas abordados por Jesus, o reino de Deus; veja os hospitais St. Luke ao redor do mundo** (uma razão ambígua, porém definitivamente positiva).

Encerro a apresentação com um encorajamento para a busca da verdade: a leitura dos Evangelhos, os encontros com amigos cristãos para estudarem juntos os Evangelhos e tempo gasto com aqueles que conhecem Jesus pessoalmente.

No período de perguntas e respostas, fico aberto a perguntas de qualquer tipo, esperando que mais particularidades do evangelho possam ser apresentadas. Acontece com frequência. Mais importante, os grupos que promovem essa palestra/discussão dão sequência ao trabalho encorajando os ouvintes a participar de um grupo pequeno de estudo bíblico onde suas perguntas podem ser tratadas em profundidade durante um período mais longo. É nesses grupos e pelo contato pessoal mais profundo com a comunidade cristã que há maior probabilidade de que compromissos com Cristo sejam assumidos.

A conexão pós-moderna

O atrativo dessa palestra/discussão para os alunos de hoje deve-se, em parte, às conexões que faz com alunos pós-modernos em uma cultura pós-moderna. Em primeiro lugar, ela não presume que a melhor razão para crer seja a racionalidade; mas sim, permite que os alunos descubram por si mesmos o valor da racionalidade. Em segundo lugar, ela estimula a autorreflexão que conduz ao reconhecimento de que se trata, afinal, da verdade em que se deve crer. Terceiro, ela sugere como a verdade a respeito de questões espirituais pode ser obtida. Quarto, oferece uma ponte do pessoal e individual para o objetivo e comum. Quinto, abre a porta para que a Bíblia seja ouvida como uma fonte legítima da verdade. Sexto, concentra a atenção na razão, acima de todas as outras razões, para se crer na fé cristã: um encontro pessoal com Jesus Cristo.

À medida que o tempo passa e nossa cultura universitária se transforma e continua a perder seu foco, a abordagem dessa palestra pode deixar de ser eficaz. Não importa. Mesmo alunos de Harvard não podem estar eternamente certos. Mas Jesus pode. Ele se dirige a cada cultura. Que ele nos conduza a caminhos que nos ajudem a tornar sua presença conhecida independentemente da forma que nossas culturas – todas elas – se movam e dos rumos que tomem!

Bibliografia

Há seis razões básicas – ou grupos de razões – pelas quais qualquer pessoa deve acreditar que o cristianismo é verdadeiro. Esta bibliografia oferece uma guia para todos que queiram investigar essas razões. Todas as seis razões estão apresentadas em James W. Sire, Why Should Anyone Believe Anything at All? Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994.

O caráter de Jesus Cristo conforme apresentado nos Evangelhos

Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João na Bíblia. Veja, particularmente, uma tradução moderna como a da Nova Versão Internacional.

KREEFT, Peter. Between Heaven and Hell. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1982.

STOTT, John. Basic Christianity. 2ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsityPress, 1971.

A confiabilidade histórica dos Evangelhos

BARNETT, Paul. Is the New Testament Reliable? 2ª ed. Downers Grove,Ill.: InterVarsity Press, 2005.

BLOMBERG, Craig. The Historical Reliability of the Gospels. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1987.

———. The Historical Reliability of John’s Gospel. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002.

DUNN, James D. G. The Evidence for Jesus. Filadélfia: Westminster, 1986.

WENHAM, John. Christ and the Bible. 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1984.

A consistência e a coerência interna da cosmovisão cristã: seu poder em explicar o que percebemos no ambiente que nos cerca, as maravilhas do cosmos, a grandeza e a desgraça dos seres humanos, a qualidade penetrante do amor, a noção do bem e do mal, a possibilidade do conhecimento.

CHESTERTON, G. K. Orthodoxy. Garden City, N.Y.: Image, 1959.

LEWIS, C. S. Mere Christianity. Nova York: Macmillan, 1958.

WENHAM, John. The Enigma of Evil. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1985.

A atratividade do cristianismo comparado a outras religiões e cosmovisões

NEILL, Stephen. Christian Faith and Other Faiths. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

SIRE, James W. The Universe Next Door. 4ª ed. Downers Grove, InterVarsity Press, 2004.

O testemunho de seus adeptos

COLSON, Charles. Born Again. Old Tappan, N.J.: Chosen, 1976.

LEWIS, C. S. Surprised by Joy. Nova York: Harcourt Brace, 1966.

GORICHEVA, Tatiana. Talking About God Is Dangerous. Nova York: Crossroad, 1987.

O testemunho da igreja ao longo dos séculos

LATOURETTE, Kenneth Scott. A History of the Expansion of Christianity.Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1970.

SHELLEY, Bruce. Church History in Plain Language. Waco, Tex.: Word, 1982.

Notas

* As Upanixade são partes das escrituras Shruti hindus, derivadas dos Vedas, e que consistem, basicamente, de orientações a respeito de meditação e de discussões de natureza filosófica. Elas formam a base de toda a filosofia hindu.

** A rede de hospitais St. Luke foi fundada no Japão, em 1901, pelo Dr. Rudolf B. Teusler, um médico missionário da Igreja Episcopal Americana. Os pacientes recebem um tratamento humanizado, conciliando cura física e conforto espiritual em bases cristãs. Segundo as palavras do próprio Dr. Teusler: “ Esse hospital é um organismo vivo, projetado para demonstrar em termos convincentes o poder transformador do amor cristão quando aplicado no alívio do sofrimento humano”.

A construção de argumentos eficazes

Um guia literário

Já leu até aqui? Então não precisará de exortação para continuar lendo. E há muito, muito mais para ler e aprender.

Neste livro concentrei-me somente em um aspecto do testemunho cristão: a construção e apresentação de argumentos cativantes. Exceto como ilustrações de preocupações retóricas, apresentei ou avaliei apenas alguns poucos argumentos reais. Um vasto oceano de livros e argumentos está à sua frente. Você não ficará perdido, mas pode perder de vista o alvo: glorificar a Deus por meio da sua apresentação de bons argumentos. É fácil ler de agora até a eternidade e jamais levantar-se e fazer o que deve ser feito.

Portanto, se é que já não fez, e antes de iniciar qualquer outra leitura, dê o chute inicial entre seus amigos, colegas de trabalho, parentes, quem quer que seja, e em seu testemunho – seja casual ou intencional – observe as respostas que recebe. Então escolha os livros que o ajudarão a abordar os questionamentos. Antes de ler outro livro do mesmo tema, procure um título de destaque em cada uma das várias áreas. Desse modo você terá uma compreensão mais abrangente das questões que perturbam tanto os céticos quanto os sedentos. Você também se sentirá mais confiante para lidar com esses temas, alguns dos quais talvez estejam fora de seu interesse pessoal. Faça questão de interessar-se por uma variedade cada vez mais ampla de questões.

Estas, portanto, são minhas recomendações. Elas estão divididas em dez categorias. Primeiramente, há três seções sobre Jesus, o tópico que nenhum

testemunho cristão deve jamais ignorar: (1) seu caráter, (2) sua ressurreição e (3) a confiabilidade dos Evangelhos. Em seguida, estão (4) uma lista de livros gerais sobre a defesa da fé (que cobrem a maioria dos temas nessa área) e (5) uma seção de obras clássicas e criativas. Para finalizar, os livros que lidam com questões específicas: (6) compromissos fundacionais, cosmovisões e religiões alternativas, (7) o desafio da ciência e da evolução, (8) o problema da dor, do sofrimento e do mal, (9) a existência de Deus e (10) a experiência pessoal de Deus. Cada categoria é introduzida por comentários gerais sobre os livros mais valiosos. Informações bibliográficas completas seguem o comentário.

Jesus Cristo: o melhor argumento para a fé cristã

A razão central para o cristianismo é o caráter de Jesus Cristo. Aqueles que falam em defesa da fé devem enfatizar Jesus, mesmo à custa de excluir qualquer outro aspecto. Pois quando aquele que busca encontra Jesus, o defensor da fé cristã deve simplesmente desaparecer. Parece tão fácil, não é? Apenas apresente seus amigos a Jesus; é tudo o que você precisa fazer. Tudo mesmo.

Mas, como fazer isso? Apontando para Jesus e saindo de cena. E como você aponta para Jesus? A melhor forma de fazê-lo é levando o cético ou o novo cristão a ouvir – ou ler – a história de Jesus conforme relatada nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Qualquer tradução moderna serve: Nova Versão Internacional ou A mensagem, por exemplo. Sua função será destacar a importância da leitura desses Evangelhos e levar a pessoa a perguntar: Quem é exatamente o Jesus que aparece no texto?

O texto dos Evangelhos é, em última análise, autoridade, muito acima de mim ou dos livros que indico aqui. Você e os livros ficarão em segundo lugar – um lugar importante, mas mesmo assim, secundário. Quando uma pessoa encontra Jesus, ela encontrou o Deus com quem todos nós teremos de lidar, hoje ou no futuro.

É algo místico? Na verdade, não. Você está simplesmente conduzindo aquele que busca até a presença de Jesus. Então Jesus falará por meio do texto pelo poder do Espírito Santo, que não será um parceiro silencioso no encontro, mas sim aquele que ilumina as Escrituras, leva o sedento a ver quem é Jesus e induz a uma

resposta apropriada.

Além de apontar para Jesus, sua tarefa será remover quaisquer obstáculos que obstruam a visão daquele que busca. Muitos se perguntam se podem confiar nos Evangelhos. Eles trarão perguntas sobre supostas contradições. Perguntarão a si mesmos se estão sendo enganados por traduções tendenciosas ou tramas inteligentes de um clero faminto por poder. Será bom oferecer uma boa resposta a esses desafios. É onde entram os livros abaixo. Estabeleça como objetivo de vida ler a Bíblia diariamente, aprendendo tudo o que puder a respeito de Jesus a partir de textos legitimados e de livros como os listados abaixo. Desse modo, você terá uma riqueza de perspectivas e detalhes para partilhar à medida que o cético se volta para Jesus e cresce em Cristo junto com você. A defesa da fé então prossegue, confrontando agora as questões que envolvem ambos, como crentes e testemunhas da graça de Deus.

O caráter de Jesus Cristo

Além dos Evangelhos, o primeiro livro que quero ver nas mãos de um não crente é Basic Christianity, de John Stott. Ele expõe de maneira clara a defesa bíblica da pessoa de Jesus e de suas obras, e tem sido usado em todo o mundo em muitas traduções para apresentar a boa nova de Jesus. Outros três livros excelentes sobre Jesus são Understanding Jesus, de Alister McGrath, e The Challenge of Jesus e Who Is Jesus?, ambos de N. T. Wright. O último é a essência de seu imenso estudo acadêmico Jesus and the Victory of God. Ben Witherington aprofunda-se ainda mais do que os três primeiros títulos em The Christology of Jesus, um estudo acadêmico e técnico da autocompreensão de Jesus.

Peter Kreeft, um defensor da fé moderno e perspicaz, apresenta o argumento mentiroso-lunático-Senhor* para Jesus como Deus em Between Heaven and Hell. Em Socrates Meets Jesus, ele imagina Sócrates de volta à vida, lendo a Bíblia e tornando-se um crente em Cristo. Por meio de diálogos inteligentes, esses dois volumes rompem as barreiras que os céticos modernos costumam erguer contra o pensamento de que Jesus pode ser relevante ao século 21.

No nível mais básico, meu livro Jesus the Reason é um guia de estudo bíblico individual ou em grupo projetado para apresentar Jesus e despertar uma resposta existencial ao dilema de Jesus como mentiroso, lunático ou o Senhor.

Altamente recomendados

KREEFT, Peter. Between Heaven and Hell: A Dialog Somewhere Beyond Death with John F. Kennedy, C. S. Lewis and Aldous Huxley. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1982.

_____. Socrates Meets Jesus: History's Great Questioner Confronts the Claims of Christ. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1987.

MCGRATH, Alister. Understanding Jesus. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1987.

SIRE, James W. Jesus the Reason: 8 Studies for Individuals or Groups. 2ª ed. LifeGuides. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

STOTT, John R. W. Basic Christianity. 2ª ed. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1970.

WITHERINGTON, Ben, III. The Christology of Jesus. Mineápolis: Fortress, 1990.

WRIGHT, N. T. Who Is Jesus? Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1992.

Recomendados

ANDERSON, Norman. Jesus Christ: The Witness of History. Ed. rev. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1985.

WRIGHT, N. T. The Challenge of Jesus: Rediscovering Who Jesus Was and Is. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.

YANCEY, Philip. The Jesus I Never Knew. Grand Rapids, Mich.: Zondervan,

1995.

A ressurreição de Jesus

Na década de 1950, quando a modernidade estava a todo vapor, e até mesmo por volta de uma década depois, argumentos a favor da ressurreição eram a parte mais importante da defesa de Cristo. Era importante que a maior quantidade possível das estranhas ideias do cristianismo fosse considerada razoável. Se o milagroso e o aparentemente impossível pudesse ser comprovado, a fé cristã ganharia grande credibilidade. A pós-modernidade mudou isso. Na década de 1970, com a virada para o psicodélico e todas as suas maravilhas, houve admiração muito menor com a ressurreição. Jesus havia ressurgido dos mortos? Bem, Shirley MacLaine era uma princesa dos Elefantes na Índia pré-histórica. O assombroso não era mais tão assombroso.

Além disso, as noções religiosas são simplesmente trechos de histórias maiores construídas pela cultura para explicar o inexplicável. Contanto que expliquem, não precisam ser objetivamente verdadeiras. A historicidade da narrativa bíblica é irrelevante. Aqueles que defendem a fé cristã nos campi universitários hoje não dedicam muito tempo em provas de que Jesus, segundo fatos históricos, morreu e voltou a viver.

Mas a historicidade da narrativa do evangelho não pode ser tão facilmente descartada. O cristianismo está profundamente enraizado na história. Se Jesus não ressuscitou dos mortos, então, como disse o apóstolo Paulo, os crentes são os mais infelizes de todos os homens, pois é provável que nada mais em sua fé seja verdadeiro. Não terá havido expiação. Todos morremos em nossos pecados.

A ressurreição de Jesus no tempo e no espaço, portanto, é importante. Por essa razão, os livros a seguir serão úteis.

Nos últimos anos, pouco se acrescentou à defesa da ressurreição. O livro Basic Christianity, de John Stott, a apresenta de uma forma breve, que talvez seja adequada a muitos. Análises mais extensas são encontradas em Did Jesus Rise from the Dead?. Este último contém um debate entre dois filósofos – Gary

Habermas (cristão) e Antony Flew (ateu) – seguido por réplicas de outros estudiosos. Minha própria defesa básica da ressurreição é encontrada no capítulo 11 de Why Should Anyone Believe Anything at All?.

Altamente recomendados

HABERMAS, Gary; FLEW, Antony. Did Jesus Rise from the Dead? MIETHE, Terry L., org. São Francisco: Harper & Row, 1987.

SIRE, James W. Why Should Anyone Believe Anything at All? Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994.

STOTT, John R. W. Basic Christianity. 2ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1971.

A confiabilidade histórica dos Evangelhos

A principal razão pela qual as pessoas não leem a Bíblia ou prestam pouca atenção às suas palavras é porque não acreditam que ela seja confiável. Embora a maioria dos incrédulos tenha lido pouco ou nada da Bíblia, eles estão seguros de que ela está recheada de erros e contradições. Talvez admitam que seja um livro com conselhos sábios para a vida, mas também acreditam ser possível ignorá-la ou discordar dela sem prejuízo algum. Afinal, ela não condena o sexo casual, o divórcio e a homossexualidade? Hoje estamos mais bem informados.

A verdade da fé cristã, contudo, está atrelada à história: se certos eventos – tais como a crucificação e a ressurreição de Jesus, ou o êxodo dos judeus do Egito – não aconteceram, a mensagem central do cristianismo é falsa. Se os relatos dos Evangelhos a respeito da vida e dos ensinamentos de Jesus não são verdadeiros, é ineficaz o argumento do mentiroso-lunático-Senhor. É preciso eliminar a lenda dessa mistura. A principal prova desses eventos é a Bíblia. Sua confiabilidade histórica, portanto, deve ser presumida ou demonstrada como muito provável. É o que fazem com êxito os livros listados aqui.

Um dos melhores e mais básicos lugares para começar é Is the New Testament Reliable?, de Paul Barnett. Com uma visão mais técnica está The Historical Reliability of the Gospels, de Craig Blomberg, que aborda a crítica da forma, da redação, as supostas contradições e a teoria hermenêutica. The Historical Reliability of John's Gospel, de Blomberg, concentra-se no Evangelho mais questionado por sua confiabilidade. James D. G. Dunn, da mesma forma, em The Evidence for Jesus, tem uma excelente introdução ao estudo das diferenças entre os relatos sinópticos dos mesmos eventos e ensinamentos; da questão se Jesus reivindicava ser Deus; da ressurreição; e da igreja primitiva de onde surgiram os Evangelhos. Em The Evidence for Jesus, R. T. France pesquisa documentos bíblicos e extrabíblicos relativos a Jesus.

Com um escopo mais abrangente, I. Howard Marshall, em I Believe in the Historical Jesus oferece uma avaliação acadêmica do que pode ser conhecido. E John Wenham, em Christ and the Bible, apresenta uma defesa clássica da confiabilidade do Antigo e do Novo Testamentos, argumentando que "crer na Bíblia vem da fé em Cristo, e não vice-versa; e que é possível passar da fé em Cristo a uma doutrina bíblica sem esclarecer problemas de críticas" (p. 9).

O ceticismo histórico foi alimentado recentemente pelo Jesus Seminar, um pequeno grupo de estudiosos do Novo Testamento que afirmam que muito pouco se pode saber a respeito de Jesus. Embora suas conclusões radicais não sejam partilhadas pela maioria de seus pares, elas têm a atenção da mídia popular, e revistas como Time ou Newsweek publicam relatos de seu trabalho nos períodos do Natal e da Páscoa. Os acadêmicos evangélicos responderam com críticas excelentes, e uma das mais acessíveis entre elas é Jesus Under Fire, uma coleção de dissertações organizada por Michael J. Wilkins e J. P. Moreland.

Na vanguarda da erudição evangélica do Novo Testamento está N. T. Wright, hoje bispo de Durham, na Inglaterra. Os primeiros três grandes volumes de sua série Christian Origins and the Question of God, composta por cinco volumes, são leitura obrigatória para aqueles que desejam mergulhar nas profundezas das questões despertadas por estudiosos do Jesus Seminar como John Dominic Crossan. The New Testament and the People of God discute a metodologia do estudo histórico da Bíblia. Jesus and the Victory of God ataca de frente o que se pode saber sobre a vida, o caráter e os ensinamentos de Jesus. E The Resurrection of the Son of God aprofunda-se nos relatos da ressurreição.

Altamente recomendados

BARNETT, Paul. Is the New Testament Reliable? Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986.

BLOMBERG, Craig. The Historical Reliability of the Gospels. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1987.

_____. The Historical Reliability of John's Gospel. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002.

DUNN, James D. G. The Evidence for Jesus. Filadélfia: Westminster Press, 1986.

EVANS, C. Stephen. The Historical Christ and the Jesus of Faith: The Incarnational Narrative as History. Nova York: Oxford University Press, 1996.

FRANCE, R. T. The Evidence for Jesus. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986.

MARSHALL, I. Howard. I Believe in the Historical Jesus. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1977.

WENHAM, John. Christ and the Bible. 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1984.

WILKINS, Michael J., e J. P. Moreland, org. Jesus Under Fire. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1995.

WRIGHT, N. T. Christian Origins and the Question of God. 3 vols.: Jesus and the Victory of God (1996); The New Testament and the People of God (1992); The Resurrection of the Son of God (2003). Todos publicados em Mineápolis: Fortress.

_____. The Contemporary Quest for Jesus. Mineápolis: Fortress, 2002.

Defesa da fé em geral

Dois livros que melhor dão seguimento à discussão iniciada nesse livro são Dialogical Apologetics, de David K. Clark, e Reasons of the Heart, de William Edgar. Clark é professor de teologia no Bethel Theological Seminary em St. Paul, Minnesota. Criado no Japão por pais missionários, ele entende a dificuldade de comunicação entre diferentes culturas e cosmovisões. Clark oferece um excelente exame dos principais elementos da defesa apropriada da fé e das várias maneiras como os cristãos entendem a tarefa. Sua abordagem dialética, sensível a questões retóricas, condiz com a minha, mas leva os leitores a um maior aprofundamento na forma como os argumentos eficazes são construídos. Dialogical Apologetics é um excelente livro para ler a seguir. Bem como Reasons of the Heart, mais um livro cuja abordagem à razão e à retórica é semelhante à minha.

Devido à minha hesitação em apoiar a forma muitas vezes agressiva de alguns que defendem a fé cristã, recomendo fortemente Humble Apologetics, de John Stackhouse Jr. Professor de Teologia e Cultura do Regent College, em Vancouver, Stackhouse é particularmente sensível às contribuições e aos perigos do pensamento pós-moderno. Sua ênfase na humildade é louvável. Ele mostra, contudo, que humildade não é sinônimo de fraqueza e que não se deve, por assim dizer, perder um argumento para ganhar uma alma. Da mesma forma, seu "guia" para conversas sobre o cristianismo tem muita sabedoria adquirida pela prática.

Um quarto livro que ocupa lugar de destaque em minha lista de leitura obrigatória para os que defendem a fé é Handbook of Christian Apologetics, de Peter Kreeft e Ronald K. Tacelli. Tanto Kreeft quanto Tacelli são professores de Filosofia no Boston College. Eles reuniram, como diz o subtítulo, "centenas de respostas a perguntas cruciais" e facilitaram o acesso a essas respostas pela forma cuidadosa com que elas são organizadas e identificadas. Ali estão 20 argumentos para a existência de Deus, cinco argumentos para a divindade de Cristo, cinco soluções para o problema do mal e assim por diante; 15 temas distintos são tratados.

J. P. Moreland, professor de Filosofia e Religião da Biola University apresenta em Scaling the Secular City uma coleção de argumentos semelhante e também excelente. Esse livro não é para iniciantes, mas bem poderia fazer parte da educação de um apologista em processo de amadurecimento. Reasonable Faith,

de William Lane Craig, é uma apresentação magistral e extremamente clara dos argumentos clássicos para a fé cristã. Sua descrição do que constitui um argumento eficaz é particularmente útil. No topo acadêmico da apologética intelectual está a obra de Moreland e Craig, Philosophical Foundations for a Christian Worldview. Veja também To Everyone an Answer: A Case for the Christian Worldview, organizado por Francis J. Beckwith, William Lane Craig e J. P. Moreland, uma coleção de dissertações sobre uma ampla variedade de temas-chave pelos principais defensores da fé cristã.

A apologética cristã tem uma longa história. Uma das melhores maneiras de conhecê-la é lendo os textos que L. Russ Bush compilou em Classical Readings in Christian Apologetics, A.D. 100-1800. Além de três grandes textos de Justino Mártir a William Paley, Bush também acrescentou uma excelente "dissertação bibliográfica sobre os textos de apologética escritos nos séculos 18 e 19".

Altamente recomendados

BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane; MORELAND, J. P. , org. To Everyone an Answer: A Case for the Christian Worldview. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

BUSH, L. Russ. Classical Readings in Christian Apologetics: A.D. 100-1800. Grand Rapids, Mich.: Zondervan/Academie, 1983.

CLARK, David K. Dialogical Apologetics: A Person-Centered Approach to Christian Defense. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1993.

CRAIG, William Lane. Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics. Ed. rev. Wheaton, Ill.: Crossway, 1994.

EDGAR, William. Reasons of the Heart: Recovering Christian Persuasion. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1996.

KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. Handbook of Christian Apologetics: Hundreds of Answers to Crucial Questions. Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1994.

MORELAND, J. P. Scaling the Secular City: A Defense of Christianity. Grand

Rapids, Mich.: Baker , 1987.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. Philosophical Foundations for a Christian Worldview. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2003.

STACKHOUSE, John G., Jr. Humble Apologetics: Defending the Faith Today. Nova York: Oxford University Press, 2002.

Recomendados

ALLEN, Diogenes. Christian Belief in a Postmodern World. Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 1989.

BERGER, Peter. A Rumor of Angels: Modern Society and the Rediscovery of the Supernatural. Nova York: Doubleday, 1969.

CLARK, Kelly James. Return to Reason: A Critique of Enlightenment Evidentialism and a Defense of Reason and Belief in God. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1990.

DYRNESS, William. Christian Apologetics in a World Community. Downes Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983.

EVANS, C. Steven. Pocket Dictionary of Apologetics and Philosophy of Religion. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002.

_____. Why Believe? Reason and Mystery as Pointers to God. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1996.

KNECHTLE, Cliffe. Give Me an Answer That Satisfies My Heart and My Mind. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986. Respostas breves para 41 perguntas.

KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. Pocket Handbook of Christian Apologetics. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2003. Sintetizado do Handbook acima.

LEWIS, Gordon. Testing Christianity’s Truth Claims. Lanham, Md.: University

Press of America, 1990.

LITTLE, Paul. Know Why You Believe. 5ª ed. Colorado Springs, Colo.: Victor, 2003.

MCGRATH, Alister. Intellectuals Don’t Need God and Other Modern Myths: Building Bridges to Faith Through Apologetics. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1993.

MITCHELL, Basil. The Justification of Religious Belief. Nova York: Oxford University Press, 1981.

PINNOCK, Clark H. Reason Enough: A Case for the Christian Faith. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1980.

PURTILL, Richard L. Reason to Believe. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1974.

SIRE, James W. Why Should Anyone Believe Anything at All? Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994.

SPROUL, R. C. Defending Your Faith: An Introduction to Apologetics. Wheaton, Ill.: Crossway, 2003.

SWINBURNE, Richard. The Coherence of Theism. Oxford: Clarendon, 1977. Extremamente técnico.

Obras clássicas e criativas

Muitas pessoas se interessam pela defesa da fé cristã não porque estejam buscando respostas para perguntas da fé, mas porque por acaso leram Mere Christianity ou The Screwtape Letters, de C. S. Lewis. Essas pessoas jamais haviam visto alguém pensar e escrever tão bem a respeito da fé cristã. Agora não se fartam de Lewis e de seus antecessores, como G. K. Chesterton (1874–1936) ou Blaise Pascal (1623–1662), ou dos apologistas criativos como Peter Kreeft, que o seguiram.

Chesterton, por exemplo, era um jornalista cético antes de sua conversão; depois de convertido, voltou sua sagacidade à redação de defesas marcantes do cristianismo, incluindo Orthodoxy e The Everlasting Man, sendo que a segunda obra influenciou o início da fé de Lewis. Chesterton também escreveu romances e contos que personificavam a cosmovisão cristã de formas surpreendentes. O Padre Brown, seu detetive misterioso, solucionava crimes por meio de sua percepção peculiarmente cristã da natureza humana. Seus contos e romances, assim como os de Fiódor Dostoiévski, Flannery O'Connor, Walker Percy e Wendell Berry, personificam uma visão cristã de mundo que torna implícita a defesa da fé cristã.

De fato, a literatura cristã ao longo dos últimos séculos continua a atrair uma vasta plateia. Quando os alunos de literatura inglesa encontram a poesia de Geoffrey Chaucer, John Donne, John Milton, Gerard Manley Hopkins ou T. S. Eliot, não demoram a se interessar pela fé que os sustentava. Os professores cristãos de literatura podem conduzir os alunos nessa direção mesmo no contexto profundamente antirreligioso das escolas públicas modernas. Foi o que fiz. Os grandes autores cristãos provam ser falsa a noção prevalente no mundo acadêmico de que os cristãos são pouco mais do que imbecis na cadeia alimentar intelectual.

Como erudito literário, C. S. Lewis dá credibilidade à ideia de que os cristãos são tão capazes quanto qualquer pessoa de pensar de forma acadêmica.117 Suas Crônicas de Nárnia são, ao mesmo tempo, histórias que fascinam crianças e expressões profundas da luta entre o bem e o mal no cosmos. Suas obras de ficção científica são, ao mesmo tempo, leitura para adultos e críticas astutas ao naturalismo e ao perigo da inclinação ao oculto. Elas mostram que os cristãos não precisam limitar sua imaginação a narrativas aridamente realistas.118 Suas dissertações mostram o poder de uma pena cristã sobre uma ampla variedade de temas. E finalmente, suas obras apologéticas – particularmente Mere Christianity, The Problem of Pain e Miracles – retratam a ação de uma mente hábil e de um coração compassivo. Praticamente todas as obras de Lewis persistem como ferramentas úteis para os apologistas hoje.

Seguindo os passos de Chesterton e Lewis, Peter Kreeft (mencionado acima) escreveu diversas apresentações criativas de argumentos apologéticos. Evidenciando muito da habilidade de Platão, os diálogos perspicazes de Kreeft mostram o poder analítico da cosmovisão cristã e constituem defesas da fé cristã. Um destaque entre esses é Between Heaven and Hell, uma conversa entre C. S.

Lewis (cristão), John F. Kennedy (naturalista) e Aldous Huxley (panteísta da Nova Era). Os três morreram no mesmo dia (22 de novembro de 1963), por isso Kreeft os imagina em algum local além-morte, seu destino final ainda não cumprido, conversando sobre o que esperam acontecer e por quê. Em Socrates Meets Jesus, meu favorito entre os muitos livros de Kreeft, Sócrates desperta no porão da Biblioteca Engrandecer (leia Biblioteca Widener) na Universidade "Havalarde" (leia Harvard), matriculado no curso de Teologia. Sócrates frequenta as aulas, lê a Bíblia, converte-se ao cristianismo, e em diálogos divertidos, desafia seu professor e companheiros de classe com a verdade da fé cristã. Em The Best Things in Life, Sócrates está no campus da Universidade do Estado do Desespero lançando perguntas sobre poder, prazer, verdade e a boa vida. The Journey também é um diálogo: uma pessoa na busca pela verdade encontra-se na caverna da ilusão de Platão e recebe ajuda primeiramente de Sócrates, depois de Moisés, e finalmente de Lewis. Em sua peregrinação, essa pessoa passa do questionamento se de fato deveria buscar o sentido da vida à descoberta de Deus em Cristo como o final glorioso de sua busca. Yes or No? — um diálogo entre Sal, aquele que busca, e Chris, o cristão – aborda mais de uma dezena de temas-chave que surgem nas discussões apologéticas, como por exemplo, ciência e religião, o caráter de Jesus, a vida pós-morte, a Bíblia como mito ou história e a natureza do céu e do inferno.

Colocar qualquer um desses livros nas mãos de pessoas que estão em busca da verdade pode despertar excelentes conversas sobre os temas da fé. Também são escolhas excelentes para grupos de discussão de livros.

Na literatura em defesa da fé, talvez o clássico seja Pensamentos, de Blaise Pascal. Mais conhecido nos círculos acadêmicos modernos como filósofo, matemático e físico, Pascal teve uma experiência intensa e dramática com Deus e no fim de sua vida voltou-se à defesa da fé cristã. Pensamentos é o que sugere o título – uma coleção ampla e quase casual de "pensamentos" a respeito de muitos temas. Ele é o Pascal da muito elogiada e difamada "aposta de Pascal", que usa o raciocínio matemático para argumentar que, na escolha da crença cristã que se mostra verdadeira ao final, ganha-se tudo; caso ela mostre ser falsa, nada se perde. Minha própria fascinação por Pascal, no entanto, destaca seus argumentos de que somente a fé cristã oferece uma explicação satisfatória tanto a respeito da desgraça quanto da glória da natureza humana. É possível encontrar em Pensamentos as raízes de muitas das ideias encontradas nas obras de Lewis, Chesterton, Francis Schaeffer e muitos outros apologistas.

Pensamentos não é apropriado aos que não estão dispostos a dedicar muito tempo à leitura ou à reflexão cuidadosa do que a obra desperta na mente. O esforço, contudo, vale a pena. O livro deve estar presente na lista de leituras obrigatórias a todos que desejam defender a fé cristã nos dias de hoje. Três livros modernos ajudarão os iniciantes em Pascal: On Pascal, de Douglas Groothuis, Making Sense of It All: Pascal and the Meaning of Life, de Thomas V. Morris, e de Peter Kreeft, Christianity for Modern Pagans: Pascal's "Pensées" Edited, Outlined and Explained. O último contém muito do texto de Pensamentos.

Finalmente, C. S. Lewis and Francis Schaeffer, a análise de Scott R. Burson e Jerry L. Walls de dois dos mais eficazes apologistas do século 20, é particularmente valioso por mostrar as várias maneiras pelas quais os dois lidavam com temas semelhantes. O último capítulo, "21 Lessons for the 21st Century" [21 lições para o século 21], sintetiza a sabedoria de sua retórica, bem como de sua argumentação, e, nas palavras de J. P. Moreland na contracapa, "vale o preço pago pelo livro".

Altamente recomendados

BURSON, Scott R.; WALLS, Jerry L. C. S. Lewis and Francis Schaeffer: Lessonsfor a New Century from the Most Influential Apologists of Our Time. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1998.

CHESTERTON, G. K. Orthodoxy. 1908; muitas edições.

_____. The Everlasting Man. 1925; reimpressão Garden City, N.Y.: Image, 1955.

_____. The Father Brown Stories. Londres: Cassell, 1929. Reúne cinco volumes dos mistérios de Padre Brown.

GROOTHUIS, Douglas. On Pascal. Belmont, Calif.: Thomas Learning/Wadsworth, 2003.

KREEFT, Peter. The Best Things in Life: A Twentieth-Century Socrates Looks at Power, Pleasure, Truth and the Good Life. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

_____. Between Heaven and Hell: A Dialog Somewhere Beyond Death with John F. Kennedy, C. S. Lewis and Aldous Huxley. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1982.

_____. Christianity for Modern Pagans: Pascal's "Pensées" Edited, Outlined and Explained. São Francisco: Ignatius, 1993.

_____. The Journey: A Spiritual Roadmap for Modern Pilgrims. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996.

_____. Socrates Meets Jesus: History's Great Questioner Confronts the Claims of Christ. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1987.

_____. Yes or No? Straight Answers to Tough Questions About Christianity. Ann Arbor, Mich.: Servant, 1984.

LEWIS, C. S. The Chronicles of Narnia. 7 vols.: The Lion, the Witch and the Wardrobe (1950); Prince Caspian (1951); The Voyage of the "Dawn Treader" (1952); The Silver Chair (1953); The Horse and His Boy (1954); The Magician's Nephew (1955): The Last Battle (1956); todos publicados em Nova York pela Macmillan.

_____. Mere Christianity. Nova York: Macmillan, 1952.

_____. Miracles: A Preliminary Study. Nova York: Macmillan, 1947.

_____. The Problem of Pain. Nova York: Macmillan, 1940.

_____. The Screwtape Letters. Nova York: Macmillan, 1942.

_____. The Space Trilogy. 3 vols.: Out of the Silent Planet (1938); Perelandra (1943); That Hideous Strength (1945); todos publicados em Nova York pela Macmillan.

MORRIS, Thomas V. Making Sense of It All: Pascal and the Meaning of Life. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1992.

PASCAL, Blaise. Pensées. Trad. A. J. Krailsheimer. Harmondsworth, U.K.: Penguin, 1966.

Compromissos fundacionais, cosmovisões e religiões alternativas

Como enfatizei no capítulo 6, uma das principais razões para o fracasso dos bons argumentos de persuasão é o compromisso fundamental assumido com ideias e valores falsos e problemáticos. Esse fator tem sido um dos pontos centrais de meu próprio ministério de defesa da fé e resultou em The Universe Next Door, um catálogo de cosmovisões básicas – teísmo, deísmo, naturalismo, niilismo, existencialismo, monismo panteísta oriental, a Nova Era e o pós-modernismo. Acredito ser vital que os apologistas tenham uma compreensão básica dessas orientações fundamentais a fim de, primeiramente, entender onde eles mesmos se posicionam, e em segundo lugar, qual é a origem de seus parceiros de diálogo. The Universe Next Door também analisa cosmovisões e mostra a força superior da cosmovisão cristã. Gostaria que sua abordagem à análise do interlocutor se tornasse uma segunda natureza do testemunho cristão. É o padrão de testemunho que tem sustentado grande parte de meu próprio testemunho cristão.

Esta é sua forma geral: primeiro, uma testemunha cristã se familiariza intimamente com sua própria cosmovisão cristã, buscando compreender o máximo possível de cada aspecto. Segundo, a testemunha reconhece que, quer estejam cientes disse ou não, todos – cristãos ou não cristãos, jovens ou velhos, ocidentais ou orientais – têm uma cosmovisão. Terceiro, a testemunha sabe (por uma boa razão) que toda cosmovisão não cristã implica (1) autonomia da razão humana ou (2) compromissos com falsos deuses ou (3) pressuposições fundacionais extremamente dúbias. Quarto, o cristão acredita que, discernidas essas pressuposições, será possível demonstrar que, quando conduzidas à sua conclusão lógica, essas pressuposições (1) se contradizem mutuamente, (2) podem provar-se especulativas ou contrárias a evidências óbvias de que sua credibilidade está profundamente enfraquecida ou (3) não são os pressupostos que realmente embasam as ações de uma pessoa. (Combinações de qualquer uma ou de todas as opções acima são possíveis.) Schaeffer chamava isso de “remover o telhado da casa dos não cristãos”. Quinto, quando aqueles que sustentam a cosmovisão inadequada descobrem sua inadequação, o cristão pode apresentá-los à cosmovisão cristã precisamente no ponto ou pontos nos quais a cosmovisão não cristã revelou sua fraqueza.119

Até recentemente, o principal desafio à fé cristã vinha dos naturalistas – aqueles que enaltecem as virtudes da ausência total de fé. Em uma seção abaixo, eu recomendo livros que argumentam em favor da existência de Deus. Aqui estão desafios cristãos ao naturalismo em si. Entre eles, Miracles e The Abolition of Man, de Lewis, destacam-se pela lucidez de seus argumentos. Em The Question of God, Armand Nicholi, psicólogo cristão da Universidade de Harvard, contrasta de forma magistral as vidas e as visões de C. S. Lewis e Sigmund Freud, encontrado também em um bem produzido documentário de TV.

Apologistas maduros também têm uma boa compreensão dos compromissos religiosos alternativos. Entre os principais bons livros estão Neighboring Faiths, de Winfried Corduan, e Christianity and World Religions, de Norman Anderson. Ambos delineiam de forma clara as crenças básicas de outras importantes religiões mundiais e mostram a singularidade do cristianismo, revelando ser mentirosa a noção popular de que todas as religiões levam ao mesmo fim. Com seu crescente impacto em todo o mundo, o islamismo merece maior atenção. Aqui, Cross and Crescent, de Colin Chapman, e The Prophet and the Messiah, de Chawkat Moucarry, são recursos valiosos. Para uma excelente análise e rejeição do relativismo religioso, poucas opções são melhores do que Dissonant Voices and Encountering Religious Pluralism, de Harold A. Netland.

Para as distorções pós-modernas na cosmovisão, sugiro Truth Decay, de Douglas Groothuis, e Total Truth, de Nancy Pearcey. O primeiro desnuda a incoerência dos entendimentos pós-modernos de “verdade”. O segundo é Francis Schaeffer em alta voltagem – simplesmente a melhor peça de análise cultural em décadas recentes. Este livro fará mais para ajudar um cristão a entender a cultura ocidental do início do século 21 do que uma pilha de livros por outros críticos, inclusive os meus.

Para uma análise profunda das cosmovisões e religiões alternativas individuais sugiro estes: David K. Clark e Norman L. Geisler, Apologetics in the New Age: A Christian Critique of Pantheism; Douglas Groothuis, Unmasking the New Age; e James Herrick, The Making of the New Spirituality.

Altamente recomendados

ANDERSON, Norman. Christianity and World Religions. 2ª ed. Downers

Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

CHAPMAN, Colin. Cross and Crescent: Responding to the Challenge of Islam. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2003.

CORDUAN, Winfried. Neighboring Faiths: A Christian Introduction to World Religions. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1998.

GROOTHUIS, Douglas. Unmasking the New Age. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986.

_____. Truth Decay: Defending Christianity Against the Challenges of Postmodernism. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000.

HERRICK, James A. The Making of the New Spirituality: The Eclipse of the Western Religious Tradition. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2003.

LEWIS, C. S. The Abolition of Man. Nova York: Macmillan, 1947.

_____. Miracles: A Preliminary Study. Macmillan, 1947.

MOUCARRY, Chawkat. The Prophet and the Messiah: An Arab Christian's Perspective on Islam and Christianity. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001.

NETLAND, Harold. Dissonant Voices: Religious Pluralism and the Question of Truth. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991.

_____. Encountering Religious Pluralism: The Challenge to Christian Faith and Mission. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001.

PEARCEY, Nancy. Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity. Wheaton, Ill.: Crossway, 2004.

SIRE, James W. The Universe Next Door. 4ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

Recomendados

BROWN, Colin. Miracles and the Critical Mind. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1984.

CLENDENIN, Daniel B. Many Gods, Many Lords: Christianity Encounters World Religions. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995.

GEIVETT, R. Douglas; HABERMAS, Gary R., org. In Defense of Miracles: A Comprehensive Case for God's Action in History. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1997.

GROOTHUIS, Douglas. Confronting the New Age: How to Resist a Growing Religious Movement. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1988.

SWINBURNE, Richard. The Concept of Miracle. Londres: Macmillan, 1995.

O desafio da ciência e da evolução

Afirmo no capítulo 7 que a questão da evolução tem uma carga emocional tão grande que, a menos que seja apresentada por um cético, deve ser evitada. Bem, o tópico certamente surgirá, e não pode ser evitado. Por isso, aqueles que defendem a cosmovisão cristã devem estar preparados. Na verdade, eles devem estar preparados para duas situações bastante distintas, primeiramente com céticos, e depois com cristãos. Com os céticos – surpreendentemente – a questão é relativamente simples. Aqui, o objetivo não deve ser tanto refutar a evolução biológica como uma teoria, mas ajudar o cético a perceber que a verdadeira questão não é como a biosfera chegou ao seu estado presente, mas se Deus esteve envolvido no processo. Essa questão não pode ser resolvida unicamente no contexto da teoria evolucionista. Ela envolve suposições filosóficas e/ou teológicas. Há, no entanto, valor em demonstrar que a teoria evolucionista atual, fundamentada como é em premissas totalmente naturalistas, não explica tudo o que alega explicar; que, ao contrário do que afirma Richard Dawkins, ela não permite que alguém seja um "ateu intelectualmente realizado". Abre-se espaço, portanto, para que o cético considere a afirmação da existência de Deus, especialmente uma defesa cujo foco esteja em Jesus.

A segunda situação surge em conversas com cristãos cuja fé o apologista está tentando equipar com fundamentos. O fato é que não há consenso entre cristãos esclarecidos e inteligentes. Todo apologista, portanto, precisa ter uma posição instruída, seja uma das várias opções específicas apresentadas e promovidas por experts cristãos ou uma posição como a minha – de que nenhum ponto de vista está obviamente certo e que não é necessário decidir qual deles é correto. A questão central não é como Deus fez, mas se ele o fez. Os detalhes podem, seguramente, ser deixados àqueles com interesse e talento para esclarecê-los.

A evolução é, obviamente, somente um tema no contexto mais amplo da ciência. Será vital, portanto, ter uma boa compreensão da relação entre ciência e fé cristã. Para isso, recomendo um livro acima de todos: The Soul of Science: Christian Faith and Natural Philosophy, de Nancy R. Pearcey e Charles B. Thaxton. O livro cobre a história dessa relação e define o contexto para se compreender o desafio da evolução darwiniana. Outro livro útil, escrito pelo filósofo da ciência Del Ratzsch, é Science and Its Limits. Finalmente, The Way the World Is, de John Polkinghorne, recomendado por um amigo químico.

Quando passamos da ciência em geral para a evolução em particular há uma questão sobre a qual tenho um ponto de vista específico: a natureza do relato de Gênesis sobre as origens. A obra de Henri Blocher In the Beginning me convenceu que os primeiros capítulos de Gênesis não abordam o tema da criação do ponto de vista da ciência, mas personificam de uma forma literária a noção teológica da criação ex nihilo por um Deus pessoal, uma visão do cosmos e o lugar da humanidade nesse cosmos que difere radicalmente das diversas antigas mitologias pagãs da criação. Por um lado, essa ideia absolve os relatos de Gênesis de qualquer acusação de ciência deficiente. Por outro lado, significa que nenhuma cosmogonia científica moderna encontrará em Gênesis material com algum uso “científico” direto. Gênesis simplesmente não está tratando de questões científicas. É claro que o livro aborda sim questões metafísicas, e estas interagem com a ciência em um nível fundamental.

Acadêmicos e cientistas cristãos, como mencionei anteriormente, adotam uma variedade de pontos de vista da evolução, quer estes se ajustem ou não à fé cristã. Em Science and Christianity: Four Views, organizado por Richard F. Carlson, cada um dos quatro especialistas apresenta sua própria solução específica. Essas soluções vão do criacionismo, a noção de que uma Bíblia inerrante é a autoridade sobre todos os temas que aborda, inclusive as questões científicas; a independência, a ideia de que a Bíblia lida com questões teológicas

e morais, mas não aborda o tema da ciência, e que ciência não tem qualquer relação com religião; o acordo qualificado, que inclui as visões dos cientistas do design inteligente; e a parceria, que afirma haver uma interface entre a Bíblia e a ciência, uma visão compatível com o que chamei de evolução teísta no capítulo 5. É possível que os valores mais importantes dessa coleção sejam, primeiramente, mostrar que cristãos com pontos de vista divergentes sobre ciência e fé podem discutir as questões sem elevar o tom de voz e, segundo, alertar o apologista iniciante quanto à complexidade dos temas. Esse livro deve produzir humildade no coração de cada apologista cristão cujo preparo na ciência seja restrito.

A quantidade de livros sobre evolução cresceu significativamente nas duas últimas décadas, o que explica a publicação em 1986 de Evolution: A Theory in Crisis, de Michael Denton. Apesar de não ter sido escrito por um cristão, o livro traz perguntas ainda não respondidas pelos teóricos evolucionários darwinianos. No mesmo ano surgiu O relojoeiro cego, do ateu militante Richard Dawkins, um clarim contra qualquer ideia que não seja um Universo que evoluiu sem um plano ou um projetista. Esses livros provocaram respostas de Phillip E. Johnson, cristão e professor de direito especializado em argumentação: Darwin on Trial, em 1991, e uma série de publicações subsequentes que contestam a defesa da evolução. Quando a obra Darwin’s Black Box do biólogo Michael Behe foi publicada em 1996, o argumento ganhou um contorno crítico. Havia agora razões para crer que a teoria evolucionista jamais seria capaz de explicar a origem de muitos mecanismos biológicos “irredutivelmente complexos”. Será importante que os apologistas estejam plenamente cientes desses desdobramentos.

Outros livros importantes relacionados à “ciência do design” são The Design Revolution, de William Dembski, Icons of Evolution, de Jonathan Wells, Signs of Intelligence, organizado por William Dembski e James Kushiner, e The Privileged Planet, de Guillermo Gonzalez e J. W. Richards. A história do progresso do argumento em favor da “ciência do design” é relatada por Thomas Woodward em Doubts About Darwin: A History of Intelligent Design. Evolucionistas teístas, no entanto, ainda são maioria entre os cristãos que praticam a ciência. Veja a coleção de trabalhos de Keith B. Miller, Perspectives on an Evolving Creation.

Dois vídeos, Unlocking the Mystery of Life (o design inteligente na biosfera) e The Privileged Planet (o design inteligente no cosmos) são excelentes

introduções à relação entre fé cristã e ciência (disponíveis em <www.illustramedia.com>).

A literatura sobre evolução parece crescer exponencialmente. O periódico cristão Perspectives on Science and Christian Faith, publicado pela American Scientific Affiliation, acompanha esse crescimento por meio de resenhas de livros, artigos e notas.

Altamente recomendados

BEHE, Michael, Darwin's Black Box. Nova York: Free Press, 1996.

BLOCHER, Henri. In the Beginning: The Opening Chapters of Genesis. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

CARLSON, Richard F., org. Science and Christianity: Four Views. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000.

DAWKINS, Richard. The Blind Watchmaker. Nova York: W. W. Norton, 1986.

DEMBSKI, William. The Design Revolution: Answering the Toughest Questions About Intelligent Design. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

DEMBSKI, William A.; KUSHINER, James M., org. Signs of Intelligence: Understanding Intelligent Design. Grand Rapids, Mich.: Brazos, 2001.

DENTON, Michael. Evolution: A Theory in Crisis. Bethesda, Md.: Adler and Adler, 1986.

GONZALEZ, Guillermo; RICHARDS, Jay W. The Privileged Planet. Washington, D.C.: Regnery, 2004.

JOHNSON, Phillip E. Darwin on Trial. 2ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

_____. Reason in the Balance: The Case Against Naturalism in Science, Law and Education. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1995.

MILLER, Keith B., org. Perspectives on an Evolving Creation. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2003.

PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. The Soul of Science: Christian Faith and National Philosophy. Wheaton, Ill.: Crossway, 1994.

POLKINGHORNE, John. The Way the World Is. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1983.

RATZSCH, Del. Science and Its Limits: The Natural Sciences in Christian Perspective. 2ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000.

WELLS, Jonathan. Icons of Evolution: Science or Myth? Washington, D.C.: Regnery, 2000.

WOODWARD, Thomas. Doubts About Darwin: A History of Intelligent Design. Grand Rapids, Mich.: Baker, 2003.

O problema da dor, do sofrimento e do mal

A presença da dor, do sofrimento e do mal à luz de um Deus onisciente, todo-poderoso e plenamente bom leva possivelmente à objeção mais contundente e frequente à fé cristã. Felizmente, um número incontável de teólogos, professores da Bíblia, filósofos e apologistas cristãos abordou a questão. Infelizmente, nenhuma das várias respostas apresenta-se como uma solução definitiva. Mesmo assim, algumas das principais formas de lidar com o problema têm muito que as recomende e podem ser encontradas em muitos dos livros já listados na categoria "geral" mencionada acima, particularmente as obras de Kreeft e Moreland, Kreeft e Tacelli, Knechtle, Dyrness e Little. Minha breve discussão do problema pode ser encontrada em Why Should Anyone Believe Anything at All?.

Para análises mais profundas e extensas, os livros a seguir podem ser úteis. Em Evil and the Cross, Henri Blocher explica as principais maneiras de abordar o problema e conclui que a única resposta satisfatória está na cruz de Cristo. Se o problema deve ser "resolvido", eu também creio que será feito somente por

aqueles que descansam tão profundamente em Cristo que enxergam o problema do mal por uma dimensão divina. O livro de Blocher é uma rica mina de pensamentos e discernimento a serem contemplados em detalhe. Também me impressiona a abordagem profunda de John Wenham à bondade de Deus em The Enigma of Evil; ele trata da questão em tempos tanto bíblicos quanto modernos. How Long, O Lord?, de D. A. Carson, explora o problema, especialmente quando confronta cristãos que já confiam que Deus é ao mesmo tempo bom e todo-poderoso e, no entanto, permite grande sofrimento e mal desprezível. A atitude do Antigo Testamento em relação à guerra é vista por muitos céticos como uma grande pedra de tropeço. Peter C. Craigie aborda bem essa questão em The Problem of War in the Old Testament.

Não haveria justificativa – jamais – para não mencionar dois livros que, apenas pelo fato de existirem, destacam dois aspectos importantes do problema da dor: o intelectual e o pessoal. Em The Problem of Pain (1940), C. S. Lewis aborda o problema intelectual: Como um Deus bom pode permitir tanto mal? E ele oferece uma análise inteligente e esclarecida do problema, aparentemente deixando de lado qualquer dificuldade que ele mesmo tenha enfrentado com a questão. Após a morte de Joy Davidman, com quem se casou já em idade avançada, a profunda dor de Lewis o levou a dúvidas profundas. Ele descreve isso em A Grief Observed (1961), cuja primeira edição foi publicada sob pseudônimo. Não tão leve no tom quanto The Problem of Pain, esse livro mergulha profundamente na psicoespiritualidade de um cristão brilhante cuja fé está sendo severamente testada. Lidos em sequência, os dois livros chegam muito próximo de resolver a questão.

Finalmente, para uma defesa filosófica peso-pesado da bondade de Deus, há God, Freedom and Evil, de Alvin Plantinga. Esse livro não é apropriado para os de ânimo fraco. No entanto, para o cristão intelectualmente dotado e o cético filosófico completo, é admirável a defesa que apresenta.

Altamente recomendados

BLOCHER, Henri. Evil and the Cross. Trad. David G. Preston. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994.

CARSON, D. A. How Long, O Lord? Reflections on Suffering and Evil. Grand

Rapids, Mich.: Baker, 1990.

CRAIGIE, Peter C. The Problem of War in the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1978.

KREEFT, Peter. Making Sense out of Suffering. Ann Arbor, Mich.: Servant, 1986.

LEWIS, C. S. A Grief Observed. 1961; reimpressão São Francisco: HarperSanFrancisco, 1994.

_____. The Problem of Pain. Nova York: Macmillan, 1962.

PLANTINGA, Alvin. God, Freedom and Evil. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1974.

WENHAM, John. The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God? Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1985.

Dúvida

A sombra escura da dúvida recai sobre todo o conjunto de temas e argumentos em defesa da fé cristã.

“Sim”, diz o cético, “vejo razões para crer na ressurreição. Sim, entendo por que o problema do mal não anula, necessariamente, a afirmação de que Deus é plenamente bom e amoroso. Sim, está claro que a teoria da evolução não explica o que se propõe a explicar. A ideia da criação inteligente é muito mais satisfatória do ponto de vista intelectual. Mas não estou convencido. E se – continuo pensando – se for tudo fantasia, realização do desejo dos excessivamente otimistas?”

Os cristãos também são assaltados pela dúvida muitas vezes. Eles creram, confiaram, mas são severamente pressionados por perguntas não respondidas. Tanto no caso do cético quanto do crente, são as várias versões do problema da dor e do sofrimento e do mal que despertam essa dúvida. Costuma ser benéfico

para os que estão em dúvida constatar que não estão sós, que a reflexão da dúvida é tão antiga quanto a humanidade. “Deus disse isso...?”, perguntou o Tentador. E muitas vezes o salmista mostrou-se perplexo com a demora de Deus para consolar o aflito.

Hoje, somos afortunados por ter incontáveis apologistas cristãos que lidam com a dúvida de formas profundas e criativas. Cinco títulos encabeçam minha lista de livros úteis. O primeiro é Proper Confidence, de Lesslie Newbigin. Newbigin, durante um longo período um acadêmico e missionário na Índia, mostra por que a busca por certeza filosófica conduziu ao niilismo, e apresenta uma defesa para a “confiança apropriada” como alternativa. Embora eu não aceite a visão que Newbigin tem da Bíblia, sua compreensão do que podemos esperar conhecer, sendo seres humanos caídos redimidos e inclinados a buscar e servir a Deus, sustenta boa parte da minha abordagem neste livro.

Em God in the Dark, Os Guinness identifica uma variedade de causas para a dúvida e apresenta uma maneira de responder a cada uma delas. Em When Faith Is Not Enough, Kelly James Clark é particularmente enfático quando descreve o caráter da dúvida e seus efeitos. Mas vai muito além. Através das exposições do conceito de Ernst Becker do eu e os três estágios da vida por Søren Kierkegaard, Clark elucida a alegria de uma vida de fé autêntica. Um quarto título, introduzido acima, também é extremamente relevante: A Grief Observed, de C. S. Lewis, expõe a angústia existencial de um homem que, diante da perda da esposa, vai do desespero à dúvida sobre a bondade de Deus.

Finalmente, quero destacar o livro que me ajudou durante a universidade, quando minhas dificuldades não eram tanto com dúvidas intelectuais, mas com a sensação incômoda de que talvez eu tivesse me comprometido muitos anos antes com algo que não poderia ser justificado pelo pensamento racional. Eu não pensava que minha fé era falsa, mas sim que não conseguiria encontrar razões suficientes para pensar nela como verdadeira. The Witness of the Spirit, de Bernard Ramm, sossegou minha mente e em muito satisfez minha alma.

Altamente recomendados

CLARK, Kelly James. When Faith Is Not Enough. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1997.

GUINNESS, Os. God in the Dark: The Assurance of Faith Beyond a Shadow of a Doubt. Wheaton, Ill.: Crossway, 1966.

LEWIS, C. S. A Grief Observed. Londres: Faber and Faber, 1961.

NEWBIGIN, Lesslie. Proper Confidence: Faith, Doubt and Certainty in Christian Discipleship. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1995.

RAMM, Bernard. The Witness of the Spirit. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1960.

Recomendados

BAVINCK, Herman. The Certainty of Faith. St. Catherines, Ont.: Paideia, 1980.

CLOUSER, Roy. Knowing with the Heart: Religious Experience and Belief in God. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.

DUBAY, Thomas. Faith and Certitude. San Francisco: Ignatius, 1985.

A existência de Deus

Argumentos em favor da existência de Deus são antigos e frequentemente repetidos. Alguns apologistas já mencionados – especialmente Kreeft e Tacelli, e Moreland e Craig – os apresentam e analisam. Além disso, eles também aparecem de forma elaborada em várias obras que merecem destaque.

Como já comentei em capítulos anteriores, a maioria desses argumentos não me impressiona. A primeira razão e a mais importante delas é porque creio que João Calvino estava basicamente correto ao afirmar que os seres humanos são dotados de uma compreensão da existência de Deus. Ele chamou essa capacidade de sensus divinitatus. Não se trata de algo que se pode identificar com precisão, da mesma forma como se identifica o olho como a origem da visão ou o ouvido como a origem da audição. A existência de Deus é simplesmente uma

compreensão imediata, como a percepção de que se está desperto; algo que ignoramos até que exista alguma dúvida, assim como quando desconfiamos que estamos sonhando. Para um aprofundamento desse conceito, veja Knowing with the Heart, de Roy Clouser.

Há, no entanto, outras razões para minha desconfiança dos argumentos em favor da existência de Deus. Alguns deles são tão técnicos que somente os extremamente inteligentes podem compreendê-los. Alguns fracassam devido à falha ou falhas no próprio argumento, ou produzem um conceito tão superficial de Deus que movem o cético pouco mais de um milímetro na direção do conceito cristão de Deus que ainda continua a um quilômetro de distância. Mesmo assim, o apologista em amadurecimento deve estar ciente dos argumentos; talvez surjam ocasiões em que eles se provarão úteis.

Livros de valor especial incluem The Existence of God, de Richard Swinburne, He Who Is, de E. L. Mascal, God and Philosophy, de Étienne Gilson, God and Other Minds, de Alvin Plantinga, e, mais recentemente, God, Reason and Theistic Proofs, de Stephen T. Davis.

Um pouco mais acessível é a coleção de dissertações organizada pelo filósofo cristão J. P. Moreland e pelo filósofo ateu Kai Nielsen. A coleção é prefaciada por um artigo muito útil que explica por que a existência de Deus é realmente algo que vale a pena debater (apesar daqueles, como eu, que ainda indagam a respeito). Em seguida, Does God Exist? traz uma visão contra e a favor, cada autor analisando e refutando os argumentos do outro. Outros autores, tanto cristãos (William Lane Craig, Dallas Willard e Peter Kreeft) quanto não cristãos (Antony Flew e Keith Parsons), também contribuem. Curiosamente, o livro é publicado pela Prometeu Books, especializada em promover o ateísmo e o humanismo secular.

Altamente recomendados

CLOUSER, Roy. Knowing with the Heart. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.

DAVIS. Stephen T. God. Reason and Theistic Proofs. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1997.

GILSON, Étienne. God and Philosophy. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1941.

MASCAL, E. L. He Who Is: A Study in Traditional Theism. Londres: Darton, Longman and Todd, 1966.

MORELAND, J. P.; NIELSEN, Kai. Does God Exist? The Debate Between Theists and Atheists. Buffalo, N.Y.: Prometheus, 1993.

PLANTINGA, Alvin. God and Other Minds. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1967.

SWINBURNE, Richard. The Existence of God. Oxford: Clarendon Press, 1979.

A experiência pessoal de Deus

Prefiro imaginar que o argumento prático mais predominante para a fé cristã seja o relato dos cristãos sobre sua própria conversão. O argumento, obviamente, é fraco do ponto de vista racional. Afinal, todos têm algum tipo de história sobre seu encontro com o divino. Por que eu deveria crer na sua? Retoricamente, no entanto, as histórias de conversão têm muito peso e, às vezes, levam as pessoas com quem falamos a despertar subitamente e perceber o que está em risco.

Nessa categoria nós temos a abundância do próprio Deus para escolher. Vou mencionar apenas alguns livros que considero particularmente úteis para serem lembrados pelos cristãos em suas conversas com não crentes. O primeiro é Surprised by Joy, de C. S. Lewis, o relato de sua conversão gradual do ateísmo à mais pura fé cristã. Outro livro, provavelmente mais relevante há uma década, é Born Again, de Charles Colson, um dos conspiradores no caso Watergate. Ele explica o papel desempenhado pela obra Mere Christianity, de Lewis, na sua busca pela fé. Em The Good Life, Colson detalha as experiências de muitos outros que encontraram essa vida em Cristo. Entre os relatos mais dramáticos e tocantes, no entanto, está Talking About God Is Dangerous, de Tatiana Goricheva. Dissidente russa, Tatiana nos leva aos bastidores da filosofia do meio universitário na Moscow State University antes da queda do comunismo,

relatando sua mudança do marxismo-leninismo para a fé cristã ortodoxa passando pela ioga e pelo existencialismo. De um cristão convertido há muito tempo com uma vida pessoal menos tumultuada temos Why I am a Christian, de John Stott. Há também um livro que desencadeou uma onda de interesse entre intelectuais após uma palestra minha em Podrica, Montenegro: Albert Camus and the Minister, de Howard Mumma.

Para os apologistas envolvidos com o mundo acadêmico, três coleções são particularmente úteis. Kelly James Clark reúne as histórias de conversão de 11 professores de Filosofia em Philosophers Who Believe, e Thomas V. Morris acrescenta outros 20 relatos em God and the Philosophers. Em um terceiro volume – Professors Who Believe – Paul M. Anderson coleta relatos de todo o mundo acadêmico. Esses livros oferecem leitura fascinante, ilustrando de forma brilhante uma das principais teses deste livro: Cristo pode ser o único caminho para Deus, mas há muitos caminhos para Cristo.

Altamente recomendados

ANDERSON, Paul. M., org. Professors Who Believe: The Spiritual Journeys of Christian Faculty. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1998.

CLARK, Kelly James, org. Philosophers Who Believe: The Spiritual Journeys of Eleven Leading Thinkers. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

COLSON, Charles. Born Again. Old Tappan, N.J.: Chosen Books, 1976.

COLSON, Charles, com Harold Fickett. The Good Life. Wheaton: Tyndale House, 2005.

DOWNING, David. The Most Reluctant Convert: C. S. Lewis’s Journey to Faith. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002.

GORICHEVA, Tatiana. Talking About God Is Dangerous. Trad. John Bowden. Nova York: Crossroad, 1987.

LEWIS, C. S. Surprised by Joy: The Shape of My Early Life. Londres: Geoffrey Bles, 1955.

MORRIS, Thomas V., org. God and the Philosophers: The Reconciliation of Faith and Reason. Nova York: Oxford University Press, 1994.

MUMMA, Howard. Albert Camus and the Minister. Brewster, Mass.: Paraclete, 2000.

STOTT, John R. W. Why I Am a Christian. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

Palavras finais de um pregador da antiguidade e um piadista moderno

O autor de Eclesiastes (12.12) estava, no mínimo, parcialmente certo:

Não há limite para fazer livros,

e o muito estudar é enfado da carne.

Gosto da primeira metade. No entanto, a camiseta que me foi presenteada na ocasião da minha aposentadoria da InterVarsity Press talvez expresse melhor:

Tantos livros, tão pouco tempo.

Nota

* C. S. Lewis foi quem popularizou o argumento de que Jesus ou era um mentiroso, um lunático ou o Senhor. Contudo, não foi Lewis quem o inventou. Em meados do século 19, o pregador cristão escocês, “Rabbi” John Duncan (1796-1870) elaborou o que ele chamou de “trilema”: Cristo (1) enganou a humanidade com uma fraude de forma intencional [mentiroso], (2) ele próprio era iludido e enganado sobre si mesmo [lunático] ou (3) ele era divino [Senhor] (N. do R.). Ele é inevitável.

Notas bibliográficas

PREFÁCIO

1 William Lane Craig faz esse relato em Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics, ed. rev. Wheaton, Ill.: Crossway, 1994, p. 74.

Eu creio – Ajude-me em minha falta de fé

2 TENNYSON, Alfred Lord. “In Memoriam A. H. H.”, poema 54. A. H. H. é Arthur Henry Hallam, amigo próximo de Tennyson que morreu aos 22 anos.

3 Em A Little Primer on Humble Apologetics (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2006) tentei explicar e justificar essa definição de “apologética humilde”. Pouco antes dos retoques finais neste livro, li uma citação do teólogo John Oman que me impactou como um paralelo à minha definição de apologética: “Há somente uma forma correta de pedir aos homens que creiam, e esta é colocar diante deles o que eles deveriam acreditar porque é verdadeiro; e há somente uma maneira correta de persuadir, e esta é apresentar o que é verdadeiro de tal forma que nada, exceto o desejo de permanecer nas trevas, o impeça de ser percebido; e há somente mais uma forma de ajudá-los, e esta é apontar no que estimam aquilo que se opõe à fé. Quando tudo isso é feito, ainda é necessário reconhecer que a fé é dom de Deus, não é obra de nossas mãos, que vem da manifestação divina da verdade da vida, não de nossa demonstração por argumentação ou da comoção por nossa eloquência”. (Grace and Personality. Nova York: Association Press, 1961, p. 121, conforme citado por MARTY, Martin E. Varities of Unbelief. Garden City, N.Y.: Anchor Books, 1966, p. 198-99).

PARTE UM – FALÁCIAS LÓGICAS COMUNS

4 “Love is a Fallacy”, de The Many Loves of Dobie Gillis, ©1951, 1979, de Max Shulman, é reproduzido com permissão de Harold Matson Co., Inc.

Capítulo 2: Vocês são todos uns hipócritas!

5 Lucas é particularmente claro em sua tentativa de relatar corretamente a história de Jesus (Lc 1.1-4). Em algumas ocasiões, os autores dos Evangelhos incluem informações inesperadas pelo autor ou pelos leitores. Por exemplo, a menos que as mulheres de fato tenham sido as primeiras a saber da ressurreição de Jesus, esse detalhe por certo não seria incluído nos relatos do Evangelho, pois à época, as mulheres não eram consideradas testemunhas críveis no tribunal. A história da ressurreição ganha credibilidade graças a tais detalhes incomuns.

6 WHITEHEAD, Alfred North. Science and the Modern World, 1925; reimpressão. Nova York: Mentor, 1948, p. 25.

7 Citado por JESSON, Greg. “Beyond Ideological Impasses: Francis Schaeffer on Truth, Community and the Life of Discussion”. In: Witherspoon Fellowship Lectures, nº. 37, 17 de novembro de 2004, p. 11.

Capítulo 3: É perigoso acreditar que você está certo

8 Immanuel Kant pensou que poderia entender o fundamento da causa, mas sua filosofia é notória por sua dificuldade. Veja SCRUTON, Roger. Kant, Past Masters (Oxford: Oxford University Press, 1982), p. 22-40, para uma exposição clara dessa faceta do pensamento de Kant.

9 Jerry Falwell conforme citado por SULLIVAN, Andrew. “This Is a Religious War”. In: New York Times Magazine, 7 de outubro de 2001, disponível em <www.query.nytimes.com/search/restricted/article?res=FA0814FF39590C748CDDA90994D9404482>.

10 SULLIVAN. “This Is a Religious War”.

11 Ibid.

12 Ibid.

13 Ibid.

14 FRIEDMAN, Thomas L. “Foreign Affairs; The Real War”. In: New York Times, 27 de novembro, 2001, disponível em <www.query.nytimes.com/search/restricted/article?res=F30810F73A5E0C748EDDA80994D9404482>.

15 David Schnaider, carta ao editor, New York Times, 29 de novembro, 2001, seção A, p. 34.

16 Veja a excelente análise sociológica de Christian Smith e Melinda Lundquist Denton da razão pela qual adolescentes de uma variedade de denominações cristãs e outras religiões adotaram o Deísmo Moralista Terapêutico como sistema de crença de fundo (cosmovisão): Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 172-92.

17 A versão de Sigmund Freud para a satisfação de desejo, obviamente, é muito mais sofisticada do que as versões populares. Em The Future of an Illusion ele argumenta que as noções sobre deuses e religião surgiram da tentativa feita por nossos antepassados primitivos de explicar um ambiente hostil natural e humano e lidar com ele. “Os deuses mantêm sua tripla tarefa”, afirma Freud. “Eles devem exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente demonstrado na morte, e devem compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impõe” (trad. W. D. Rodman-Scott, rev. por James Strachey. Garden City, N.Y.: Anchor, 1964, p. 24). Em outras palavras, a crença em Deus satisfaz o desejo de que essa tarefa tripla seja cumprida. E qualquer crença é “uma ilusão quando a satisfação de um desejo é um fator proeminente em sua motivação, e assim fazendo, desprezamos sua relação com a realidade, exatamente como a própria ilusão não aprecia a verificação” (ibid., p. 49). Freud argumenta que, diferentemente das noções religiosas, sua explicação baseia-se na ciência. É irônico que exatamente esse dito fundamento científico tenha sido colocado em questão; a explicação do próprio Freud foi rejeitada por grande parte da comunidade científica. Isso não impediu, contudo, que as versões “populares” continuassem populares. Para um ensaio crítico breve, porém eficaz de Freud, veja EDGAR, William. Reasons of the Heart: Recovering Christian Persuasion. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1996, p. 79-84. Veja também DYRNESS, William. Christian Apologetics in a World Community. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983, p. 133-40; e NICHOLI JR., Armand M. The Question of God: C. S. Lewis and Sigmund Freud Debate God, Love, Sex and the Meaning of Life. Nova York: Free Press, 2002.

18 AGOSTINHO. Confissões 1.1.

19 CALVINO, João. As institutas da religião cristã 1.3.1.

20 Como destacam Scott Burson e Jerry L. Walls, a isso C. S. Lewis deu o nome de Bulverismo: “a noção de que os pensamentos de seu oponente estão contaminados, mas os seus não estão”. De sua autoria, veja C. S. Lewis and Francis Schaeffer: Lessons for a New Century from the Most Influential Apologists of Our Time. Downers Grove: InterVarsity Press, 1998, p. 161; e LEWIS, C. S. “Bulversim”. In: HOOPER, Walter, org. God in the Dock: Essays on Theology and Ethics. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1970, p. 273.

21 SISSON, Edward. “Darwin or Lose”. In: Touchstone, julho/agosto de 2004, p. 40. Além disso, atribuir motivos não racionais a alguém é uma forma sutil de argumento ad hominem, discutido no próximo capítulo.

22 NIETZSCHE, Friedrich. “On Truth and Lie in an Extra-moral Sense”. In: The Portable Nietzsche. Trad. Walter Kaufmann., Nova York: Viking, 1954, p. 46.

23 FOUCAULT, Michel. “Truth and Power” (de Power/Knowledge). In: RABINOW, Paul, org. The Foucault Reader. Nova York: Pantheon, 1984, p. 74.

24 RORTY, Richard. “Relativism: Finding and Making”. In: Philosophy and Social Hope. Londres: Penguin, 1999, p. xxvi.

Capítulo 4: Você insultou a todos nós

25 Soube posteriormente que Richard Dawkins deu a mesma resposta quando Phillip Johnson lhe perguntou sobre Darwin's Black Box, de Michael Behe. Veja WOODWARD, Thomas. Doubts About Darwin: A History of Intelligent Design. Grand Rapids, Mich.: Baker, 2003, p. 162.

26 O filósofo David Beck me relatou pelo menos um uso anterior de uma história semelhante em Ensaio acerca do entendimento humano, de John Locke. Locke identificou sua origem na Índia. Seu uso da história é tão diferente do meu que qualquer resposta a ela por críticos subsequentes seria irrelevante.

PARTE DOIS – BONS ARGUMENTOS QUE MUITAS VEZES FALHAM

27 Observe que validade é uma avaliação da forma de um argumento, e não da veracidade de sua conclusão. Um argumento pode ser válido na forma mesmo se suas premissas forem falsas, no entanto, nesse caso, sua conclusão provavelmente será falsa também. A lógica e as falácias do pensamento dedutivo são explicadas em mais detalhe em MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. Philosophical Foundations for a Christian Worldview. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2003, p. 28-66.

28 CRAIG, William Lane. Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics, ed. rev. Wheaton, Ill.: Crossway, 1994, p. 41.

29 Ibid., p. 50.

30 Ibid.

Capítulo 5: As pessoas não conseguem se comunicar. Como é?

31 George Mavrodes, “There Was a Wind Blowing”, em Thomas V. Morris, God and the Philosophers: The Reconciliation of Faith and Reason (Nova York: Oxford University Press, 1994), p. 212-13.

32 Por retórica eu me refiro à “arte da persuasão” ou “a arte de construir e apresentar argumentos eficazes”. Ou, como afirmou Aristóteles: “A retórica pode ser definida como a faculdade de observar em qualquer caso específico os meios de persuasão disponíveis (...). [É] o poder de observar os meios de persuasão em praticamente qualquer tema que nos for apresentado” (Rhetoric 1.2. In: The Basic Works of Aristotle. Trad. Richard McKeon. Nova York: Random House, 1941, p. 1.329). Essa arte, naturalmente, pode ser corrompida empregando-se meios de persuasão – como o apelo emocional (ira, sentimentalismo, difamação dos que discordam) que nada contribuem à possibilidade de verdade do argumento. A retórica eficaz como tal, no entanto, é um componente da maioria das apresentações bem-sucedidas da verdade.

33 STACKHOUSE, John G. Jr. Humble Apologetics: Defending the Faith Today. Nova York: Oxford University Press, 2002, p. xvi.

34 Ibid., p. 72.

35 Na Urbana 93, conferência missionária trienal promovida pela InterVarsity, presenciei 17.000 pessoas sentadas em absoluta atenção enquanto Ravi Zacharias apresentava um argumento racional em defesa da fé cristã. Sim, ele contou algumas histórias. Sim, ele é um orador dinâmico. Sim, ele tem carisma. Mas, não, ele não ofereceu “entretenimento”. Não, ele não se especializou em manobras colossais de manipulação insensata. Sequer utilizou o tipo de tática retórica que estou usando nessa aliteração e nessas sentenças paralelas (ou se o

fez, eu não percebi). Pelo contrário, ele apresentou um argumento. Após o encontro, 300 fitas cassete de sua palestra foram vendidas em poucas horas. Outras 500 foram produzidas e vendidas também.

36 Bill Watterson, de Calvin and Hobbes (1995), reproduzido em Insight (informativo do Institute for Advanced Studies in Culture, Center on Religion and Democracy da Universidade de Virgínia), outono de 2004, p. 5.

37 Considerando que há muitos cristãos que apreciam debates, para mim foi um prazer descobrir que Stackhouse também considera o debate um veículo fraco para o evangelho. Ele os chama de "encontros de poderes entre campeões", e pergunta: "Como algum meio de poder pode transmitir a graça do evangelho?". E então observa: "Dorothy L. Sayers comentou: 'A controvérsia é ruim para o espírito, mas aviva a inteligência', porém, o debate religioso público parece ser fatal tanto para a alma quanto para a mente" (STACKHOUSE. Humble Apologetics, p. 220-21, citando REYNOLDS, Barbara. Dorothy L. Sayers: Her Life and Soul. Nova York: St. Martin's/Griffith, 1993, p. 82).

38 Stackhouse descreve um apologista durante o período aberto a perguntas: "Ele foi condescendente com questionadores cristãos amigáveis, interrompendo-os a fim de reposicionar suas perguntas da forma como acreditava serem aperfeiçoadas. Qualquer questionador crítico era recebido com impaciência palpável e uma resposta muito prolixa, sem oportunidade de tréplica. Foi, na minha opinião, um exemplo vergonhoso de um palestrante egoisticamente desconectado de sua plateia" (Humble Apologetics, p. 144).

Capítulo 6: Não entendo

39 Alvin Plantinga diz: "É difícil encontrar muita coisa por meio do argumento ou da evidência não circular em favor da existência de Deus". ("A Christian Life

Partly Lived”. In: CLARK, Kelly James, org. Philosophers Who Believe: The Spiritual Longings of Eleven Leading Thinkers. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 69).

40 Na verdade, o argumento em uma forma muito básica não exige 24 páginas; Peter Kreeft e Ronald K. Tacelli o fazem em menos de três. Para defender o argumento com algum rigor, no entanto, 24 páginas é apenas o mínimo. Veja KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. Handbook of Christian Apologetics: Hundreds of Answers to Crucial Questions. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994, p. 58-60.

41 MORELAND, J. P. Scaling the Secular City. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1987, p. 42.

42 Minhas reservas a respeito do valor dos argumentos racionais são muito semelhantes àquelas expressadas por Pascal. Douglas Groothuis as identifica desta forma: “1. Provas metafísicas da existência de Deus estão distantes da razão pelo fato de serem embaralhadas ou complexas. 2. O que está distante da razão tem ‘pouco impacto’ do ponto de vista existencial devido ao seu caráter complexo e conjetural; teme-se cometer um erro no raciocínio. 3. Desse modo, as provas metafísicas têm pouco impacto existencial. 4. O verdadeiro conhecimento de Deus (isto é, o entendimento relevante do ponto de vista religioso) não pode estar distante da razão ou ter pouco impacto existencial (implícito). 5. Portanto, as provas metafísicas não podem transmitir qualquer conhecimento verdadeiro de Deus” (“Are Theistic Arguments Religiously Useless? A Pascalian Objection Examined”. Trinity Journal, 1994, p. 151). Concordo com as três primeiras afirmações, mas estou relutante em aceitar a quarta e a quinta.

Minha inquietação não é tanto com a fundamentação ou solidez dos argumentos abstratos, mas se eles são capazes de convencer alguém além de alguns poucos céticos. Veja as observações feitas por George Mavrodes, que cito no capítulo 5

(p. 73). Apenas cinco entre os 20 filósofos cristãos que relatam como vieram a crer em Cristo mencionam a razão como o principal fator: veja CLARK, Kelly James, org. Philosophers Who Believe: The Spiritual Journeys of Eleven Leading Thinkers. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, e MORRIS, Thomas V., org. God and the Philosophers: The Reconciliation of Faith and Reason. Nova York: Oxford University Press, 1994. Um destes, C. Stephen Evans, chega a dizer que "poucos (talvez nenhum) vêm à fé principalmente por provas ou argumentos" (em MORRIS. God and the Philosophers, p. 92).

Os cristãos que estão em busca de mais justificativas para o que já creem podem, naturalmente, receber grande ajuda. De qualquer maneira, os cristãos que discordam das minhas reservas e das de Pascal a respeito do valor do argumento racional podem encorajar-se com a análise de Groothuis: ele examina cada uma das cinco reservas de Pascal e rejeita todas elas.

43 R. Douglas Geivett, "Is Jesus the Only Way?", em Jesus Under Fire, org. Michael Wilkins e J. P. Moreland (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1995), p. 189-200. Veja também a discussão posterior de Geivett sobre o argumento Kalam em To Everyone an Answer: A Case for the Christian Worldview (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004), p. 61-76. A história desse argumento encontra-se em William Lane Craig, The Kalam Cosmological Argument (Londres: Macmillan, 1979), p. 1-60.

44 SWINBURNE, Richard. The Existence of God. Oxford: Oxford University Press, 1979.

45 Os cristãos que se atraem por argumentos abstratos muitas vezes são – ou acreditam que são – bastante inteligentes. Sua habilidade no pensamento abstrato é uma tentação à arrogância e ao excesso de confiança. Não é necessário ceder à tentação, é claro, mas acreditar que se tem uma defesa particularmente forte de algum detalhe da fé cristã torna mais fácil o menosprezo por aqueles que não conseguem acompanhar o argumento ou, quando o fazem, continuam sem ser

convencidos.

46 WILSON, John. “Intoxicated with Tomatoes”. In: Books and Culture, maio/junho de 2004, p. 5. Wilson cita a obra de Eire: Waiting for Snow in Havana, avaliado por Miroslav Volf em Books and Culture, janeiro/fevereiro de 2004. Wilson continua e cita a “Ode to the Tomato” [Ode ao tomate], um poema alegre de Pablo Neruda, e comenta que a prova da existência de Deus não é o tomate em si, mas “o tomate como visto pelo poeta Pablo Neruda, um criador feito à imagem do Criador, e como recebido por nós, ‘subcriadores’ também” (ibid.) Esse argumento é reminiscente do argumento estético de Kreeft e Tacelli para a existência de Deus: “A música de Johann Sebastian Bach existe. Portanto, deve existir um Deus. Ou você percebe isso ou não percebe” (KREEFT; TACELLI. Handbook of Christian Apologetics, p. 81).

47 Madeleine L’Engle parece concordar. Kelly Monroe a cita: “No extremo da complexidade, não nos deparamos com um argumento, mas, como disse Madeleine L´Engle no Fórum California Veritas: ‘com uma luz tão adorável que os que a contemplam serão atraídos à sua presença’. E nessa luz tudo se torna claro” (Kelly Monroe, do prólogo de um próximo livro).

48 Paul Chamberlain destaca em uma comunicação pessoal que se aquele com quem o cristão está conversando é um ateu convicto, então um argumento para o teísmo pode bem ter “o potencial de estabelecer a estrutura na qual uma mensagem a respeito de Jesus (Deus revelado na forma humana) faça sentido”.

49 Christian Smith e Melinda Lundquist Denton citam e resumem a visão que os adolescentes têm de Deus: “Resumindo, Deus é como uma combinação entre um Mordomo Divino e um Terapeuta Cósmico: está sempre disponível, trata de quaisquer problemas que surjam, ajuda profissionalmente seu povo para que se sintam melhores a respeito de si mesmos, e, durante o processo, não tem um envolvimento pessoal excessivo” (Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers. Nova York: Oxford University Press, 2005, p.

165).

50 Essas perguntas originam-se de pesquisas simples conduzidas nessas instituições pouco antes de minha palestra “Why Should Anyone Believe Anything at All?”.

51 STACKHOUSE, John G. Jr. Humble Apologetics. Nova York: Oxford University Press, 2002, p. 43. Ele também cita Frederica Mathewes-Green, que observa diversos erros embaraçosos nas principais publicações americanas, como The Washington Post, Harper’s e Newsweek. Esta última, por exemplo, retrata “Jesse Jackson de mãos dadas com Bill e Hillary Rodham Clinton ‘recitando o Salmo 51, a oração de Davi por misericórdia depois de ter sido seduzido por Bate-Seba’”; (STACKHOUSE. Humble Apologetics, p. 43-44, citando MATHEWES-GREEN, Frederica. “Psalm 23 and All That”. In: Christianity Today, 7 de fevereiro de 2000, p. 82).

52 Veja SCHAEFFER, Francis A. The Mark of a Christian. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1968, para uma exposição mais abrangente desse tema.

Capítulo 7: Que ideia absurda!

53 Por naturalista eu me refiro à aquele que acredita que a natureza (matéria) é tudo o que existe, e não ao que aprecia criaturas tímidas da floresta!

54 Elaborei e construí sobre essa definição em SIRE, James W. Naming the Elephant: Worldview as a Concept. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004; e a usei na identificação das cosmovisões do teísmo, do deísmo, do naturalismo, do niilismo, do monismo panteístico oriental, do pensamento da

Nova Era e do pós-modernismo em The Universe Next Door, 4ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004.

55 WHITEHEAD, Alfred North. Science and the Modern World. Nova York: Mentor, 1951, p. 49.

56 WAINWRIGHT, William J. “Skepticism, Romanticism and Faith”. In: MORRIS, Thomas V, org. God and the Philosophers: The Reconciliation of Faith and Reason. Nova York: Oxford University Press, 1994, p. 85.

57 Para uma elaboração mais abrangente dessa cosmovisão e de outras, veja SIRE. Universe Next Door, que detalha as cosmovisões do teísmo, do deísmo, do naturalismo, do niilismo, do existencialismo, do monismo panteísta oriental, do pensamento da Nova Era e do pós-modernismo.

58 SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 165.

59 NAGEL, Thomas. The Last Word. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 130. Citando o filósofo John Lucas, o filósofo cristão Alvin Plantinga afirma que “o naturalismo filosófico” é hoje a ortodoxia do mundo intelectual ocidental (PLANTINGA. “Darwin, Mind and Meaning”, <http://www.ucsb.edu/fscf/library/plantinga/dennett.html>).

60 “My Pilgrimage from Atheism to Theism”, entrevista de Gary R. Habermas com Antony Flew, aparece no exemplar Winter 2005 de Philosophia Christi, uma publicação sobre filosofia cristã, <www.biola.edu/philosophiachristi>.

61 WOODWARD, Thomas. Doubts About Darwin: A History of Intelligent Design. Grand Rapids, Mich.: Baker, 2003, faz esta observação: “A porcentagem do núcleo duro do sentimento evolucionista nos Estados Unidos – aqueles que acreditam na macroevolução sem qualquer orientação inteligente – foi medida pelas pesquisas do Gallup como relativamente pequena. Durante os últimos 15 anos, Gallup tem registrado repetidamente a porcentagem daqueles que sustentam uma visão da ‘criação recente’ (vagamente descrita pelo Gallup) – 40% a 45% – enquanto o ponto de vista da ‘evolução guiada por Deus’ somou outros 40% a 45%. A terceira categoria, que defende uma evolução estritamente naturalista, sem qualquer participação de uma inteligência pré-existente, paira em torno ou um pouco abaixo de 10%” (p. 197).

62 HUXLEY, Julian. Evolution After Darwin (1960), citado por WOODWARD. Doubts About Darwin, p. 34.

63 HUXLEY, Julian. “The Emergence of Darwinism”. In: TAX, Sol, org. Evolution of Life. Chicago: University of Chicago Press, 1960, p. 1, conforme citado em WOODWARD. Doubts About Darwin, p. 35.

64 DAWKINS, Richard. The Blind Watchmaker. Nova York: W. W. Norton, 1998, p. 6.

65 Michael Behe, em um relato fascinante de sua própria mudança de opinião de uma forma primitiva de evolução teísta ao design inteligente, afirma: “O materialismo é a água onde nadam [a maioria dos cientistas], o dogma cuja falsidade é literalmente inimaginável” (“Scientific Orthodoxies”. In: First Things, dezembro de 2005, p. 100). Essa visão de um proponente do design inteligente é confirmada pelo zoólogo de Harvard, Richard Lewontin (veja a citação nas p. 115-16 deste livro).

66 Alguns criacionistas bíblicos estão dispostos a reconhecer que a terra é antiga, mas sustentam que os seres humanos foram criados sem ancestrais não humanos.

67 Os resultados práticos, no entanto, costumam ser os mesmos em grande parte. A mente universitária não está aberta a ouvir coisa alguma a respeito da relação entre Deus e o mundo "natural".

68 Richard Dawkins fez essa afirmação – frequentemente citada (e criticada) – em uma crítica literária no New York Times, 9 de abril de 1989. Sua réplica crítica pode ser encontrada em "Ignorance Is No Crime". In: Free Inquiry Magazine 21, nº 3, ou em <www.secularhumanism.org>. Ele comenta: "É claro que a afirmação soa arrogante, mas a clareza sem disfarce é facilmente confundida com arrogância. Após um exame cuidadoso da afirmação, ela parece ser moderada, quase evidentemente verdadeira". Dawkins então explica por que, acrescentando "tormento, intimidação e lavagem cerebral" ao conjunto de causas para não se crer no relato evolucionista. Entretanto, a ideia de que sua ultrajante afirmação é "quase evidentemente verdadeira" ilustra o poder do compromisso do próprio Dawkins com a teoria evolucionista; não demonstra que a afirmação ou o restante de seu artigo "Ignorance is no Crime" sejam "quase evidentemente verdadeiros".

69 Em agosto de 2004, "pela primeira vez na história, um artigo favorável ao design inteligente foi publicado em uma renomada revista de biologia", Tom Woodward escreve em C. S. Lewis Society Letter, outubro de 2004; o artigo de Steve Meyer, após ter passado pelo crivo de três juízes cientistas, apareceu na Proceedings of the Biological Society of Washington. Uma pós-publicação "a fúria irrompeu em setembro, quando a Biological Society se distanciou do artigo, afirmando não apenas que ele não deveria ter sido publicado, mas também que nenhum artigo do tipo seria publicado no futuro". A carreira do editor-cientista da Proceedings foi imediatamente colocada em risco. Woodward

recomenda aos leitores o site www.apologetics.org para vários relatórios sobre a controvérsia.

70 Quando este livro foi encaminhado para impressão, este era um tema em destaque na academia e nos periódicos. Não resta dúvida de que, tanto no nível popular quanto no profissional, o design inteligente invadiu o campo da ciência. A Cambridge University Press publicou Debating Design, organizado por William Dembski e Michael Ruse; a Michigan State University Press publicou Darwinism, Design and Public Education, organizado por John Angus Campbell e Stephen C. Meyer. No nível popular, 25 estações públicas de rádio transmitiram Unlocking the Mystery of Life. A matéria de capa "Evolution Wars" da revista Time (15 de agosto de 2005), p. 26-35, avaliou a controvérsia e observou a inclusão do design inteligente no debate da evolução, fazendo uma breve apresentação de Michael Behe. Hunter Rawlings, presidente em exercício da Cornell University, "dedicou todo seu discurso inaugural a um ataque exaltado ao design inteligente" (Chicago Tribune, 25 de novembro de 2005, Seção 1, p. 9). Frustrados com a recusa da comunidade acadêmica de encarar com seriedade o design inteligente, os alunos da Cornell e de outras 25 universidades formaram uma organização para expressar publicamente as questões e até resolver a controvérsia. Chama-se IDEA (Intelligent Design and Evolution Awareness), um acrônimo criativo que enfatiza a inteligência de se conversar sobre inteligência (Ibid. p. 1, 9).

71 Woodward descreve a história da controvérsia em Doubts About Darwin.

72 Ibid., cap. 1. O defensor do design inteligente William A. Dembski explica em "Winning by Design", Touchstone, julho/agosto de 2004, p. 54-59 como os defensores do design inteligente podem responder a seus críticos da forma mais eficaz. Seu conselho mostra o mesmo conjunto de preocupações e respostas retóricas apresentado no presente livro.

73 Encontrei grande ajuda para compreender Gênesis 1–2 em BLOCHER,

Henri. In the Beginning: The Opening Chapters of Genesis. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984.

74 LEWIS, C. S. The Letters of C. S. Lewis. LEWIS, W. H., org. Londres: Geoffrey Bles, 1966, p. 287.

75 John Stackhouse diz: “Devemos evitar as zonas populares da apologética localizadas no início e no final da Bíblia – ‘criação versus evolução’ em uma extremidade e os temas apocalípticos do juízo e resgate, céu e inferno na outra – se nosso próximo deseja examinar conosco o ponto central da Bíblia: o testemunho do evangelho sobre Jesus” (STACKHOUSE, John G. Jr. Humble Apologetics: Defending the Faith Today. Nova York: Oxford University Press, 2002, p. 190). O problema é que muitas vezes devemos ter algum tipo de resposta para aqueles que contestam a fé cristã com base em sua crença na evolução naturalista.

76 O Dr. Thomas Woodward é professor de história da ciência, comunicação e teologia no Trinity College da Flórida, e autor de Doubts About Darwin. Ele é também o fundador e diretor da C. S. Lewis Society. Como apologista ativo nos campi universitários dos Estados Unidos e da Europa, ele costuma destacar o design inteligente como uma forma de interessar ateus e agnósticos para que considerem a possibilidade de uma origem e um sentido divinos para o Universo. Em correspondência pessoal, ele respondeu a um esboço anterior deste capítulo. Embora concorde de forma geral com grande parte da minha avaliação sobre a questão, ele desafia minha rejeição ao design inteligente como uma ferramenta útil de apologética para a maioria dos cristãos. Aqui está parte de sua crítica, publicada com sua permissão:

“Quando um naturalista metafísico está interagindo conosco, penso que nosso mais forte encorajamento vem de Romanos 1.20 e dos eventos atuais (todo questionamento do fenômeno da macroevolução como uma teoria científica crível por tantos cientistas de destaque, muito além dos Behes, Johnsons e

Dembskis), para nos erguermos e buscar com vigor o ‘enigma do design’. Todo aluno universitário cristão deveria memorizar a afirmação de Dawkins (no primeiro capítulo de O relojoeiro cego): ‘A biologia é o estudo de coisas complicadas que dão a impressão de terem sido desenhadas para um propósito’. A realidade do design, portanto, e a percepção natural do design não são a questão. A questão é se uma explicação naturalista crível de como surgiu o design está disponível. Qualquer pessoa que conheça os números neste momento – quantos cientistas estão começando a fugir do naufrágio do navio da mutação/seleção como motor da macroevolução – deveria entender este tópico como uma das áreas mais frutíferas de discussão que se pode ter. [Aqui, Woodward refere-se ao primeiro capítulo de MÜLLER, GERD B.; NEWMAN, Stuart A., org. Origination of Organismal Form. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003.]

Vamos imaginar que eu esteja testemunhando a meu colega de quarto, aluno do segundo ano de inglês, matemática ou até química na Universidade Ohio State, e ele diga: ‘Bem, ouvi a respeito desse cara, o Behe. Meu pai me contou tudo sobre o assunto e como ele foi refutado’. O cristão que assistiu Unlocking the Mystery of Life [vídeo que explica o design inteligente] e talvez tenha feito algumas leituras superficiais e aprendido os fundamentos desse conflito deve mudar de assunto e humildemente dizer: ‘Há muito mais nessa questão do que você imagina, mas vamos mudar de assunto’, ou alguma resposta do tipo?

Naturalmente, cada pessoa difere em seu passado e conhecimento, mas penso que, por haver hoje literatura tão rica [veja alguns exemplos nas p. 174-77] e um diálogo tão denso e interessante em andamento, o cristão deveria entrar e buscar a discussão. Ele deve envolver-se de forma vigorosa no tema com seu colega de quarto, presumindo-se que o evangelho já tenha sido apresentado e que a pessoa de Jesus já tenha sido adequadamente enfatizada como o tópico mais importante de estudo.

A razão pela qual penso que o cristão deve envolver-se em vez de evitar tal discussão é que aqui, exclusivamente nas culturas ocidentais do século 21, a

metafísica é apresentada como uma peça chave no suposto “conhecimento público” científico básico.

Em outras palavras, a plausibilidade mínima da macroevolução ou dos cenários naturalistas da ‘origem da vida’ não é mais vista apenas como uma questão de dócil aceitação da opinião do especialista, mas uma questão de plausibilidade pública. Neste momento, há uma crise de plausibilidade muito pública/nacional, e uma conversa concomitante que foi despertada sobre esse mesmo tema. Essa tendência não está regredindo e acho que você pode seguir os sinais. Quando muito, a cada ano a célula é mais vista como uma fábrica automatizada – obstruída e abarrotada, com níveis sobre níveis de complexidade molecular.

Em outras palavras, o jovem ateu lá do dormitório deveria ser desafiado a assistir aos vídeos Unlocking the Mystery of Life ou The Privileged Planet naquela mesma noite, e os dois companheiros de quarto devem então ter uma discussão sobre a “gama de opções” para que um aluno reflexivo lide com toda essa área e as implicações espirituais. Visto que Deus já está endossando a ideia (Rm 1.20) de ter pré-programado a natureza para sussurrar “estou aqui” intuitivamente às pessoas que admiram a complexidade da natureza, por que deveríamos conceder um passe livre, uma ‘zona livre de aborrecimentos’ aos evolucionistas (e aqui incluo os evolucionistas teístas) e sua ideia de que o acaso e a necessidade podem explicar toda essa complexidade funcional?”

Woodward compara o uso da questão da evolução pelos cristãos à referência de Jesus ao desabamento da torre de Siloé e à morte de pessoas inocentes. Eventos recentes e temas populares vistos à luz da fé cristã destacam a relevância e a verdade do entendimento cristão da realidade.

Os vídeos Unlocking the Mystery of Life e The Privileged Planet podem ser obtidos em <www.illustramedia.com>.

77 EDGAR, William. Reasons of the Heart: Recovering Christian Persuasion. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1996, p. 112.

Capítulo 8: Quem sou eu para julgar?

78 Há uma versão mais curta dessa história em SIRE, James W. The Universe Next Door. 4ª ed. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004; veja esp. o cap. 9.

79 SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 165. Todo esse livro, um tour de force de análise sociológica relevante, deve ser leitura obrigatória de todos os cristãos que tenham a responsabilidade de criar e influenciar jovens.

80 Essa tendência rumo ao relativismo não é nova. Martin E. Marty e Daniel Boorstin já a observavam na década de 1960. Marty escreve: “A cultura americana é declaradamente sincretista. Muitas verdades são apresentadas por um povo pluralista e a maioria dessas verdades é concebida, pode ser apropriada em um consenso. Uma cultura mista torna-se, então, uma cultura imprecisa. ‘Esperamos frequentar uma “igreja de nossa escolha”, e ao mesmo tempo estar sujeitos à sua direção; venerar Deus e ser Deus. (...) Esperamos que todos tenham uma fé profunda na religião de Deus, sem menosprezar outros por não crerem’” (MARTY, Martin E. Varieties of Unbelief. Garden City, N.Y.: Image Books, 1966, citando BOORSTIN, Daniel. The Image. Nova York: Atheneum, 1962, p. 4).

81 Ibid., p. 145.

82 Ibid., p. 144.

83 Ibid.

84 Harold Netland, um ex-aluno de John Hick, analisou de forma brilhante a tentativa de Hick de justificar sua noção de “pluralismo” (o termo de Hick para o que entendo ser uma tentativa sofisticada de evitar as objeções óbvias ao relativismo). De Netland, veja Dissonant Voices. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991, e Encountering Religious Pluralism: The Challenge to Christian Faith and Mission. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001.

85 ARISTÓTELES. Metafísica, 1.1.

86 Escrevi a esse respeito nos cap. 5 e 6 de Chris Chrisman Goes to College. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 45-68.

87 “Ten Myths: Campus Is Engaged”, um relatório circulado por Mark e Gwen Potter, membros do time da InterVarsity Christian Fellowship (outono de 1991).

88 Veja o capítulo 11 abaixo para uma explicação mais completa dessa corrida por fora, ou meu livro Why Should Anyone Believe Anything at All? Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994, para uma obra completa sobre o tema.

89 Veja, por exemplo, Netland, Dissonant Voices, e as dissertações nas seguintes coleções: MALACHOWSKI, Alan R., org. Reading Rorty: Critical Responses to “Philosophy and the Mirror of Nature” (and Beyond). Oxford: Blackwell, 1990,

e BRANDOM, Robert R., org. Rorty and His Critics. Oxford: Blackwell, 2000.

90 BUDZISZEWSKI, J. “Practical Responses to Relativism and Postmodernism, Part 1”. In: COPAN, Paul; LULEY, Scott B.; WALLACE, Stan, org. Philosophy: Christian Perspectives for the New Millennium. Addison, Tex.: CIM / Norcross, Ga.: RZIM, 2003, p. 94.

91 Ibid.

92 RORTY, Richard. Philosophy and Social Hope. Londres: Penguin, 1999.

93 Na mesma linha de pensamento, o filósofo Roy Clouser comenta sobre o compromisso pré-teórico de algumas formas tanto de hinduísmo quanto de budismo: “Visto que a percepção e a lógica conduzem à a crença na existência de muitas coisas e/ou a sustentam, todas as percepções são rejeitadas como ilusões e todos os conceitos são rejeitados como falsos. (Deste modo, as próprias ideias que pensadores como Aristóteles ou Descartes entenderam como verdade infalível são consideradas infalivelmente falsas!)”. (CLOUSER, Roy. Knowing with the Heart: Religious Experience and Belief in God. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999, p. 78).

94 Ibid., p. 62.

95 LEWONTIN, Richard. “Billions and Billions of Demons”, análise de The Demon-Haunted World: Science as a Candle in the Dark de Carl Sagan, New York Review of Books, 9 de janeiro de 1997, citado de <www.csus.edu/indiv/m/mayesgr/Lewontin1.htm>. Veja os comentários de Victor Reppert em C.S. Lewis’s Dangerous Idea: In Defense of the Argument

from Reason. Downers Grove, Ill.: 2003, p. 125.

Capítulo 9: O coração quer o que quer

96 AGOSTINHO. Confissões, 10.23.

97 PEARCEY, Nancy. Total Truth. Wheaton, Ill.: Crossway, 2004, p. 321.

98 STACKHOUSE, John G. Jr. Humble Apologetics: Defending the Faith Today. Nova York: Oxford University Press, 2002, p. 146.

99 Por exemplo, a afirmação ousada de Jesus em Mateus 11.27 é feita depois de sua referência às curas que realizara em 11.1-6.

100 PEARCEY. Total Truth, p. 1.

101 Uma resposta séria à primeira delas já foi sugerida nos capítulos 1 e 3 (p. 27, 52-54).

A segunda é mais difícil de responder pois traz um enigma. Se a história for entendida como uma lenda ou mito, é claro, não há problema. Mas se ela for aceita de forma literal, como Caim poderia ter uma esposa se ele e Abel eram os únicos filhos de Adão e Eva? A Bíblia, de fato, nos conta que eles tiveram outros filhos (Gn 5.4); sua esposa poderia ter sido uma irmã. O tabu do incesto

começou proibindo relações sexuais entre pais e filhos e somente mais tarde foi estendido às relações entre irmão e irmã. No entanto, ao invés de optar por essa abordagem antropológica, creio que seja melhor simplesmente reconhecer que a Bíblia não faz qualquer tentativa de lidar com essa questão e, portanto, você também não tentará. Devemos lidar com o que texto antigo afirma, não com o que ele omite. É certo que se houvesse algo importante a ser aprendido na forma como Caim encontrou sua esposa, teríamos sido informados. A questão dos capítulos iniciais de Gênesis é lidar com a origem premeditada da vida humana conforme criada por Deus. A riqueza das implicações do que nos é revelado a respeito das origens do homem raramente se esgota com todas as nossas tentativas de compreendê-las. Para mais detalhes sobre a questão específica da esposa de Caim, veja KAISER JR., Walter C.; DAVID, Peter H.; BRUCE, F. F.; BRANCH, Manfred T. Hard Sayings of the Bible. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996, p. 101. Para um comentário particularmente sensato, veja "Human Origins", em KIDNER, Derek. Genesis: An Introduction and Commentary. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1967, p. 26-31.

O terceiro comentário é, acima de tudo, um desafio à sua autoridade e, na verdade, é mal direcionado. Sua resposta pode ser algo do tipo: "Não é com meu julgamento que você deve se preocupar. Mas sim com o que diz a Bíblia, ou Jesus na Bíblia. Veja comigo o que a Bíblia ou Jesus dizem". Em seguida, você pode lhes mostrar passagens como João 3.16-21; 5.28-30; Mateus 25.31-46; Lucas 13.1-5. A ênfase, contudo, deve estar no perdão gracioso de Deus; ninguém está necessariamente condenado a terminar no inferno. Veja os comentários sobre o inferno no capítulo 4 (p. 49-52).

102 BUDZISZEWSKI, J. "Practical Responses to Relativism and Postmodernism, Part 2". In: COPAN, Paul; LULEY, Scott P.; WALLACE, Stan, org. Philosophy: Christian Perspectives for the New Millennium. Addison, Tex.: CIM / Norcross, Ga.: RZIM, 2003, p. 104-5.

103 Ibid., p. 105-6.

Capítulo 10: Estou vendo que você é muito religioso

104 SCHNABEL, Eckhard J. Paul and the Early Church, vol. 2 de Early Christian Mission. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004, p. 1178.

105 Para uma análise mais rica e sofisticada do discurso de Paulo aos filósofos atenienses, veja a análise magistral de Schnabel, ibid., p. 1392-1404.

106 BLAIKLOCK, E. M. The Acts of the Apostles. Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1959, p. 138.

107 SCHNABEL. Paul and the Early Church, p. 1399-1400.

108 BLAIKLOCK. Acts of the Apostles, p. 141.

109 SCHNABEL. Paul and the Early Church, p. 1401.

110 Sócrates foi julgado no Areópago séculos depois (KEENER, Craig. The IVP Bible Background Commentary. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993, p. 373).

111 International Herald Tribune, 18 de novembro de 1991, p. 1.

112 SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers. Nova York: Oxford University Press, 2005.

113 BOFFETTI, Jason. “How Richard Rorty Found Religion”. In: First Things, maio de 2004, p. 29.

114 DENNETT, Daniel. Darwin’s Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life. Nova York: Simon & Schuster, 1995, p. 535-36.

115 Richard Dawkins tenta justificar a “arrogância e intolerância” dessa afirmação em “Ignorance Is No Crime”. In: Free Inquiry, 21, nº. 3, onde diz: “É claro que soa arrogante, mas a clareza sem disfarce é facilmente mal interpretada como arrogância. Examine atentamente a afirmação e ela parecerá moderada, quase evidentemente verdadeira” (disponível em <www.secularhumanism.org/library/fi/dawkins21_3.html>).

Capítulo 11: Mas por que devo acreditar em algo?

116 A ideia de uma pesquisa surgiu em 1989 por Mark e Gwen Potter, membros da equipe da InterVarsity que serviam nas universidades Bryn Mawr e Harverford.

Capítulo 12: A construção de argumentos eficazes

117 Lewis reconheceu o valor apologético do aprofundamento acadêmico de cristãos: “O primeiro passo para a re-conversão deste país [Inglaterra] é uma série, produzida por cristãos, que possa derrubar a Penguin e a Thinkers Library em seu próprio terreno” (LEWIS, C. S. “Christain Apologetics”. In: HOOPER, Walter, org. God in the Dock: Essays on Theology and Ethics. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1970, p. 101).

118 Lyle W. Dorsett chama Lewis de “evangelista literário” (The Essential C. S. Lewis. Nova York: Collins, 1988, p. 8); e o próprio Lewis certa vez comentou que “qualquer quantidade de teologia pode ser contrabandeada para as mentes humanas sob o disfarce de romance sem que eles percebam” (LEWIS, W. H., org. The Letters of C. S. Lewis. Londres: Geoffrey Bles, 1966, p. 167).

119 Esse padrão de “apologética pressuposicional” deriva de Cornelius Van Til. Francis Schaeffer a aprendeu com Van Til e depois modificou-a. Eu a peguei de Schaeffer. A explicação mais clara do método de Van Til e de seus fundamentos teóricos encontra-se na obra de Greg L. Bahnsen, Van Til’s Apologetic: Readings and Analysis. Phillipsburg, N.J.: P&R Publishing, 1998, esp. p. 489-520.